

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**A ATIVIDADE PRODUTORA DE ARTIGOS DE COURO E AÇO EM  
CACHOEIRINHA-PE: classificação, condições de trabalho e  
dimensionamento**

**Rosiane Elias de Macêdo**

Recife, março de 2013.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**A ATIVIDADE PRODUTORA DE ARTIGOS EM COURO E AÇO DE  
CACHOEIRINHA-PE: Classificação, condições de trabalho e  
dimensionamento**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado e Doutorado em Geografia no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação da Professora Dra. Edvânia Tôrres Aguiar Gomes, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Recife, março de 2013.

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4-985

M141a Macêdo, Rosiane Elias de.  
A atividade produtora de artigos em couro e aço de Cachoeirinha –  
PE: classificação, condições de trabalho e dimensionamento / Rosiane  
Elias de Macêdo. – Recife: O autor, 2013.  
127 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edvânia Tôrres Aguiar Gomes.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco.  
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2013.  
Inclui bibliografia, apêndices e anexos.

1. Geografia. 2. Produção – Artigos de couro. 3. Aço. 4.  
Cachoeirinha(PE). I. Gomes, Edvânia Tôrres Aguiar. (Orientadora). II.  
Título.

910 CDD (22. ed.)

UFPE (CFCH2013-67)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**A ATIVIDADE PRODUTORA DE ARTIGOS DE COURO E AÇO EM  
CACHOEIRINHA-PE: Classificação, condições de trabalho e  
dimensionamento**

**Rosiane Elias de Macêdo**

**Banca Examinadora:**

---

**Profa. Dra. Edvânia Torres Aguiar Gomes – UFPE (orientadora)**

---

**Prof. Dr. Cláudio Jorge Moura de Castilho (Examinador interno)**

---

**Prof. Dr. Ruskin Marinho de Freitas (Examinador externo)**

Recife, abril de 2013.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>I</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>II</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>III</b>
<b>LISTA DE SIGLAS</b>	<b>IV</b>
<b>LISTRA DE ILUSTRAÇÕES</b>	<b>V</b>
<b>MAPAS</b>	<b>V</b>
<b>FIGURAS</b>	<b>V</b>
<b>GRÁFICOS</b>	<b>V</b>
<b>QUADROS</b>	<b>VI</b>
<b>FOTOS</b>	<b>VII</b>
<b>PAINEIS</b>	<b>VII</b>
<b>LISTA DE ANEXOS</b>	<b>VIII</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>1. APONTAMENTOS TEÓRICOS</b>	<b>21</b>
1.1 Sistema do Capital x Trabalho - Espaço	21
1.2 Desigualdade Regional e Processos Produtivos Locais	33
1.2.1 Desigualdade e Desenvolvimento Regional	33
1.2.2 Processos Produtivos Locais no Contexto Atual	35
<b>2. CONHECENDO AS ESPECIFICIDADES DO MUNICÍPIO DE CACHOEIRINHA-PE E A SUA ATIVIDADE EM COURO E AÇO</b>	<b>42</b>
2.1 O município de Cachoeirinha – PE	42
2.1.1 Localização do município	42
2.1.2 Aspectos demográficos	45
2.1.3 Aspectos físico-naturais	47

2.1.4	Principais fatores socioeconômicos do município	48
2.2	Apresentação da atividade em couro e aço no município de Cachoeirinha-PE	50
2.2.1	A atividade no contexto atual	50
2.2.2	Origem e evolução	58
2.2.3	O papel do Estado na atividade em questão	61
<b>3.</b>	<b>ANÁLISE E REAVALIAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO DA ATIVIDADE EM COURO E AÇO EM CACHOEIRINHA-PE</b>	<b>64</b>
3.1	O método de trabalho artesanal	65
3.2	A divisão do trabalho e a atividade manufatureira	66
3.3	O emprego das máquinas na produção (Fábrica)	68
3.4	Caracterização do processo de produção da atividade em couro e aço de Cachoeirinha-PE	69
3.4.1	Modo de produção	70
3.4.2	Os instrumentos de trabalho	76
3.5	Remuneração e condições de trabalho	82
<b>4.</b>	<b>A ESPACIALIZAÇÃO DA REDE FORMADA PELA ATIVIDADE EM COURO E AÇO DE CACHOEIRINHA – PE</b>	<b>85</b>
4.1	Espacialização da atividade e produção do espaço urbano no município de Cachoeirinha-PE	85
4.1.1	A atividade e a produção do espaço urbano de Cachoeirinha –PE	85
4.1.2	A atividade no espaço rural e no distrito Cabanas	89
4.2	Espacialização da atividade na escala estadual e regional	93
4.3	Espacialização da atividade em escala nacional	98
4.4	Espacialização da atividade na escala internacional	103
	<b>CONCLUSÕES</b>	<b>105</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>110</b>
	<b>APENDÍCES</b>	<b>114</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>123</b>

## RESUMO

O presente estudo se propõe a refletir acerca da atividade econômica baseada na produção de artigos, sobretudo para montaria, em couro e aço no município de Cachoeirinha-PE. Partindo-se da perspectiva histórica da realização econômica do município, com ênfase nesse processo de produção foi elaborada uma caracterização da atividade do couro e aço segundo as distintas etapas de trabalho necessárias até chegar ao processo de comercialização dos artigos derivados para a montaria. As diferentes etapas desse processo produtivo foram contextualizadas segundo as condições de trabalho e atuação dos distintos agentes envolvidos, espacializando em diferentes escalas, os principais pontos (conectores) que formam a rede que a compõe. Nesta pesquisa há ênfase no modo de produção e a evolução dos instrumentos de trabalho, bem como nas condições de trabalho dos produtores considerando o sociometabolismo do capital em seus distintos marcos históricos, em especial dialogando com a tecnosfera e a psicosfera à luz da dinâmica do capitalismo contemporâneo. Nesse sentido, constata-se a superação da etapa da produção no sistema artesanal dos artigos de montaria em Cachoeirinha, como, ainda é reconhecido o estado de alienação dos trabalhadores locais. A plena inserção dessa cadeia produtiva originalmente artesanal e localizada em uma região periférica do nordeste brasileiro, aliada ao tipo de consumidor a que se dirige, em especial o esporte vaquejada e a atividade de lazer, num processo de globalização contemporâneo contribuiu significativamente para a realização da mais-valia corroborada pelo trabalho precário e alienado. Onde há uma pressão constante que vem convertendo o artesanato e a manufatura em escalas de industrialização com impactos socioeconômicos relevantes. A demanda desses artigos derivados do couro e do aço encontra-se cada vez mais na dependência de mercados externos, nacionais e internacionais, enquanto que a matéria-prima utilizada vincula-se aos demais estados da região nordeste e sudeste. No âmbito local esta atividade além de absorver a maior parte da PEA é um importante agente influenciador na configuração do espaço urbano de Cachoeirinha. Logo, tal atividade está atrelada a escalas cada vez mais amplas (inclusive já a escala internacional), característica esta também pertencente ao sistema do capital onde a fluidez passa a conectar lugares cada vez mais longínquos. Na elaboração desse trabalho, foi recorrido, principalmente, ao método dialético, de modo que, foram operacionalizados alguns de seus princípios, como o de contradição, conflito e permanente transformação da realidade; contidos tanto na abordagem teórica como na empírica. Foi também realizada uma intensa análise da literatura científica que acompanhou todo o desenvolvimento do trabalho, assim como coleta de dados referentes à atividade em pauta a partir, principalmente, de entrevistas e questionários aplicados a quatro grupos: os produtores, as costureiras, os comerciantes locais e os atravessadores. Além de visita de campo, que permitiu a identificação das principais áreas de produção e de comércio e registro de imagens consideradas relevantes. Enfim, o presente estudo apresenta a atividade produtora de artigos em couro e aço para montaria em Cachoeirinha-PE dentro do contexto do sistema vigente, identificando os processos e inter-relações de que se compõe a realidade abordada.

**Palavras-chaves:** Processos produtivos locais, couro e aço, artigos para montaria e Cachoeirinha-PE.

## ABSTRACT

The present study aims to reflect on the economic activity based on the production of articles, especially for riding, leather and steel in the county of Cachoeirinha-PE. Based on the historical perspective of economic achievement of the municipality, with emphasis this production process was developed to characterize the activity of the leather and steel according to the different stages of work necessary to reach the commercialization process of articles derived for the mount. The different stages of the production process were contextualized according to the working conditions and activities of the various agencies involved, spatializing at different scales, the main points (connectors) that form a network that is composed. This research emphasis is in production mode and the evolution of tools, as well as the working conditions of producers considering the social metabolism of the capital in its different landmarks, especially in dialogue with the technosphere and psychosphere the light of the dynamics of contemporary capitalism. In this sense, there is overcoming the stage of production system of handmade items Cachoeirinha, riding, as it is still recognized the state of alienation of local workers. The full integration of this productive chain originally handmade and located in a peripheral region of northeastern Brazil, coupled with the type of consumer you are addressing, especially vaquejada sport and leisure activity, a contemporary process of globalization has contributed significantly to the achievement of more asset corroborated by precarious work and alienated. Where there is a constant pressure that comes converting crafts and manufacturing on scales of industrialization with relevant socio-economic impacts. The demand for these articles derived from leather and steel is increasingly dependent on foreign markets, domestic and international, while the raw material used is linked to the other states of the northeast and southeast. Locally this activity besides absorbing most of the PEA is an important influencing agent in shaping the urban space Cachoeirinha. Therefore, this activity is linked to increasingly broader scales (including the already internationally), this feature also belongs to the system of capital where the flow passes connecting places increasingly distant. In preparing this work, was resorted mainly to the dialectical method, so that, were operationalized some of its principles, such as contradiction, conflict and constant transformation of reality; contained in both the theoretical and the empirical. Was also carried out an intensive analysis of the scientific literature that the entire development work, as well as collecting activity data in question from mainly from interviews and questionnaires administered to four groups: producers, seamstresses, local merchants and middlemen. In addition to field visits, which allowed the identification of the main areas of production and trade and registration of images deemed relevant. Finally, this study presents the activity producing leather and steel riding Cachoeirinha-PE within the context of the current system, identifying the processes and interrelationships that compose reality addressed.

**Keywords:** local productive processes, leather and steel, articles to mount and Cachoeirinha-PE.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço acima de tudo e de todos, ao Mestre dos Mestres, Jesus Cristo, o meu principal ponto de apoio, ao qual recorri em várias etapas de minha vida, a Ele dedico o mérito da vitória de mais uma etapa.

No mais, são muitas pessoas dignas de meus agradecimentos. A começar pelos meus companheiros amigos de graduação com os quais convivi até a especialização, desfrutando de momentos inesquecíveis e compartilhando angústias e conhecimentos, em especial a minha grande amiga Jeane Gomes.

Destaco também, nesse momento, a importância de uma pessoa muito importante na minha vida acadêmica, o professor e amigo Clélio Santos, este foi um dos principais responsáveis pelo despertar e estímulo do meu interesse pela vida científica, e, por conseguinte, no meu ingresso no curso de Mestrado.

A todos os professores do curso de Mestrado, meus sinceros agradecimentos, por terem contribuído pelo meu amadurecimento intelectual, em especial a professora Edvânia Tôrres, uma pessoa de incrível conhecimento, porém maior ainda é a sua simplicidade. Pessoa esta que me confiou a sua orientação sem ao menos saber do meu comprometimento.

Por último, mas de forma alguma menos importante, agradeço o apoio da minha amável família. Destaco a minha mãe, amor incondicional, o meu marido Júnior, a este agradeço também por entender a minha falta de atenção para com ele em muitos momentos, e aos meus sobrinhos, João Guilherme e Vinícius, cujas presenças são suficientes para me fazer sorrir.

A todos um muito **OBRIGADA!**

## **LISTRA DE SIGLAS**

<b>AACAC</b>	Associação dos Artesãos do Couro e do Aço de Cachoeirinha
<b>AMUPE</b>	Associação Municipalista de Pernambuco
<b>APLs</b>	Arranjos Produtivos Locais
<b>BNDES</b>	Banco Nacional de Desenvolvimento
<b>COOACAL</b>	Cooperativa dos Artesãos do Couro e do Aço de Cachoeirinha
<b>GTP APL</b>	Grupo de Trabalho Permanente para Arranjos Produtivos Locais
<b>IDH</b>	Índice de Desenvolvimento Humano
<b>IPEA</b>	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
<b>MDIC</b>	Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior
<b>OIT</b>	Organização Internacional do Trabalho
<b>PEA</b>	População Economicamente Ativa
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>PNDR</b>	Política Nacional de desenvolvimento Regional
<b>RDs</b>	Regiões de Desenvolvimento
<b>SEBRAE</b>	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
<b>SLPs</b>	Sistemas Locais de Produção
<b>SUDAM</b>	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
<b>SUDENE</b>	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

### MAPAS

01	O Município de Cachoeirinha – PE	44
02	Espacialização da atividade em couro e aço na cidade de Cachoeirinha – PE	87
03	Espacialização da atividade em couro e aço no município de Cachoeirinha – PE	91

### FIGURAS

01	Georreferenciamento dos possíveis APLs identificados no estado de Pernambuco	39
02	APLs Prioritários de Pernambuco do GTP-APL do MDIC em 2008	40
03	Localização do município de Cachoeirinha-PE	43
04	Cachoeirinha no corte topográfico de Pernambuco	47
05	Produção em regime de colaboração	72
06	Espacialização da atividade do couro e aço de Cachoeirinha-PE em Pernambuco	94
07	Espacialização da atividade do couro e aço de Cachoeirinha-PE na Região Nordeste	96
08	Fluxo da atividade do couro e aço de Cachoeirinha-PE no Brasil	100
09	Fluxo de vendas de mercadorias da atividade em couro e aço de Cachoeirinha-PE em escala internacional	104

### GRÁFICOS

01	População – Cachoeirinha (PE)	45
02	População Urbana – Cachoeirinha (PE)	45
		10

03	Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade Cachoeirinha (PE) – 2010	46
04	Número de tendas localizadas no espaço rural e no distrito Cabanas	90

## **QUADROS**

01	Características metodológicas da pesquisa	18
02	O mundo do trabalho está se transformando	29
03	Resumo das atividades abordadas	70
04	Pontos ligados a atividade do couro e do aço	88
05	Municípios pernambucanos fornecedores de mercadorias ao comércio ligado a atividade do couro e do aço em Cachoeirinha-PE	94
06	Municípios pernambucanos fornecedores de matéria-prima à atividade do couro e do aço em Cachoeirinha-PE	95
07	Estados nordestinos fornecedores de artigos ao comércio ligado a atividade do couro e do aço em Cachoeirinha-PE	96
08	Estados nordestinos fornecedores de matéria-prima à atividade do couro e do aço em Cachoeirinha-PE	97
09	Estados brasileiros fornecedores de matéria-prima à atividade do couro e do aço em Cachoeirinha-PE	98
10	Estados brasileiros fornecedores de mercadorias ao comércio ligado a atividade do couro e do aço em Cachoeirinha-PE	99

## FOTOS

01	Mulher trabalhando na produção de artigos de aço	52
02	Mulher trabalhando na produção de artigos de couro	52
03	Mulher cuja principal atividade econômica é a costura de peças de couro	53
04	Criança que já tem como atividade econômica a costura de peças de couro	53
05	Feira exclusiva dos artigos em couro e aço	54
06	Exposição de artigos de aço para a venda na feira	55
07	Exposição de selas para a venda na feira	55
08	Artesão que realiza todas as etapas de produção	73
09	Brídia	73
10	Trabalhadores em regime colaboração	74
11	Sela, um dos artigos mais famosos	75
12	Instrumentos simples de uso comum	76
13	Máquina de grande porte utilizada para cortar aço	79
14	Prensa excêntrica, exerce várias funções	80
15	Precária instalação de trabalho	84
16	Peitoral	92
17	Modelo de sela produzida em Dores de Campo MG	101
18	Modelo de sela produzida em Cachoeirinha PE	102

## PAINÉIS

01	Instrumentos específicos para cada etapa da produção de artigos de aço	78
02	A evolução das ferramentas: Instrumentos com a mesma função mas com diferentes técnicas	81

## **LISTA DE ANEXOS**

- A** Festa de exposição dos artigos de e aço
- B** V festa de exposição dos artigos em couro e aço
- C** Barraca de exposição representando o município de Cachoeirinha-PE
- D** Desfile da extinta festa de exposição do couro e do aço
- E** Missa do “artesão”
- F** Antigo arco de entrega da cidade de Cachoeirinha - PE
- G** Estribo exposto na praça próxima a entrada da cidade
- H** Inauguração da COOACAL

## INTRODUÇÃO

A atividade produtora de artigos de couro e aço em Cachoeirinha-PE, objeto de estudo do presente trabalho, é um fato empírico resultante de vários processos. Sendo assim, para a sua interpretação é preciso rever várias determinações para que, aos poucos, a sua essência seja desnudada.

Para tanto, o objeto de estudo é analisado à luz dos processos e transformações do sistema do capital, este, passou a ser um sistema social global, que garante a dominação sobre todos os lugares, inclusive sobre os microcosmos<sup>1</sup>, conforme Mészáros (2002).

O sistema do capital o mais poderoso de todos os sistemas, emergiu e triunfou sobre os seus antecedentes históricos, deixando à deriva as necessidades humanas, principalmente aquelas voltadas para valores humanos, adotando o irresistível modo econômico de extração de trabalho excedente, como a mais-valia. (MÉSZÁROS, 2002)

Nesse sistema, o trabalho, conforme será abordado ao longo desta pesquisa, é tratado simplesmente como uma mercadoria comercializável, onde a extração da mais-valia submete o trabalhador a condições, muitas vezes, desumanas. Porém, de acordo com Mészáros (2012) mesmo o trabalho estando submetido a “estrutura antagônica do capital”, esse pode modificá-la, pois o trabalho é uma demanda integrada ao sistema, sendo o principal elemento que compõe a sua estrutura, sem ele não há capital.

O trabalho guarda singularidades enquanto mediador da condição social humana, pois ao mesmo tempo em que guarda potencial humanizador do homem, permitindo desvinculá-lo dos demais seres, e até subordiná-los aos seus desígnios, pelo seu potencial e a depender da conjuntura em que realiza guarda riscos de desumanização do próprio homem através do caráter de alienação incensado pelo capitalismo.

O conceito “trabalho alienado” desenvolvido por Hegel<sup>2</sup>, embora na perspectiva idealista<sup>3</sup>, influenciou Marx na investigação e no avanço da análise do papel que esse conceito

---

<sup>1</sup> Dependendo da perspectiva abordada, os microcosmos podem ser considerados como: pequenas instituições, família, vilas, modestos centros produtivos, etc. Para Mészáros (2002) os microcosmos socioeconômicos são imbuídos pelo capital no seu mais alto grau de globalização.

<sup>2</sup> Os movimentos da realidade material de Hegel estavam submetidos à lógica do princípio chamado Ideia Absoluta; tal princípio era nebuloso, de forma que os movimentos da realidade material eram descritos, muitas vezes de maneira muito imprecisa. (KONDER, 2008)

<sup>3</sup> A perspectiva idealista hegeliana consiste em um sistema filosófico cuja relação sujeito e objeto se coloca no plano abstrato, ou seja, no plano da ideia e do Espírito, onde o sujeito é produto da Razão, contrariamente ao materialismo de Marx, no qual o sujeito é fruto da sua realidade material e objetiva.

desempenha dentro do capitalismo. A partir daí, percebe-se que, o trabalhador está alienado no próprio processo de produção, pois produz algo que não lhe pertence e até mesmo enquanto em relação à sua espécie, pois ao ser comparado à categoria de máquina, não se reconhece enquanto humano, entre outras formas de alienação. (LUZ, 2008)

Além do exposto, as relações de trabalho vêm passando por uma significativa mudança em face ao sistema vigente, onde na busca da mais-valia, essas relações sofrem mutações cujo resultado se resume em uma grande massa de desempregados. Nesse cenário, a informalização da força de trabalho emerge como pseudo solução para o desemprego.

É neste contexto que foi despertado interesse deste objeto de estudo, em especial na atualidade cujas formas de trabalho a ele relacionadas vêm sendo desde o final do século XX propagadas nos discursos de segmentos públicos e privados como uma forma de suprir a insuficiência de empregos formais. Atualmente, na atividade em couro e aço, voltada principalmente para a produção de artigos para montaria no município em pauta, ainda predomina a informalidade, absorvendo a maior parte da PEA (População Economicamente Ativa).

Por fim, tal atividade é tão significativa no município em pauta que passa a influenciar fortemente na produção do espaço urbano, além disso, cresceu de forma tão significativa que atualmente o município de Cachoeirinha-PE apresenta-se como uma potencialidade local de importância nacional, esboçando alcance internacional no escoamento da produção dos já referidos artigos.

A partir do êxito registrado nas estatísticas comerciais das pequenas e médias aglomerações, principalmente no combate às desigualdades regionais, resultantes entre outras coisas do sistema capitalista, o qual promove concentração econômica, os temas produções localizadas e desigualdades regionais passaram a ser alvo de estudos, nas últimas décadas, de autores de diferentes ciências.

Entre eles, Liana Carleial (S/D) baseada na teoria de desenvolvimento econômico da corrente neoschumpeterinana, se propõe a oferecer proposições de políticas públicas que além de promoverem o desenvolvimento do Brasil, asseguram o equacionamento das desigualdades regionais. Assim como, também, Ash Amim (1998) que desenvolve uma perspectiva institucionalista, integrando diferentes linhas políticas sugeridas na literatura e propondo novas vias de ações para a política regional. Ambos, atribuindo grande importância ao desenvolvimento local.

Nesse sentido também, vale destacar Cassiolato e Lastres (S/D), que discutem o impacto das profundas alterações que ocorrem na economia mundial e na brasileira em arranjos e sistemas produtivos locais selecionados no Brasil, mostrando que os impactos têm sido diferenciados e sugerindo que a política industrial e tecnológica brasileira deveria se concentrar nas especificidades locais. Entre tantos outros autores de renome que discutem essa temática.

Entretanto, vale observar que, por mais localizada que seja a produção dos artigos em couro e aço, sobretudo para montaria, essa atividade não é e nunca foi autossuficiente, principalmente ao referir-se à matéria-prima e à comercialização dos produtos. Tal fato remete mais uma vez ao caráter totalitário do sistema vigente, o qual engloba desde os macros aos microcosmos.

Logo, para se chegar ao entendimento do que se passa dentro de cada área, é necessário incluir na sua análise, diferentes escalas espaciais. Estas são interligadas por redes, que permitem cada vez mais a conexão entre os diferentes lugares e se intensificam graças ao processo de globalização. De acordo com Santos (2009, p. 269), “as redes seriam incompreensíveis se apenas as enxergássemos a partir de suas manifestações locais ou regionais”.

Para Marx a diminuição da arena da produção e o alargamento de sua área foram possibilitados pela eficácia das redes, estas por sua vez, se estabelecem a serviço do grande capital (SANTOS, 2009).

Enfim, partindo-se da hipótese de que as atividades, de um modo geral, estão em um constante processo de mudança, inclusive mudanças técnicas no processo de produção, pressupõe-se que a classificação da forma de produção da atividade em pauta não é mais a mesma ainda propagada no município (artesanato). Pressupõe-se também que, devido ao crescimento significativo dessa atividade, esta passa cada vez mais a ser dependente, do município como um todo no processo de produção, graças à sua expansão produtiva, antes praticamente só localizada no espaço urbano, assim como também de escalas superiores, que dão suporte ao seu crescimento, tanto no que se refere ao fornecimento da matéria-prima como no consumo dos artigos.

Dessa forma, diante do que foi exposto, o presente trabalho tem como objetivo avaliar a classificação da atividade em couro e aço de Cachoeirinha-PE focalizando a situação de seus protagonistas (o produtor), bem como dimensionar e analisar essa atividade a partir de

uma visão de conjunto, espacializando, em diferentes escalas, os principais pontos (conectores) que formam a rede que a compõe.

Ainda levando em consideração que economias locais vêm se apresentando como uma das principais alternativas para o desenvolvimento regional, a produção local de derivados de couro e aço para montaria em Cachoeirinha-PE mostra-se, então, de grande importância, não só para o município em questão, como também para a região na qual está inserido.

Logo, o presente estudo, visando à representatividade dessa atividade pretende contribuir, fornecendo, até mesmo para o fomento de políticas públicas específicas, maiores subsídios a partir de uma abordagem que contemple não só os aspectos positivos mas também, fundamentalmente, aqueles que requerem mais atenção, como as precárias condições de trabalho da maior parte dos produtores, a falta de atuação de uma instituição que promova um conhecimento sistematizado que gere, entre outras coisas, melhoria da produção e inovação, a ausência do Estado no desenvolvimento da atividade, assim como a expansão da atividade no próprio município e o seu atrelamento (atualmente, imperativo) a outras regiões, entre outras escalas.

Além disso, para o alcance do objetivo apontado, assim como para a elucidação da hipótese o presente estudo usou, sobretudo, o método dialético. Este, segundo Konder (2008) propõe o modo de se compreender a realidade como necessariamente contraditória e em permanente transformação.

É eminente a dificuldade de se compreender a dinamicidade de um fenômeno, ainda mais quando se trata de um fenômeno da sociedade humana, diante desse fato o método dialético aparece como uma das principais opções para explicação do real em seu permanente processo de transformação, pois, segundo Guedes (2000), permite ao investigador a reflexão dinâmica da teoria e a visão processual dos fatos, possibilitando as ciências sociais um grande desenvolvimento.

A partir do método dialético, a totalidade (nesse caso, a aparência de um dado fenômeno social, por exemplo) é tida como um momento do processo de totalização (nunca acabado). Sendo assim, para a máxima compreensão possível do fenômeno abordado, o referido método realiza a viagem do mais complexo ao mais simples, fazendo o retorno do mais simples ao mais complexo, decompondo e recompondo o conhecimento que serviu de ponto de partida. Identificando entre outras coisas, os processos e inter-relações de que se compõe a realidade. (KONDER, 2008)

Nesse sentido,

Para reconhecer as totalidades em que a realidade está efetivamente articulada (em vez de inventar totalidade e procurar enquadrar nelas a realidade), o pensamento dialético é obrigado a um paciente trabalho: é obrigado a identificar, com esforço, gradualmente, as contradições concretas e as mediações específicas que constituem o “tecido” de cada totalidade, dão “vida” a cada totalidade. (KONDER, 2008).

Sendo assim, o presente estudo parte da atual aparência (neste caso, da totalidade) do objeto de estudo. A partir de inquietações, inerentes ao método abordado, (como, o que explica a atual forma do processo de produção? E, de que forma essa atividade conseguiu tamanho dimensionamento?), a essência da realidade começa a ser revelada, pois, são identificadas as determinações que levaram a tal totalidade, enfim o método dialético procura desvendar os processos que induziram a determinada aparência, pautado em um trabalho paciente e gradual, expondo os processos que constituíram e configuraram, neste caso, a atividade produtora de artigos de couro e aço em Cachoeirinha.

Quanto a metodologia utilizada no presente estudo, é importante destacar os elementos contidos no quadro 01.

**Quadro 01: Características metodológicas da pesquisa**

<b>CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA</b>	
Método científico	Dialético
Abordagem	Qualitativa
Estratégias	Quadro de referências pessoais, entrevistas e questionários, análise da literatura científica, fotografias, mapeamento e visitas a diferentes pontos.
Tipo de pesquisa	Estudo de caso
Análise empírica	A atividade produtora de artigos de couro e aço para montaria em Cachoeirinha-PE
Categorias de análise	Sociometabolismo do capital, trabalho, espaço, redes e produção de artigos em couro e aço em Cachoeirinha-PE.

Além do método dialético, anteriormente abordado, esta dissertação, utilizou-se, sobretudo, da abordagem qualitativa, pois no intuito de alcançar o objetivo principal desse estudo recorreu-se a uma variada fonte de dados, além de que esses foram analisados numa perspectiva de compreender e explicar o contexto no qual está inserido o fenômeno abordado.

As entrevistas e os questionários foram aplicados a quatro grupos, as costureiras de peças de couro, os produtores, os atravessadores e os donos de selaria. Desde as primeiras análises, observou-se a repetição de fenômenos nas respostas fornecidas, resultando na opção de utilizar uma amostra menor, porém significativa. Nesse sentido, foram aplicados dez questionários para cada grupo, contendo questões referentes às condições de vida de cada grupo, bem como o seu papel e as especificidades de suas funções.

Desde a formulação do projeto até a redação do trabalho final, o presente estudo foi acompanhado de revisão de literatura científica, recorrendo a diferentes autores, principalmente aqueles que abordam as categorias de análise apresentadas no quadro 01, que, acima de tudo, embasaram o desenvolvimento desse trabalho, elucidando várias incógnitas e contribuindo para o rigor científico deste estudo.

Através de fotografias, foram registradas as imagens consideradas relevantes para o desenvolvimento das hipóteses. Foi realizado igualmente um mapeamento de diversas tendas localizadas tanto no espaço urbano como no rural; assim, dimensionando e analisando o objeto empírico no município em questão. A realização de visitas a diferentes pontos ligados à atividade em pauta, como: as tendas, as selarias, a feira etc. contribuiu significativamente para conhecer mais detalhadamente o funcionamento da atividade abordada.

Os resultados alcançados conduziram à construção deste trabalho que se encontra estruturado em quatro capítulos. No primeiro, discute-se o sistema do capital e a sua radiação na sociedade, destacando alguns elementos que estão sob a sua forte influência, como: o trabalho enquanto principal elemento que o humaniza o homem, e enquanto principal elemento desse sistema; a desigualdade regional brasileira, atribuída principalmente a uma das características do sistema do capital, a concentração econômica, onde, paralelamente, as potencialidades locais são apontadas como uma das principais alternativas para amenizar tal desigualdade; e a produção do espaço geográfico a partir de interesses do sistema vigente.

Dentro dessas discussões, há outras abordagens secundárias, como, o papel do Estado, a globalização e as redes. Contudo, todos os elementos citados foram abordados no contexto do sistema do capital.

Já o segundo capítulo, aponta as especificidades do município de Cachoeirinha-PE, abordando desde a localização, passando pelos aspectos demográficos e físicos até os principais aspectos socioeconômicos, evidenciando a relação destes com a atividade em pauta, onde, paralelamente, no decorrer do capítulo é apresentado o contexto no qual surgiu a atividade em pauta. Como também, é apresentada a atividade em couro e aço no município,

destacando a atividade no contexto atual, como se deu a sua origem e evolução, bem como, o papel do Estado na atividade em questão.

O terceiro capítulo trata-se, fundamentalmente, de uma reflexão e análise sobre a classificação da atividade em pauta, abordando o modo de produção e seus instrumentos, além da remuneração e condições de trabalho do produtor, focalizando, acima de tudo, o contexto no qual os produtores (principais protagonistas) estão inseridos.

O quarto capítulo é voltado para a produção do espaço urbano do município em apreço a partir da atividade em pauta, e para a espacialização, em diferentes escalas, dos principais pontos que compõem a atividade em couro e aço de Cachoeirinha-PE, permitindo uma visão de conjunto e, conseqüentemente, a identificação do nível de atrelamento dessa atividade, assim como a sua dependência, em relação a outras escalas espaciais.

Por fim, é apresentado de forma sucinta o debate e análise dos elementos abordados, além de algumas considerações acerca das perspectivas para essa atividade, cujo cenário atual acena para várias reflexões, tais como: Como pode ser classificada a atividade em questão, é artesanato, é manufatura ou já é um sistema fabril? Qual a relação entre a classificação do tipo de trabalho e as condições de vida dos produtores? Como se comporta essa atividade em um contexto mais amplo? Enfim, de que forma a análise do sistema vigente fornece e ao mesmo tempo explica todas as respostas para esses questionamentos?

## CAPÍTULO I

### 1. APONTAMENTOS TEÓRICOS

#### 1.1 SISTEMA DO CAPITAL X TRABALHO – ESPAÇO

Na busca de respostas mais eficazes para compreensão e explicação da realidade empírica, a atividade produtora de artigos em couro e aço para montaria em Cachoeirinha – PE, o presente estudo se norteou por vários conceitos e teorias, abordados a seguir.

Nesse sentido, faz-se necessário abordar a crítica do sistema do capital, que perpassa por várias ciências, entre elas a geográfica. Porém, vale salientar que, não é intenção do presente estudo fazer apologia ao marxismo, nem ao menos classificar o sistema capitalista como abominável, mas sim fazer uma crítica à estrutura do sistema do capital, principalmente no que se concerne à sua relação com um de seus elementos estruturador, o trabalho.

Partindo da premissa que capital e capitalismo são fenômenos distintos<sup>4</sup> Mészáros (2011) mostra que, para superar o sistema capitalista, dever-se-ia antes superar o tripé (trabalho, Estado e capital) que estrutura o “sistema sociometabólico do capital”. Neste, o complexo caracterizado pela divisão hierárquica do trabalho subordina suas funções vitais ao capital.

O **sistema do capital** é tido como o mais **dinâmico e poderoso** de todos os outros sistemas econômicos já conhecidos<sup>5</sup>. Para Mészáros (2011) o seu dinamismo ocorreu no momento em que o valor de troca substituiu o valor de uso. O uso primário de um produto capitalista é a venda, uma vez que você tenha vendido o seu produto, ele cumpriu com o seu objetivo. Não importa se ele será utilizado uma, duas ou dez vezes.

---

<sup>4</sup> É importante enfatizar que capital e capitalismo não são a mesma coisa, o primeiro é anterior e posterior ao segundo, sendo que o capitalismo é apenas uma forma de manifestação do capital.

<sup>5</sup> Como por exemplo: o sistema feudal e o sistema socialista (este, inclusive, não superou a estrutura do capital).

Nesse sistema há uma subordinação do valor de uso ao valor de troca da mercadoria<sup>6</sup>, onde se cria uma necessidade que perpassa o valor de uso, a fim da realização do valor de troca. Essa relação de subordinação do valor de uso ao valor de troca constitui um fator importantíssimo para o crescimento do ciclo reprodutivo do capital. Contudo, não seria correto afirmar que as mercadorias perderam seu valor de uso, porém, para Haug (1997, p.47) estas “não cumprem quase nada daquilo que a estética da mercadoria promete”. Deduz-se assim, que vivemos em um mundo de aparência induzida pelo sistema capitalista, onde as pessoas deixam de ser vistas como cidadãos, mas apenas como compradoras.

Diante desse contexto de aparências, o valor de uso passa cada vez mais a ser abstraído, contribuindo, assim, para elevar o valor de troca. Desse modo, para Haug (1997, p.73), as pessoas “são reduzidas a fenômenos de consciência falsificáveis” e as coisas “são reduzidas simplesmente a algo extenso, flexível e mutável”.

Logo, a mercadoria está submetida a uma contradição de interesses entre compradores e vendedores, conseqüentemente, entre valor de uso e valor de troca. E, é na promessa do valor de uso da mercadoria, que a sua abstração estética vai motivar a compra. A abstração estética, por sua vez, vai prometer mais do que ela jamais poderá cumprir. Logo, os compradores caem no fetiche das aparências, as quais estão a serviço do valor de troca. Podendo-se, assim, considerar os valores de uso como corruptores, pois conduzem os indivíduos, inconscientes, a serem meros servidores do sistema, viabilizando a valorização e a realização do capital. (HAUG, 1997)

Vale salientar, ainda sobre essa questão, que, Marx, o grande inspirador de István Mészáros e Wolfgang F. Haug, já alertava sobre as conseqüências da supervalorização do valor de troca. Em um de seus escritos, ele registrou:

Se as mercadorias pudessem falar, diriam: É possível que nosso valor de uso interesse ao homem. Ele não nos compete enquanto coisas. Mas o que nos compete enquanto coisas é o nosso valor. Nossa própria circulação como coisas mercantis demonstra isso. Nós nos relacionamos umas com as outras somente como valores de troca. (MARX, 1996, p.207)

Pois bem, além de sua dinamicidade que se inicia a partir da substituição do valor de uso pelo valor de troca, o sistema capitalista mostra-se como um sistema muito poderoso.

---

<sup>6</sup> “A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa. Aqui também não se trata de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se imediatamente, como meio de subsistência, isto é, objeto de consumo, ou se indiretamente, como meio de produção”. (MARX, 1996, p.165)

Logo, a internacionalização do sistema do capital é o principal elemento responsável pelo que se denomina globalização, a qual, por sua vez, é marcada pela mundialização de todos os ciclos de reprodução do capital, da cultura, da ciência, do espaço, etc., vale lembrar que em graus diversos.

Para Mészáros (2002, p.97), “o sistema do capital é, na realidade, o primeiro na história que se constitui como totalizador irrecusável e irresistível, não importa quão repressiva tenha de ser a imposição de sua função totalizadora em qualquer momento e em qualquer lugar em que encontre resistência”. Ele acrescenta que esse sistema

emergiu, no curso da história, como uma estrutura de controle “totalizante” das mais poderosas, (...) dentro do qual tudo, incluindo os seres humanos, deve ajustar-se, provando em consequência sua “viabilidade produtiva” ou, ao contrário, perecendo. Não se pode pensar em outro sistema de controle maior e inexorável – e nesse sentido “totalitário” – que o sistema de capital globalmente dominante, que impõe “seu critério de viabilidade em tudo, desde as menores unidades de seu “microcosmo” até as maiores empresas transnacionais, desde as mais íntimas relações pessoais até os mais complexos processos de tomada de decisões nos consórcios monopólicos industriais, favorecendo sempre o mais forte contra o mais fraco.” (MÉSZÁROS, 2002, p. 17)

Desde logo, é importante colocar que esse sistema, o mais dinâmico e poderoso, mostra-se incapaz de suprir a necessidade mais básica dos seres humanos, como a comida, por exemplo. É nítido que para esse sistema, a condição humana não recebe o merecido enfoque. Pois, para atingir o almejado, a mais-valia, a ética humana na maioria das vezes não é levada em conta. De acordo com Bauman (2001), a modernidade na qual nos encontramos é marcada por um capitalismo leve<sup>7</sup>, onde parece estar a anos-luz de distância da racionalidade referida a valores.

Contudo, o sistema em questão, mostra-se cada vez mais anacrônico e conflituoso, indiferente as necessidades reais das pessoas, deixando transparecer suas contradições. Logo, para melhor compreensão da realidade que o permeia é indispensável ter uma perspectiva histórica. Nesse sentido faz-se necessário lembrar alguns episódios da história (que não deixam de ser atuais) e que remetem e esclarecem as contradições do sistema do capital. Como por exemplo:

---

<sup>7</sup> O capitalismo leve fruto de uma modernidade líquida é caracterizado por imensa dinâmica que o permite penetrar em todos os aspectos da vida humana.

- a interferência do Estado no campo econômico, a ideia de Estado de Bem Estar Social, tida por muitos estudiosos como uma saída para amenizar os conflitos sociais provocados pela economia capitalista, que, por sua vez, prega a não participação do Estado nas atividades produtivas, passa a ter um caráter conflitante, pois concerne as grandes empresas isenção de impostos, quando deveria ser justamente o contrário, pois a lógica não seria: Os ricos devem pagar mais tributos para que a renda seja melhor distribuída? Ainda se deve levar em consideração que a maioria das grandes empresas, quando se instalam em uma região, não tem o intuito de promover o desenvolvimento local, mas sim explorá-la o máximo que puder;
- os partidos denominados pró-trabalhadores, aderentes da causa trabalhista, passam a adotar atitudes contrárias à sua causa. Como foi o caso, citado por Mészáros (2011), do partido espanhol que se diz socialista que foi o responsável por adotar medidas que puniram os trabalhadores, na crise de 2008;
- a fragilidade do trabalho diante do capital, mesmo com a atuação da OIT (Organização Internacional do Trabalho) e dos Movimentos Operários, que, por sua vez, se mostram deficitários diante do atual sistema, passaram a ser interlocutores do Estado e do capital;
- o declínio do emprego formal e o aumento da informalidade, causam a instabilidade que caracterizam o mercado de trabalho atual;
- a redução da jornada de trabalho, na maioria das vezes, não se mostra como um fato positivo, pois, para compensar a redução da jornada de trabalho as indústrias procuram aumentar a sua produtividade substituindo a mão-de-obra por meios de produção automatizados;
- a concentração de renda e o aumento dos bolsões de pobreza. Atualmente 1% ou 2% da população controla de 40% a 60% dos recursos e riquezas da sociedade (MÉSZÁROS, 2011). No Brasil, por exemplo, a desigualdade social e regional é de grandes proporções. Vale citar que, mesmo nos países mais ricos, cresce consideravelmente os bolsões de pobreza.

O objeto de estudo do presente trabalho, a atividade produtora de artigos em couro e aço para montaria de Cachoeirinha-PE, por sua vez, também não está imune ao caráter

anacrônico e conflituoso do sistema do capital, basta observar, por exemplo, que os principais personagens dessa atividade (os produtores) são os menos beneficiados por ela.

Enfim, esses são apenas alguns dos muitos exemplos que poderiam ser citados, que denunciam a iminente crise, sem precedentes, na história do sistema capitalista, gerada, sobretudo, devido às contradições do sistema do capital.

Contradições essas oriundas da busca incessante da mais-valia, que é denominada como o motor único da vida econômica e social, passando a reger os princípios do mercado em detrimento dos princípios sociais. De acordo com Santos

a mais-valia no nível global contribui para ampliar e aprofundar o processo de internacionalização, que alcança um novo patamar. Agora, tudo se mundializa: a produção, o produto, o dinheiro, o crédito, a dívida, o consumo, a política e a cultura. Esse conjunto de mundializações, cada qual sustentado, arrastando, ajudando a impor a outra, merece o nome de globalização. (SANTOS, 1997, p.163)

O aumento do lucro é tão desejado entre as personificações do capital que a rentabilidade passa a ser o principal foco. Para tanto, vale destacar, segundo Haug (1997), as principais funções de rentabilidade na produtividade inserida no sistema atual: a economia de tempo de trabalho por artigo mediante o aumento da produtividade e o desenvolvimento de tecnologia para produção em massa de artigos padronizados; o barateamento de partes do capital constante que entra no produto como matéria-prima, matéria secundária e ingredientes diversos e; a diminuição do tempo de produção mediante a redução artificial do tempo de armazenamento necessário para a maturação.

Além de tais técnicas acima citadas que aumentam o lucro, diminuindo os custos de produção, Haug (1997, p.53) também destaca o poder da propaganda, a qual aumenta significativamente o valor de troca sobre o valor de uso das mercadorias, criando um mundo de aparências para mercadorias, tornando-se mais uma estratégia para o aumento das vendas e, por conseguinte, do lucro. Entre outras estratégias destacadas, encontra-se “a técnica de diminuição do tempo de uso” e “a técnica do obsoleto”, a primeira faz com que as mercadorias tenham menos durabilidade e a segunda incute nas pessoas a sensação que seus objetos estão velhos e ultrapassados, ambas as técnicas conduzindo as pessoas a continuarem consumindo desenfreadamente.

E, nesse cenário, no qual a mais-valia passa a ser o motor único, vale destacar o papel das empresas globais, cujo espaço de atuação é o mundo. Contudo, para tais empresas, sejam

globais, multinacionais, transnacionais e até nacionais, um elemento de grande importância passa a ser a competitividade. De modo que trustes e carteis passam a fazer parte da vida econômica, na qual acordos e/ou negócios são realizados sempre objetivando a ampliação do lucro.

Tais empresas recebem também o nome de atores hegemônicos, utilizando de todas as redes e de todos os territórios, graças à ciência, à técnica e à informação, e sua influência atinge os lugares mais longínquos possíveis, embora tenha preferência por lugares com sistemas de engenharia mais modernos. Sendo assim, os territórios nacionais passam a ser “*espaço nacional da economia internacional*” (SANTOS, 1997, p. 194). Isso é permitido porque o processo de globalização conduz a uma abertura do mercado nacional. Dessa forma, pequenas empresas tendem a sofrer graves consequências, devido, principalmente, à competitividade com as grandes empresas. Passando a ser muito difícil a tarefa de se manter em um mercado, cujas regras são ditadas a partir de uma livre concorrência, pela qual as empresas mais fortes tendem a abarcar o mercado consumidor, muitas vezes usando até mesmo formas ilegais de concorrência.

Em meio ao sistema vigente, um importante elemento a ser considerado na análise do campo econômico é a participação do Estado, que passou a ser vista, por alguns, como dispensável, pois se ausenta de algumas questões, deixando o espaço e a economia mais “selvagem”, no sentido de que passam a ser regidos mais de acordo com as leis do mercado, esse cada vez mais privatizado. Porém, o Estado, inserido no último estágio do capitalismo, “se terá convertido, finalmente, em um gigantesco padrão que dispõe do total poder público e de todos os meios de coerção e persuasão” (SÁBATO, 1993, p. 63).

Sendo assim, o papel do Estado não deixou de ser menos importante com o advento da globalização neoliberal, apenas mudou de configuração, passando a mediar relações entre empresas e sociedade, estabelecer normas, formar blocos econômicos, etc. “O Estado é chamado a adequar o meio ambiente construído para possibilitar a ação global das forças mundializadoras do mercado. Nessas condições, o neoliberalismo não se aplica aos objetos, mas apenas às ações que os objetos inovadores tornam mais fluidas e certas”. (SANTOS, 1994, p. 78).

Para Mészáros (2002, p.19), “o Estado moderno é inconcebível sem o capital, que é o seu fundamento, e o capital, por sua vez, precisa do Estado como seu complemento necessário”. Ou seja, um é o complemento do outro, tornando-se mutuamente dependentes. Onde, o Estado passa a assegurar, sobretudo, a produtividade do sistema.

Contudo, diante do contexto já exposto, vale enfatizar a importância do trabalho, pois, este tem uma importante relação com a Geografia, tendo em vista que o trabalho é produtor incessante de peculiaridades que compõem e caracterizam o espaço geográfico, a partir da relação metabólica entre homem-sociedade-natureza. Tal relação, por sua vez, necessita de uma análise e discussão, sob o prisma geográfico, fundada na relação do trabalho x sistema do capital. Avançando nessa linha de raciocínio, Mendonça e Thomaz Júnior colocam,

A relevância do tema trabalho, para a ciência geográfica, é tratada não enquanto uma nova corrente do pensamento geográfico, mas enquanto um “outro olhar” sobre a realidade social, enxergando “por dentro” a contradição, fundada na relação capital x trabalho que produz e reproduz os fenômenos que necessitam “ser lidos” a partir das categorias geográficas. O trabalho como fundante – a essência do Homem, a hominização criadora e potenciadora das ações humanas rumo à emancipação social. (MENDONÇA E THOMAZ JÚNIOR, s/d, p.4)

Logo, cabe também à Geografia ter uma postura que rompa com paradigmas estabelecidos, sobre o trabalho, passando de fato a desnudar a realidade social, a partir do espaço, para poder então captar o máximo possível à realidade dinâmica de um dado território.

Sob o ponto de vista de Moreira (2003), o trabalho pode ser entendido tanto como sendo uma relação metabólica entre homem-sociedade-natureza, quanto como processo mediante o qual o homem realiza o salto do reino da necessidade para o reino da liberdade. Vale salientar que o autor não coloca essas duas definições como conceitos mutuamente negadores, mas sim, como duas formas diferentes de expressar a mesma coisa.

A primeira definição refere-se ao trabalho como o elemento que permite a contínua transformação da natureza (enquanto meio) pelo homem, logo essa primeira definição permite ser trabalhada através de questões ambientais, assim como as transformações do espaço a partir de técnicas, enfim, está voltada mais para questões das configurações do espaço (enquanto território usado e apropriado). Já para a segunda definição, o trabalho é tido, sobretudo, como um processo pelo qual o sujeito deveria realizá-lo de forma libertadora e não enquanto categoria alienante, como se nota no sistema capitalista. Tal conceituação permite o debate das mais diversas configurações geográficas do trabalho ao longo da história.

Contudo, as transformações decorrentes do trabalho variam de sociedade para sociedade e em diferentes tempos, pois o trabalho enquanto processo é um elemento dinâmico. E, justamente devido a essa característica, que se pode e se deve usar o trabalho como categoria importante para compreensão da história.

Nessa conjuntura, faz-se necessário salientar que o trabalho é tido como o principal elemento que compõe o sistema do capital, uma vez que não existe capital sem trabalho. No entanto, de acordo com Mészáros (2002), o trabalho passa a ser marginalizado ou até mesmo excluído de decisões significativas, pois está submetido ao capital, sendo que a maior evidência dessa submissão é a divisão social hierárquica do trabalho que permite a reprodução do capital, “mantendo e ampliando materialmente a regência da riqueza alienada sobre a sociedade” (p.16). Logo, torna-se inquestionável que a relação entre capital e trabalho contida no sistema em questão será sempre conflituosa.

Empiricamente, esse fato é facilmente visível, bastando observar a configuração de uma empresa, independentemente de seu porte, para verificar que devido ao fato da divisão social hierárquica do trabalho ser extremamente conflituosa e injusta, os protagonistas de uma determinada atividade são os maiores injustiçados, ou seja, quanto mais se aproxima do nível de produção, maior é a importância do papel do trabalhador, porém menor é o reconhecimento de seu valor.

Ainda para reforçar a importância do trabalhador e o quanto este é marginalizado, vale lembrar que o trabalhador é também cliente e consumidor, mesmo assim continua sendo explorado o máximo possível. Para tal, aumenta-se o método de exploração do excedente de seu trabalho. É essa lógica que assegura a reprodução do capital e mantém a ordem estabelecida, sempre tendo como “plano de fundo” o aumento da mais-valia.

Segundo Thomaz Jr,

As novas *ofensivas* do capital sobre o trabalho para fortalecer/manter a sua hegemonia, se expressam de diferentes maneiras, sendo, pois, as principais: o controle das lutas sociais (do conflito); a desregulamentação dos direitos do trabalho; o aumento da fragmentação no interior da classe trabalhadora, ou da fragmentação da práxis social do trabalho; a intensificação da precarização da força humana que trabalha, etc. (2005, p.8)

O capital age de forma que o trabalho passa a ser não só um processo de exploração, mas também de alienação. Alienação no sentido de que os trabalhadores nem sequer tem uma visão unificada sobre as ações a serem tomadas para mitigar os efeitos perversos do sistema do capital. Existindo assim, diferentes reivindicações, sem nenhum elo, como por exemplo: sindicatos que reivindicam redução da jornada de trabalho e aumento salarial, enquanto outras associações lutam por uma melhor habitação, saúde, educação; porém, essas reivindicações são estranhas entre si, pois há uma fragmentação da práxis social do trabalho, mesmo se tratando da mesma classe: as dos trabalhadores.

Tal alienação contribui significativamente para fortalecer as ofensivas do capital sobre o trabalho, este, por sua vez, fica cada vez mais frágil diante do sistema atual. Mesmo sendo o único responsável pela acumulação do capital, na forma de valor produzido.

No cenário atual, mesmo sendo o principal elemento do sistema metabólico do capital, as relações de trabalho vêm passando por várias mutações. Mutações essas que são responsáveis, em grande parte, pela insuficiência do emprego formal, este aos poucos passa a ser substituído pelas novas modalidades de trabalho, seja pelas atividades autônomas, pelas redes eletrônicas, por serviços temporariamente prestados, etc.

Mesmo assim não podemos afirmar que é chegado o fim do trabalho, pelo contrário, este apenas muda de configuração. O que está ameaçado, de fato, é o emprego formal, pois a atualidade é marcada por uma grande instabilidade no mercado de trabalho, onde o processo de aquisições, fusões e enxugamento das empresas representa-se como mais um entrave para a oferta de empregos formais.

Nesse contexto, vale apenas citar um resumo das considerações de Robert Critchley (2002) sobre as transformações do mundo do trabalho, observar quadro 02.

**Quadro 02: O mundo do trabalho está se transformando**

ONTEM	HOJE
<b>Ter emprego</b>	Trabalhar
<b>Escritório</b>	Espaço virtual
<b>Sucesso = degraus de carreira</b>	Sucesso = Alinhamento de valores, metas e competências (entrecruzamento)
<b>Autoridade</b>	Influência
<b>Status = posição</b>	Status = impacto
<b>Direitos</b>	Negociações
<b>Lealdade à empresa</b>	Compromisso com o trabalho e consigo mesmo
<b>Salários e benefícios</b>	Contratos e honorários
<b>Estabilidade no emprego</b>	Liberdade pessoal e controle
<b>Identidade determinada pela função e pela empresa</b>	Identidade determinada pelas circunstâncias de vida e pelo trabalho desempenhado
<b>Chefes e gerentes</b>	Consumidores e clientes
<b>Funcionários</b>	Fornecedores, intraempreendedores

A mudança é inerente ao mundo do trabalho, porém o que se percebe é que, na atualidade, o mundo do trabalho é marcado por uma grande instabilidade, antes nunca vista, onde nem mesmo os melhores profissionais têm seus cargos garantidos. O capital se serve plenamente dessas mudanças, agindo de forma a aumentar a mais-valia em detrimento dos gastos com trabalhadores, logo essa instabilidade e a flexibilidade que marca o mundo do trabalho atualmente é mais uma tática das personificações do capital em busca de seu objetivo.

Táticas dessa natureza (que visam o aumento da mais-valia) refletem-se, entre outras coisas, em uma grande diferenciação do espaço, tendo em vista que o sistema do capital tem um caráter excludente e seletivo.

Nesse contexto, marcado pela internacionalização do capital, o espaço, objeto de estudo da Geografia, caracterizado conforme Santos (1997 p. 51) como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistema de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.”, passou a ser (re) construído a partir de interesses cada vez mais longínquos e estranhos. Na atualidade é possível afirmar que o espaço é, “um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoados por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e seus habitantes.” (OP. CIT., p. 51).

Logo, como a internacionalização do sistema vigente conduz à mundialização do espaço geográfico, é possível caracterizá-lo devido a várias peculiaridades, como: tendência à formação de um meio técnico, científico e informacional; transformação dos territórios nacionais em espaços nacionais da economia internacional; exacerbação das especializações produtivas no nível do espaço; a concentração da produção em unidades cada vez menores; aceleração de todas as formas de circulação e seu papel crescente na regulação das atividades localizadas; produtividade espacial como dado na escolha das localizações; recorte horizontal e vertical dos territórios; o papel da organização e dos processos de regulação na constituição das regiões; tensão crescente entre localidade e globalidade à proporção que avança o processo de globalização, etc. (SANTOS, 1994).

Vale enfatizar que a globalização não tende a homogeneizar o espaço mundial, visto que ela tem um caráter excludente e seletivo. Assim, seleciona lugares, certas atividades e grupos sociais, por exemplo, deixando à margem de seus benefícios os excluídos de seu processo. Logo, a globalização tende a deixar o espaço mundial cada vez mais contraditório.

Ainda de acordo com Santos,

Os espaços da globalização apresentam cargas diferentes de conteúdo técnico, de conteúdo informacional, de conteúdo comunicacional. Os lugares, pois, se definem pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, atributos que se interpenetram e cuja fusão os caracteriza e distingue. (SANTOS, 1997, P. 205)

Portanto, o lugar que não dispõe de certos atributos passa a ser marginalizado, vale lembrar que cada lugar só se torna interessante devido ao grau de rentabilidade que oferece. É nesse contexto que podemos entender melhor o motivo pelo qual a globalização tende a fragmentar os lugares.

Vale salientar, que a partir da crise inerente ao sistema capitalista, um mesmo espaço pode conter múltiplas contradições, porém, o espaço não pode ser visto apenas como um receptáculo de contradições, ou de qualquer outro fenômeno, pois este também desempenha um papel que influencia na organização da sociedade. Enfim, o espaço de acordo com Corrêa (2009), “não é nem o ponto de partida (espaço absoluto), nem o ponto de chegada (espaço como produto social)” (p.25). “O espaço é *locus* da reprodução das relações sociais de produção” (p.25). O qual subordina e, ao mesmo tempo, é subordinado pelo homem, se constituindo não apenas em um reflexo, mas também como fator social.

É nesse sentido que é colocado o espaço no qual se encontra o objeto de estudo do presente trabalho, Cachoeirinha-PE, um espaço que além de reflexo é fator social, que é subordinado e subordinante das relações sociais de produção, em especial, neste caso, da atividade produtora de artigos para montaria em couro e aço. Como pode ser visto no capítulo IV desse trabalho.

Logo, no estudo de uma sociedade o espaço passa ser um instrumento importantíssimo para sua análise. Assim como, para entender a organização da formação espacial é necessário recorrer à análise da sociedade. Pois “uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade”. (CORRÊA, 2009, p.26)

Partindo dessa visão, emerge também como categoria importante para entender o espaço geográfico a divisão territorial do trabalho, um dos primeiros frutos do capitalismo, que tende a se acentuar no período atual. Para Santos (1997, p. 105) a divisão do trabalho “movida pela produção, atribui, a cada movimento, um novo conteúdo e uma nova função aos lugares”. Ele acrescenta que “cada lugar, cada subespaço, assiste, como testemunha e como ator, ao desenrolar simultâneo de várias divisões do trabalho.” (SANTOS, 1997 p. 109).

Devido ao movimento da divisão territorial do trabalho, em decorrência das práticas sociais, o espaço geográfico herda algumas estruturas denominadas *rugosidades*<sup>8</sup>, como é o caso do município em apreço, no qual há uma coexistência da atividade em pauta com outras atividades produtivas, por exemplo, a atividade produtora de queijo de coalho muito significativa para o município, principalmente, para população rural.

Contudo, as rugosidades juntamente com os atuais conteúdos constituem em uma condição para as novas atividades a serem desenvolvidas. Tornando o espaço atraente (ou não) para o desenvolvimento de novas atividades econômicas.

Vale acrescentar que a questão do espaço não pode ser pensada separada da questão do tempo, pois o tempo condiciona e é condicionado pelas formas espaciais, dita regras socioeconômicas, encontrando no espaço geográfico oportunidades de reprodução de suas técnicas mais atuais, como também pode encontrar resistência à reprodução das mesmas, dependendo das formas espaciais existentes, herdadas de outros tempos cujas estruturas podem se tornar um empecilho ao desenvolvimento de um novo tempo, de uma nova técnica.

A essa questão do tempo/espaço, Milton Santos faz referência da seguinte forma: “A questão do tempo e da materialidade do espaço deve ser estudada pelo problema técnico<sup>9</sup>. As técnicas é que trazem a materialidade.” (SANTOS, 1994, p. 182). Nesse sentido, vale acrescentar que a tecnologia transforma o espaço e, conseqüentemente, o tempo, e não ao contrário, pois o tempo passou a ser uma variável do espaço. Logo, mostra-se ainda mais evidente a necessidade das leituras espaciais para compreensão dos processos históricos.

Nas leituras espaciais, percebe-se, por exemplo, que algumas regiões são mais atrativas que outras, logo, se faz necessário analisar as desigualdades regionais para poder apontar as saídas mais convenientes para amenizar as discrepâncias espaciais, frutos da concentração econômica.

---

<sup>8</sup> Para Santos, rugosidade é o “que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator” (SANTOS, 1997, p. 113).

<sup>9</sup> A técnica é a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio. Elas são tidas como um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço (SANTOS, 1997).

## **1.2 DESIGUALDADE REGIONAL E PROCESSOS PRODUTIVOS LOCAIS**

### **1.2.1 Desigualdade e Desenvolvimento Regional**

Desde logo, vale destacar que, “a desigualdade regional é o resultado da dinâmica assimétrica do crescimento capitalista, que se concentra em alguns espaços, enquanto condena outros à estagnação e ao desperdício de fatores produtivos.” (BRASIL, s/d, p. 12).

Logo, é essencial compreender o processo pelo qual se deu tal desigualdade. É aí onde entra em cena a globalização, que acaba por diferenciar os espaços conforme a capacidade que estes têm de oferecer vantagens ao desenvolvimento do capitalismo. Para Santos; Silveira (2008, p.253)

A dinâmica globalizante não apaga restos do passado, mas modifica o seu significado e acrescenta, ao já existente, novos objetos e novas ações características do novo tempo. Agravam-se diferenças e disparidades, devidas, em parte, aos novos dinamismos e a outras formas de comando e dominação.

Sendo assim, percebe-se que “a tendência primordial do capitalismo é a concentração econômica no espaço e, do ponto de vista regional o mesmo ocorre, configurando as aglomerações econômicas que aproveitam as externalidades positivas de localização e os ganhos de escala de produção” (CARLEIAL, S/D, p.1).

É seguindo essa lógica que a grande desigualdade regional brasileira se acentuou, passando a constituir uma das principais questões socioeconômicas no Brasil, evidenciando nitidamente a diferenciação entre suas regiões, como a da região Centro-Sul, a qual concentra a maior parte da riqueza do país, em contraste com a Norte e Nordeste.

Nesse contexto, vale destacar a importância da política pública para no mínimo amenizar as desigualdades regionais. De acordo com Carleial (S/D, p.2), “o papel da política pública é decisivo para reverter tendências, aproveitar “brechas” que o próprio modelo de crescimento tenha criado e avançar no sentido de disseminar de forma mais equânime o desenvolvimento nacional”.

Sendo assim, há uma necessidade urgente de uma discussão voltada para as políticas públicas, inclusive em diferentes esferas (nacional, estadual e municipal), para, assim, dar alguma contribuição para que a política pública venha a detectar, de fato, a realidade concreta da dimensão do problema a ser abordado, transformando-se em um veículo no qual o Estado

procura sanar os problemas no setor em questão, atenuando, entre outras coisas, a desigualdade regional.

E, a partir da relação Estado-espaço, é possível inferir que o Estado é um dos principais elementos, senão o principal, que conduz o desenvolvimento regional, ao mesmo tempo ele também é o maior responsável pela fragmentação do espaço, pois à medida que prioriza determinados áreas acaba por contribuir para acentuar as disparidades espaciais.

O Estado passa a compartilhar a execução dos processos econômicos e políticos, acumulando, sobretudo, funções de coordenação e regulação, fixando regras básicas de parcerias que deveriam estar voltadas para, pelo menos, amenizar as diferenças regionais.

Vale salientar que várias políticas (como, as implementadas pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM e pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE por exemplo) já foram criadas e postas em prática no intuito de amenizar as discrepâncias regionais e outras continuam em vigor (como a Política Nacional de Desenvolvimento Regional - PNDR), porém o que se nota é que a desigualdade regional continua de forma acentuada.

Até hoje, a corrente econômica, que teve Celso Furtado como a sua principal referência, prega que o desenvolvimento do Nordeste virá com a implantação de capital a partir de instalações de indústrias, porém tal teoria já se mostrou incapaz de modificar o cenário composto pelas disparidades regionais, visto que o capital gerado por essas indústrias não se reverte em melhorias locais, até porque as indústrias se concentram em alguns pontos da região, enfim, a industrialização, apenas, não é responsável pelo crescimento de uma região.

Diante desse contexto, o Estado com o seu papel de regulador e/ou coordenador deve, então, reconhecer as especificidades de cada região, pondo-as em evidência e explorando-as. E não tentar simplesmente transplantar um modelo que está dando certo em outra região, deixando à margem as potencialidades de cada região, ou seja, tentar implantar um modelo de desenvolvimento de fora para dentro, a partir de investimentos externos. Pelo contrário, deve-se valorizar e incentivar o desenvolvimento de economias locais, levando em consideração as suas trajetórias locais.

Associado a isto, Ashi Amim (1998) deixa uma grande contribuição ao desenvolvimento regional, pois ele desenvolve uma nova abordagem<sup>10</sup> sobre o

---

<sup>10</sup> A primeira abordagem sobre desenvolvimento econômico regional é aquela que prega o desenvolvimento das regiões a partir de investimentos externos seguindo o modelo Keynesiano e a segunda prega justamente o contrário, seguindo o modelo Localista.

desenvolvimento econômico regional, fazendo uma crítica ao modelo Keynesiano e ao modelo Localista, propondo um desenvolvimento que parta de dentro para fora, porém, ele salienta que tal desenvolvimento requer uma combinação externa. Só assim será possível, de fato, promover um desenvolvimento consolidado, integrado com fatores internos e externos. Pois, segundo o referido autor, sem um apoio macroeconômico sustentado, um novo regionalismo não terá sucesso.

Outro elemento importante em relação ao desenvolvimento regional é o planejamento urbano, pois

[...] a urbanização é um dos fatores decisivos no processo de transformação territorial, e as cidades são seus elementos catalisadores. As relações dinâmicas e interações entre as cidades respondem pela atual conformação espacial da rede urbana e por sua evolução futura, cuja compreensão é fundamental para o estabelecimento de metas de políticas públicas urbanas e regionais (IPEA, 2011, p. 15-16).

A cidade mantém uma relação direta com a sua região, pois grande parte de suas atividades estão voltadas para o exterior, logo a rede urbana se constitui em um importante elemento a ser considerado na análise do desenvolvimento regional, a qual, por sua vez, é influenciada, sobretudo pelo planejamento urbano, principalmente quando se trata de infraestrutura, especialmente de transporte.

A respeito desse tema, vale apenas citar que “a rede urbana e sua hierarquia, juntamente com a sua infraestrutura, especialmente de transportes, ordenam e comandam o território.” (IPEA, S/D, p.9)

Tendo em vista o que já foi salientado, cabe agora discutir de que forma o desenvolvimento regional pode ocorrer a partir das potencialidades locais, essas por sua vez atreladas aos fatores externos, visto que estes permeiam a tudo e a todos.

### **1.2.2 Processos produtivos locais no contexto atual**

De acordo com Cassiolato e Lastres “... um sistema produtivo localizado auxilia a reduzir os elementos de “incerteza dinâmica”, o que também facilita a inovação local, pois permite um melhor entendimento dos possíveis resultados das decisões da firma” (s/d p. 18).

Tais autores ainda afirmam que sistemas ou arranjos produtivos locais reagem melhor ao processo de liberalização da economia brasileira do que o conjunto de indústrias brasileira.

Além disso, Sistemas Locais de Produção (SLPs) permitem outras vantagens, como: aprendizado e informações, adquiridos, sobretudo, devido às interações entre os agentes, gerando vantagens significativas de competitividade; especialização de mão-de-obra agilizando e aumentando a produtividade; atração de um maior número de clientes; aumento dos postos de trabalhos; desenvolvimento local (consequentemente regional); entre outras coisas.

Embora, a atividade produtora de artigos em couro e aço para montaria de Cachoeirinha-PE não se constitua um SLP ela já comunga de algumas características, sobretudo, devido à interação entre os agentes envolvidos.

Associado a isso, é de grande importância citar que a cadeia produtiva de uma aglomeração produtiva é influenciada diretamente tanto por fatores endógenos como pelos exógenos, tendo em vista que um sistema produtivo local está localizado em um contexto que ultrapassa os seus limites locais. Logo, a sua análise deve levar em consideração as ligações externas, visto que o mercado local está cada vez mais imbricado ao global. Portanto, só a partir de uma análise que leve em consideração diferentes escalas é que se pode identificar os desdobramentos dessas ligações, tais como possíveis problemáticas e possibilidades.

Nessa perspectiva, Santos (2009) coloca que arranjos espaciais não se dão apenas através de pontos contíguos e contínuos, mas também a partir de pontos descontínuos, porém interligados, admitindo dois recortes: as horizontalidades e as verticalidades.

De um lado, há extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade, como definição tradicional de região. São as *Horizontalidades*. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia. São as *Verticalidades*. O espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente. (SANTOS, 2009, p.284)

O primeiro caso, as horizontalidades, está voltado para as relações, materiais e imateriais, a nível local da produção; porém o segundo ponto, as verticalidades, refere-se a fluxos mais vastos da produção, como por exemplo, a circulação, a distribuição e o consumo em uma escala mais ampla do que no nível de produção. Este ponto cria uma certa interdependência que tende a subordinar os espaços produtivos a lugares e fatos cada vez mais diversos e estranhos.

Ciente desse fato, faz-se necessário mencionar o papel das redes, que, para Santos (2009, p. 262), suas várias definições se enquadram em duas grandes matrizes: “a que apenas considera o seu aspecto, a sua realidade material, e uma outra, onde é também levado em conta o dado social”.

As definições que se enquadram nas primeiras matrizes se referem, sobretudo, as questões materiais, como a infraestrutura que permite o fluxo de mercadorias e informações, marcando um território por pontos que se conectam, já as definições que se enquadram nas outras matrizes tratam a rede como algo abstrato que transmite principalmente valores. Contudo, é fato que o espaço geográfico se encontra reticulado, logo conexo, tanto por elementos materiais como imateriais.

Os fluxos, de todo o tipo – das mercadorias às informações pressupõem a existência das redes. A primeira propriedade das redes é a conexidade – qualidade de conexo –, tem em que há conexão, ligação. Os nós das redes são assim lugares de conexões, lugares de poder e de referência, como sugere RAFFESTIN. É antes de tudo pela conexidade que a rede solidariza os elementos. (DIAS, 2009, p.148)

Além disso, as redes se tornam cada vez mais globais, devido aos progressos técnicos e o modo atual da realização da vida econômica. Assim como, o seu movimento torna-se cada vez mais dialético, pois, ao mesmo tempo que opõe o Mundo ao lugar, confronta o lugar ao território tomado como um todo. (SANTOS, 2009)

Portanto, levando em consideração o que foi exposto, no presente estudo, as redes, que compõem os sistemas locais de produção, são consideradas como uma conexão de relações, tanto a partir das relações horizontais, ou seja, a nível da escala de produção, por exemplo, quanto a partir das relações a nível vertical, dispersas por várias regiões. Tais relações oportunizam entre outras coisas, novas chances de negócios e, conseqüentemente, a expansão das atividades econômicas.

Para Motta (2006, p.09), “a geração de vantagens concorrenciais nos SLPs ocorre pelas características locais dos sistemas, porém a determinação de quais atores que se apropriam dos valores gerados na localidade depende das relações externas que as empresas desenvolvem”. Relações essas que podem estar vinculadas desde a compra da matéria-prima (já que esta, em alguns casos, pode se encontrar fora do sistema produtivo) à comercialização dos produtos. Gerando grandes impactos nos sistemas de produção local.

Contudo, levando em consideração o que já foi exposto, percebe-se que uma realidade socioeconômica, como uma produção localizada, deve ser considerada um sistema aberto, no

qual é composto por redes que interligam diferentes pontos que interagem entre si, sofrendo assim, influência de elementos externos, absorvendo-os e gerando novas respostas, realimentando-se constantemente e autossustentando-se, isto é, quando conseguem, nunca ficando alheios às transformações exteriores.

Atualmente, além dos SPLs, os Arranjos Produtivos Locais (APLs) representam-se de grande valor para o desenvolvimento de um estado<sup>11</sup>. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) fez um levantamento dos possíveis Arranjos Produtivos Locais (APLs) de Pernambuco (ver figura 01), tal mapeamento permite concluir que o estado de Pernambuco contém vários APLs, logo isso se traduz como um ponto positivo para o desenvolvimento de seu território.

Porém, vale salientar que existe uma grande ambiguidade na definição do que seja um APL, pois cada instituição tem seus próprios critérios de definição e seleção dos arranjos produtivos locais, assim como da política a ser aplicada.

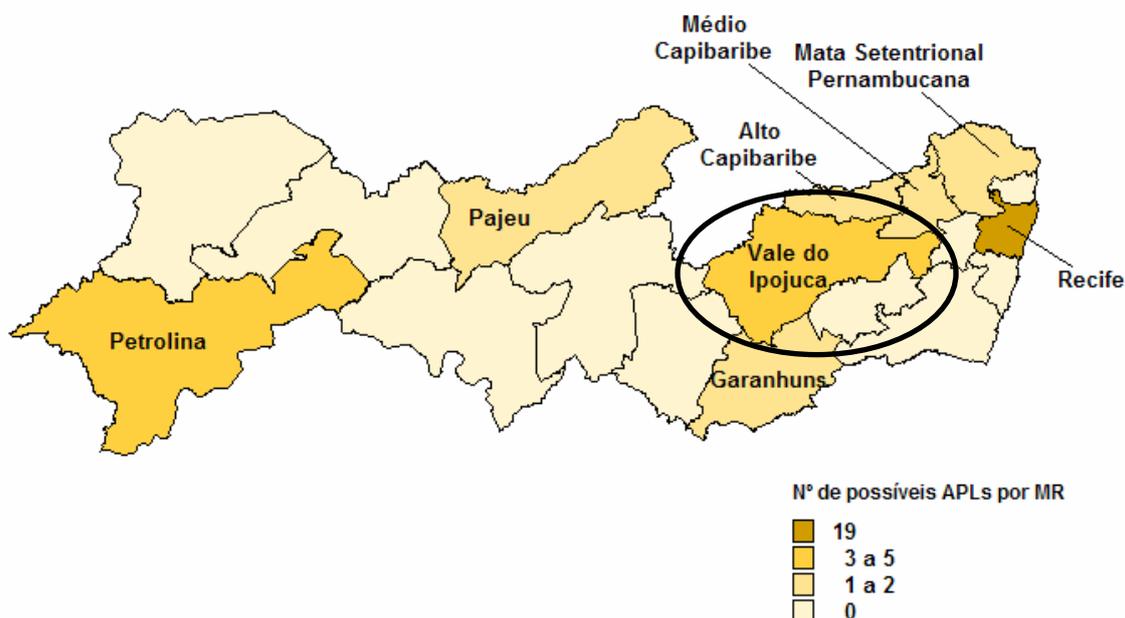
De acordo com o BNDES (S/D), a metodologia utilizada pelo Estado de Pernambuco, na identificação dos APLs, é proveniente da definição das Regiões de Desenvolvimento - RDs de Pernambuco no período de 1999-2002. Porém, ganha importância o esforço de mapear os APLs de Pernambuco

a partir da compilação de diversas fontes de dados dispersos, mas disponíveis nas várias instituições de ensino, pesquisa e agências de governo que tenham produzido um grande acervo de bancos de dados variados, de teses e dissertações, relatórios de pesquisas de órgãos públicos, com vistas a consolidar conhecimentos sobre a experiência de identificação dos APLs e das políticas atuais. (BNDES S/D, p.05)

---

<sup>11</sup> As aglomerações produtivas mais estruturadas são denominadas de “Sistemas Produtivos Locais” e as menos estruturadas, são denominadas de “Arranjos Produtivos Locais”. Adicionalmente, seja arranjo ou sistema, o local deve ser entendido como um espaço de incremento de competências, espaço de aprendizado em última instância e menos a ideia da cadeia produtiva tradicional, contudo, mais uma ideia de cadeia de inovação (BNDES, S/D, P. 23).

**FIGURA 01: Georreferenciamento dos possíveis APLs identificados no estado de Pernambuco**



Fonte: IPEA, S/D.

De acordo com o BNDES (S/D), o Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC) – Grupo de Trabalho Permanente para Arranjos Produtivos Locais (GTP APL) – selecionou, em 2008, sete APLs prioritários para Pernambuco (observar figura 02), sendo incluído em 2009, mais três APLs prioritários, Móveis, Biodiesel e Aquicultura.

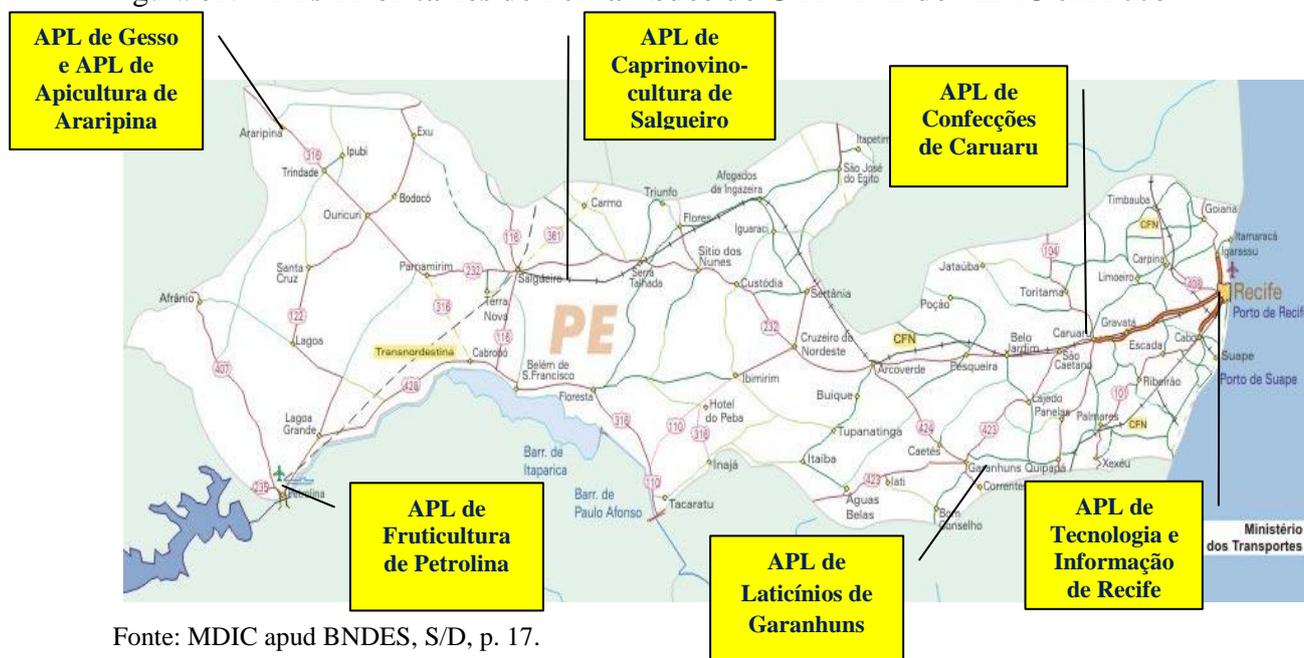
Embora importante representatividade para o município, a atividade produtora de artigos de couro e aço para montaria em Cachoeirinha-PE, localizado no Vale do Ipojuca (ver figura 01) ainda não se constitui como um APL.

Contudo, tendo em vista que potencialidades locais devem ser encaradas sob uma perspectiva sistêmica, as políticas regionais apresentam-se como elementos indispensáveis para o desenvolvimento dessas potencialidades econômicas.

Logo, cabe principalmente ao Estado promover o desenvolvimento e aperfeiçoamento de potencialidades locais (mesmo que depois, quando já consolidada a atividade envolvida, aos poucos, pare de investir), pois assim favorecerá, de fato, o desenvolvimento regional. Embora o poder público não tenha obrigação de promover o desenvolvimento de potencialidades locais (exceto em alguns requisitos, como, por exemplo, no que se diz respeito à infraestrutura, ao uso do solo, e ao controle das possíveis poluições geradas pela

atividade), ele é o maior responsável pela construção de vantagens competitivas e, por conseguinte, da sobrevivência das potencialidades locais a longo prazo.

Figura 02: APLs Prioritários de Pernambuco do GTP-APL do MDIC em 2008



Fonte: MDIC apud BNDES, S/D, p. 17.

Para tanto, é necessário à implantação de várias iniciativas de políticas que se aproximem da realidade local, capazes de promover um conhecimento sistematizado sobre as atividades desenvolvidas de forma a garantir o aperfeiçoamento e a continuidade da produção, da capacidade de inovar e, conseqüentemente, de competir no mercado; manter parcerias público-privadas; além de proporcionar uma infraestrutura capaz de favorecer a atividade em questão, seja através do sistema de transporte e/ou do comércio, etc.

Vale ressaltar que todas as iniciativas do poder público devem favorecer a coletividade e não apenas a determinados setores e empresas. Para Carleial (S/D, p.21) “a atuação da política pública para favorecer a interação entre os agentes envolvidos deve se fazer sobre o tecido produtivo de uma dada região, incorporando empresas de diferentes portes, ou seja, grandes, médias e pequenas”.

Vale enfatizar, que o setor público tem uma grande importância no apoio à formação dos trabalhadores em um ambiente externo, para que esses ampliem e apliquem o seu conhecimento e, conseqüentemente, a sua capacidade de inovar, seja no âmbito da produção ou da comercialização. Pois, para sobreviver à competitividade, a inovação deve ser inevitável. Mas para tal é necessário que alguém, principalmente o poder público, proporcione

um conhecimento sistematizado de determinadas economias, para que assim as pessoas envolvidas tenham uma maior capacidade de inovar.

Para Cassiolato e Lastres (S/D, p.2) “a inovação e o conhecimento são os principais fatores que definem a competitividade e o desenvolvimento de nações, regiões, setores, empresas e até indivíduos”. Embora a inovação já tenha sido apregoada há muito tempo atrás, ela ainda é tida como um trunfo para o contínuo desenvolvimento de uma economia, tendo em vista, a lógica que preside o mundo contemporâneo, onde a crise não é exceção. Pois, de acordo com István Mészáros (2002) o sistema do capital é essencialmente destrutivo em sua lógica, no qual as coisas têm um valor de uso decrescente. Logo, “o especial e o novo exercem a função de mercadorias-chave na abertura de mercados para o comércio capitalista” (HAUG, 1997, p.28).

Enfim, uma das melhores e mais consistente formas de promover o desenvolvimento regional é, em vez de priorizar o transplante de indústrias ou empresas de outros países ou regiões cujo interesse é a exploração do mercado interno e não promover a integração nacional, fortalecer as potencialidades locais, pois estas podem promover um desenvolvimento mais consistente, tanto no âmbito local, como consequentemente regional. Pois, o presente estudo atribui às potencialidades locais um importante papel no desenvolvimento regional, como é o caso da atividade em pauta.

Porém, de forma realista, e não pessimista, deve-se salientar que, enquanto a lógica que preside o mundo contemporâneo permanecer, dificilmente a desigualdade regional desaparecerá, pois de acordo com Mészáros (2002, p.96), “Ao contrário da mitologia apologética de seus ideólogos, o modo de operação do sistema do capital é a *exceção e não a regra*, no que diz respeito no intercâmbio produtivo dos seres humanos com a natureza e entre si”. Portanto, como o sistema do capital é exceção, a desigualdade permanecerá, pois, somente a minoria (seja das regiões, das pessoas, etc.) tira proveito desse sistema. O que de fato poderá ser feito, tendo em vista o que já foi apresentado, é amenizar a desigualdade regional brasileira.

## **CAPÍTULO II**

### **2. CONHECENDO AS ESPECIFICIDADES DO MUNICÍPIO DE CACHOEIRINHA-PE E A SUA ATIVIDADE EM COURO E AÇO**

A escolha do município em epígrafe é justificada pelo fato de que neste concentra-se, significativamente, o objeto de estudo do presente trabalho, a atividade produtora de artigos derivados do couro e do aço para montaria, aliado ao fato de que Cachoeirinha-PE localiza-se em uma região periférica do nordeste brasileiro, evidenciando as contradições do sociometabolismo do capital. No entanto, faz-se necessário conhecer as peculiaridades do município em pauta para então compreender a conjuntura na qual essa atividade está inserida.

#### **2.1 O município de Cachoeirinha – PE**

##### **2.1.1 Localização do município**

O município Cachoeirinha<sup>12</sup>, cuja origem foi de uma fazenda<sup>13</sup> e tem como identidade cultural o slogan “terra dos arreios em couro e aço”, localiza-se no estado de Pernambuco, na mesorregião do agreste – área de transição entre a Zona da Mata (úmida) e o Sertão (semiárido) –, mais especificamente na microrregião do Vale do Ipojuca. Distanto 198 Km da

---

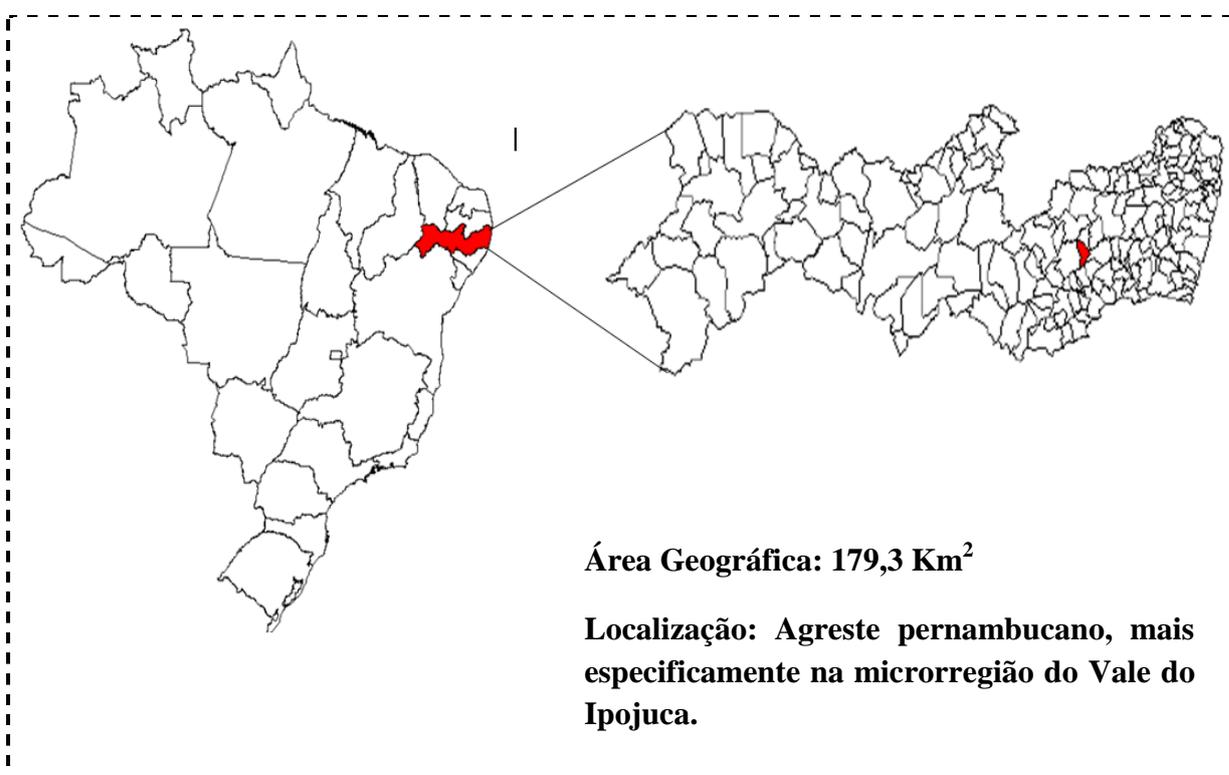
<sup>12</sup> O nome do município em questão “Cachoeirinha” remete a uma pequena cachoeira existente no rio Una, nas proximidades da cidade, porém, atualmente, devido a erosão fluvial, a pequena cachoeira é praticamente imperceptível.

<sup>13</sup> Cachoeirinha era uma fazenda pertencente à Sesmaria dos Vieira de Melo, localizada no atual município de São Bento do Una. Onde “em 29 de abril de 1751, essa fazenda passou a pertencer à senhora Maria da Conceição Bezerra, viúva do sargento-mor Antônio Fagundes Bezerra, grande amigo do capitão Antonio Vieira de Melo. Em 1863, o Pe. Manuel da Costa Honorato, registrou Cachoeirinha como um povoado situado na freguesia de São Bento do Una. No dia 12 de maio de 1874, foi criado o distrito de Cachoeirinha e somente em 22 de novembro de 1892, ocorreu a divisão do mesmo em dois distritos assim divididos: 1º Sede (Vila) e 2º Povoado de Cachoeirinha. Pela Lei Estadual nº 3.309, promulgada aos 17 de dezembro de 1958, o então distrito foi elevado à categoria de município, como território desmembrado do de São Bento do Uma, cuja instalação verificou-se no dia 1º de março de 1962”. (VIANA, 2008, P.35)

capital do estado, com uma área territorial de aproximadamente 179,3 km<sup>2</sup> (observar a figura 03 e o mapa 01).

A sede encontra-se a 08° 29' 08" de latitude Sul e 36° 14' 44" de longitude Oeste, é cortada por uma BR de grande fluxo, a 423. Localizando-se entre dois importantes centros urbanos, Caruaru e Garanhuns, o que também viabiliza a sua ligação ao comércio estadual e até mesmo ao federal.

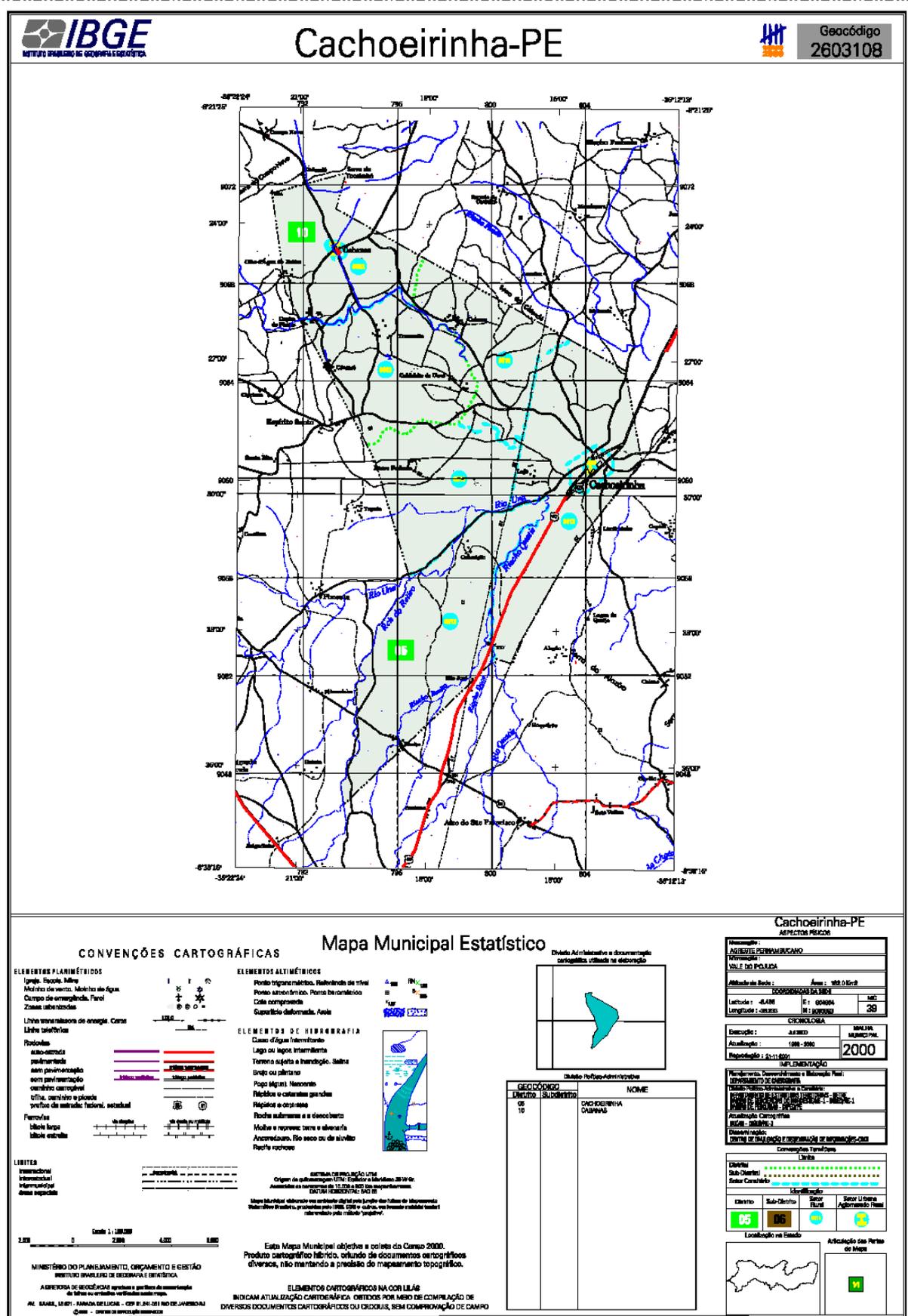
**Figura 03: Localização do município de Cachoeirinha-PE**



Elaboração: Rosiane Macêdo, março – 2013.

O município de Cachoeirinha possui apenas dois distritos: o distrito sede e o distrito de Cabanas. Sua extensão territorial limita-se ao norte com os municípios de Belo Jardim e Tacaimbó, ao sul com os municípios de Lajedo e Ibirajuba, a leste com os municípios de Altinho e São Caetano e a oeste com o município de São Bento do Una, como pode ser observado no mapa 01.

# Mapa 01: O MUNICÍPIO DE CACHOEIRINHA – PE



Escala: 1:100.000

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO  
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA  
ATRIBUIÇÃO DE GEOCÓDIGO a partir de informações de tabelas ou cartões de identificação cadastrais

AL. BRAS. 14.001 - PARANÁ, BELÉM - CEP 61.201-900 RIO DE JANEIRO RJ  
© 2000 - Todos os direitos reservados

Fonte: IBGE, 2000.

### 2.1.2 Aspectos demográficos

O município conta com uma população de aproximadamente 18.819 habitantes (IBGE, 2010). Ocupando a 107<sup>a</sup> posição no ranking estadual (Associação Municipalista de Pernambuco - AMUPE, 2011), seguindo uma tendência nacional, onde predomina a população feminina e jovem (observar os gráficos 01 e 03).

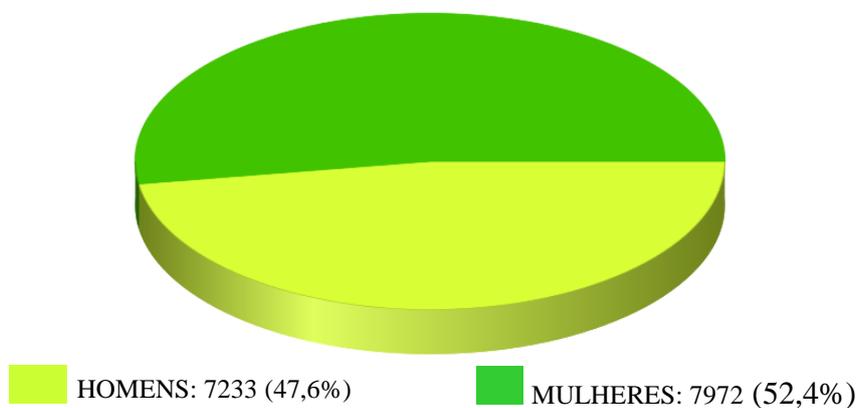
Da qual, em torno de 15.221 constituem a população urbana e apenas 3.612 a população rural, acompanhado mais uma vez a tendência nacional, pois tais dados evidenciam a grande migração do campo para a cidade (ver gráfico 02). De acordo com a AMUPE (2011) o município possui uma densidade demográfica em torno de 105,06 hab./km<sup>2</sup> (ocupando a 78<sup>a</sup> posição no ranking estadual).

Gráfico 01: **População – Cachoeirinha (PE)**



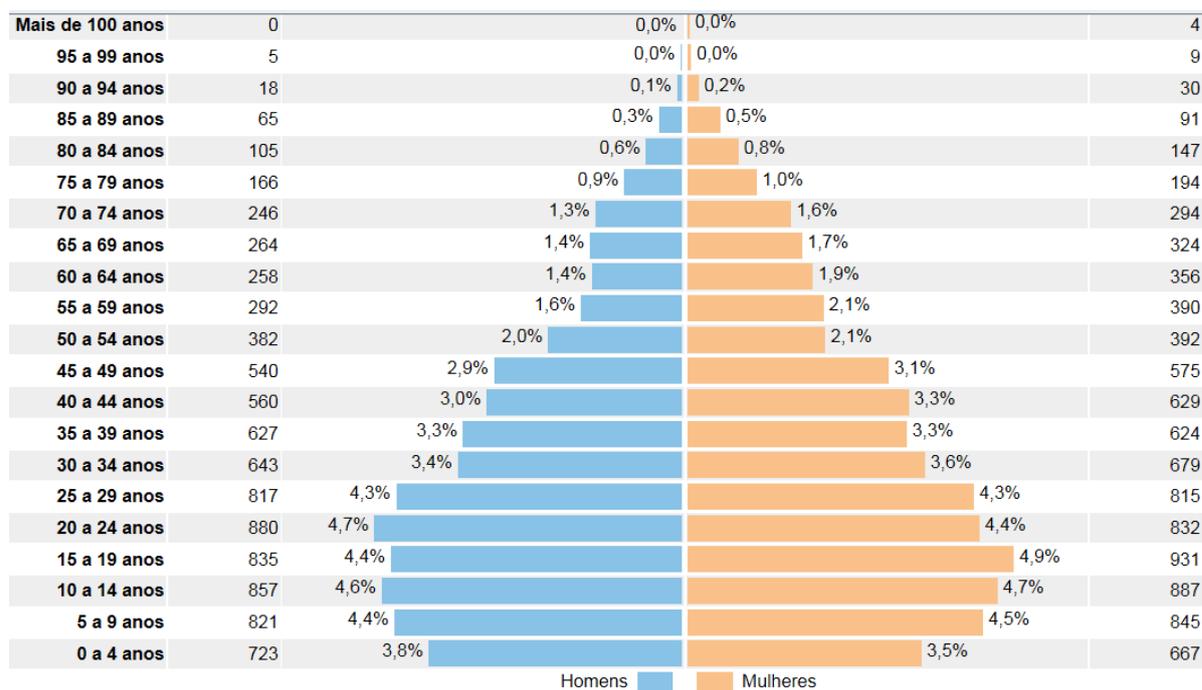
Fonte: IBGE, 2010.

Gráfico 02: **População Urbana – Cachoeirinha (PE)**



Fonte: IBGE, 2010.

Gráfico 03: **Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade**  
Cachoeirinha (PE) - 2010



Fonte: IBGE, 2010.

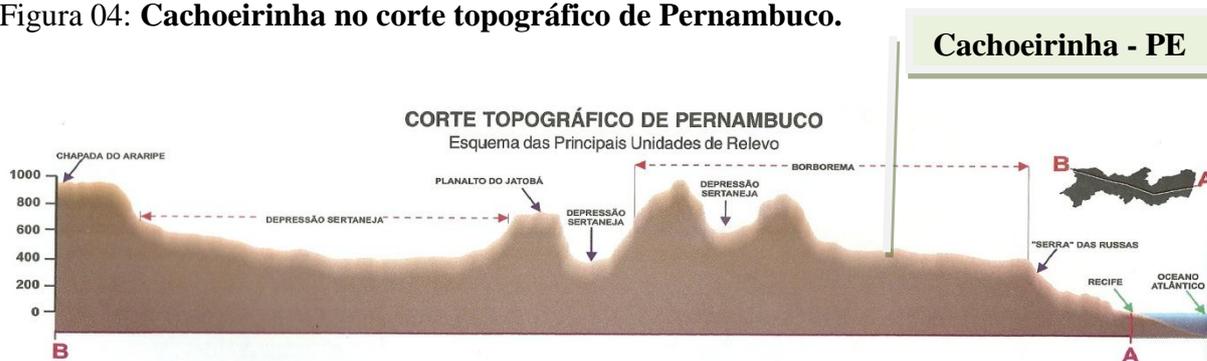
O fato de que a maior parte da população do município de Cachoeirinha PE é urbana, se constitui numa forma de intensificação da atividade produtora dos artigos para montaria derivados do couro e do aço, pois, a pequena oferta de trabalho no espaço urbano, mais especificamente, leva a grande parte da população a ingressar, cada vez mais, nesta atividade. Conseqüentemente, tal fato gera uma maior produção, assim como também, uma maior especialização de mão-de-obra.

Vale salientar, ao mesmo tempo, que essa realidade pode ser responsável pelos sinais já presentes de atrofiamento na atividade em pauta, uma vez que uma grande absorção de trabalhadores significa uma maior produção, porém, não necessariamente acompanhada por uma maior demanda dos artigos. Tal situação pode se agravar ainda mais em um futuro não muito distante, tendo em vista que a pirâmide etária da população é composta, sobretudo, por crianças e jovens, que brevemente estarão ingressando no mercado de trabalho. Logo, se o dinamismo da oferta de trabalho não for ampliado, muito provavelmente a maioria destas pessoas ingressará na atividade em questão, podendo assim, ampliar ainda mais o desequilíbrio entre oferta e demanda.

### 2.1.3 Aspectos físico-naturais

A cidade de Cachoeirinha encontra-se a 531 metros (aproximadamente) de altitude em relação ao nível do mar, estando situada no planalto da Borborema. Seu relevo caracteriza-se por ser levemente ondulado (observar figura 04).

Figura 04: Cachoeirinha no corte topográfico de Pernambuco.



Fonte: Jatobá, 2003. Elaboração: Rosiane Macêdo, setembro - 2012

O município situa-se numa faixa de baixa latitude, sendo elevada a insolação no ano inteiro, sendo assim, predominam as temperaturas médias anuais elevadas. O clima do município é o tropical, mas especificamente, o semiárido, que é determinado tanto por fatores geográficos estáticos, os principais são: relevo (altitude), latitude e distância do mar, como por fatores dinâmicos, como: circulação atmosférica. Quanto ao regime de chuvas, vale destacar, as de verão-outono, as mais intensas, sendo uma característica marcante do município a escassez de água.

Cachoeirinha – PE faz parte da bacia hidrográfica do rio Una. Seu principal aspecto hidrográfico é o rio Una, este é considerado um dos rios mais importantes do estado de Pernambuco, embora encontre-se extremamente poluído no município em questão, principalmente no perímetro urbano.

A vegetação do município é predominantemente formada por caatinga hipoxerófila. De acordo com Jatobá (2003), essa é formada principalmente por árvores e arbustos que perdem as folhas durante a época seca, as espécies vegetais mais comuns são: canafístula, mulungu, jurema preta, macambira, marmeleiro e mandacaru. Porém encontra-se também com facilidade a caatinga hiperxerófila, que, de acordo com Jatobá (2003), é típica de áreas mais secas, as espécies vegetais mais encontradas são: macambira, pereiro, xiquexique, caroá, angico etc.

O solo é raso e pedregoso do tipo planossolo, ou seja, são solos moderadamente ácidos que exibem uma acentuada concentração de argila e ocorrem em relevo plano ou suavemente ondulado. Implicando, principalmente, no tipo de plantação a ser desenvolvida (ALBUQUERQUE e JATOBÁ, 2003).

Como se sabe, o Agreste é uma área de transição entre a Zona da Mata (úmida) e o Sertão (seco), logo é comum encontrar nessa sub-região municípios que se assemelham mais com uma ou outra sub-região. Nesse caso, a maior parte das características físico-naturais do município de Cachoeirinha PE assemelha-se mais com as do Sertão. Aliadas às técnicas “atrasadas” de agricultura constituem em um entrave para o desenvolvimento desta, passando a ter, cada vez mais, uma importância secundária, ao contrário dos municípios circunvizinhos.

Desse modo, mesmo que indiretamente, esses aspectos naturais influenciam no objeto de estudo do presente trabalho. De forma, que a atividade em pauta passa também a absorver a mão-de-obra que poderia estar ocupada na agricultura, evidenciando, inclusive, parte dos motivos que explicam a pulverização significativa da atividade em pauta no espaço rural (como pode ser visto no capítulo IV).

#### **2.1.4 Principais fatores socioeconômicos do município**

O município em questão teve um PIB – Produto Interno Bruto – em 2010 de R\$ 103.420.000,00 (ocupando a 102<sup>a</sup> posição no ranking estadual). Sendo que, em 2010, o PIB per capita correspondia a R\$ 5.491,00 (CONDEPE/FIDEM, 2010).

Com um IDH – Índice de Desenvolvimento Humano –, em 2000, de 0,642 (o que o colocou nesse ano na 59<sup>a</sup> posição levando-se em consideração os 184 municípios do estado de Pernambuco) (AMUPE, 2011).

Vale ressaltar que, as principais economias do município, a pecuária leiteira juntamente com produção de queijo e a atividade produtora de artigos para montaria de couro e aço (apresentadas mais adiante), se configuram em sua grande maior parte como atividades informais, cuja produção não é contabilizada na soma do PIB municipal. Logo, o PIB do município seria consideravelmente maior se tais atividades fossem formalizadas.

A economia de Cachoeirinha, quando comparada com a economia dos municípios circunvizinhos, é relativamente dinâmica. Pois além da agropecuária e de serviços públicos (principalmente a nível municipal), comum nos municípios do agreste, destaca-se a produção

significativa de queijo de coalho e de outros derivados do leite, e, principalmente, a produção de artigos de couro e aço para montaria.

A pecuária tem um papel muito significativo no município de Cachoeirinha, vale salientar que essa atividade é a principal responsável pela fonte de renda da grande maior parte da PEA (População Economicamente Ativa) rural, evitando, porém, entre outras coisas, a migração maciça do campo para cidade. Inclusive, é possível identificar, com facilidade, cidadãos que tem como principal fonte de renda a criação e comercialização do gado bovino.

Algumas das características que se destacam na pecuária do município é seu caráter semi-intensivo, marcado por um regime de confinamento em alguns períodos do dia, com alimentação específica e também por um período (geralmente o maior) onde o gado é criado a solta. Os motivos pelos quais esse tipo de criação (a semi-intensiva) é a mais praticada no município, é o fato de que as características físico-químicas do município (já apresentadas), não permitem o desenvolvimento da pastagem por muito tempo, além de que, a água é escassa para o consumo do gado em algumas estações; juntamente com o motivo do município de Cachoeirinha ser marcado, sobretudo, por minifúndio, sendo pequena a disponibilidade de terras para áreas pastosas.

Vale destacar que, no município, são desenvolvidos os dois tipos de pecuária: a de corte e a leiteira. Sendo de maior importância para o município a leiteira, tendo em vista que Cachoeirinha é um dos maiores centros produtores de derivados do leite da região (principalmente queijo de coalho e manteiga de garrafa). A produção caseira de laticínio é uma importante tradição que ajuda a fortalecer a economia.

Logo, é comum que os criadores de gado bovino também sejam produtores de queijo de coalho. São duas atividades interdependentes, pois, por exemplo, se diminuir o preço do queijo de coalho conseqüentemente tal fato afetará a criação do gado e vice e versa.

Contudo as duas atividades econômicas expostas culminam em duas grandes feiras, que inclusive, nessas categorias, ficam entre as maiores da região, a do queijo e a do gado, ambas acontecem na quinta-feira. A feira do queijo é a maior de Pernambuco, movimentando dezenas de toneladas de queijo (entre 40 a 60 toneladas semanais), e a de gado atrai muitos compradores e vendedores de diferentes municípios, conseqüentemente movimentando uma grande quantidade de dinheiro. Ainda graças à prática pecuarista, é comercializada uma expressiva quantidade de carne de sol que é famosa em toda região do Agreste.

Ao contrário da maioria dos municípios circunvizinhos, a agricultura no município não representa uma das maiores atividades econômicas, devido principalmente aos aspectos

físico-químicos apresentados anteriormente. A agricultura praticada é a de subsistência, os produtores guardam o necessário para o seu consumo anual e da sua família e comercializam o excedente. As culturas mais praticadas no município em questão são o milho e o feijão.

Sobre essa questão Viana (2008), coloca que, a agricultura de Cachoeirinha-PE apresenta uma reduzida produção, em consequência dos fatores climáticos aliados, também, a processos tecnológicos “atrasados”, logo o desenvolvimento da agricultura depende, sobretudo, da experiência de vida do agricultor, assim como o desenvolvimento da pecuária. As características de ambas atividades (agricultura e pecuária) remetem ao contexto histórico-geográfico do espaço agrestino.

Contudo, percebe-se que, “As empresas, na busca da mais-valia desejada, valorizam diferentemente as localizações. Não é qualquer lugar que interessa a tal ou qual firma.” (SANTOS, 2008, p.33). Nesse contexto, Cachoeirinha – PE é um desses lugares que, vale ressaltar, até o presente momento, não atraiu ainda grandes empresas, seja pelo seu porte populacional e, conseqüentemente, falta de um mercado consumidor significativo, seja pela falta de matéria-prima a oferecer ou pela falta de mão-de-obra qualificada.

Vale apenas enfatizar a observação de que, além do município de Cachoeirinha-PE ainda não se ter mostrado interessante, a busca da mais-valia das grandes empresas, ainda sofre com suas características físico-químicas, pois estas não contribuem significativamente para o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, por exemplo.

No entanto, as técnicas necessárias para o desenvolvimento da atividade produtora de artigos em couro e aço para montaria não encontraram nenhuma resistência no espaço geográfico do município em questão.

O fato desse espaço ficar (pelo menos, até então) à margem dos interesses de instalações de grandes empresas e por ser pouco beneficiado pelas suas características naturais, mesmo que indiretamente, criaram condições favoráveis ao desenvolvimento da atividade em pauta. Esta representa o principal posto de trabalho para os cachoeirinhense, apresentada a seguir.

## **2.2 Apresentação da atividade em couro e aço no município de Cachoeirinha-PE**

### **2.2.1 A atividade no contexto atual**

O desenvolvimento e aperfeiçoamento da atividade em couro e aço vem se apresentando como uma alternativa à população para fugir dos efeitos perversos do sistema

vigente. Essa atividade se transformou em uma opção de trabalho que abarca a maior parte da PEA do município.

As centenas de tendas (oficinas) de médio e pequeno porte, muitas delas localizadas em quintais de casas, produzem diversos artigos de couro, como, selas, mantas, luvas de vaquejada, arreios (rabicho, loro, cabeçada, rédea, peitoral, cabresto etc.), chicotes, calças, cintos etc.; e de aço, como, fivelas, estribos, breques, brídiás, esporas, argolas etc. Fornecendo vários tipos de produtos para montaria e dando aos adeptos dos rodeios, da moda country e principalmente das vaquejadas várias opções de artigos de couro, que se destacam por serem feitos de couro legítimo, ao contrário de outros artigos feitos de material sintético.

Atualmente a produção dos artigos é feita em série e requer vários tipos de ferramentas, sendo artigos, na sua grande maioria, utilitários, principalmente para montaria. No processo de produção, o trabalho manual ainda predomina.

Na produção, a principal mão-de-obra continua sendo a masculina, porém tanto na produção de artigos de aço como, principalmente, de couro vê-se que as mulheres ganham cada vez mais espaço nessa atividade (ver fotos 01 e 02), sendo que são as principais responsáveis pela costura (geralmente manual) em uma espécie de serviço terceirizado, ocupando uma parcela significativa, sobretudo, de donas de casa de baixa renda e até, em alguns casos, crianças<sup>14</sup>, as quais tem essa atividade como a principal fonte de renda, podendo ser realizada em diferentes lugares, já que para o exercício desse trabalho é requerido apenas a peça de couro, a agulha e a linha. Logo, é comum, na cidade, encontrar mulheres costurando em suas casas, em calçadas, em filas de bancos, etc. (Observar fotos 03 e 04).

O valor por cada peça costurada varia entre 1 a 5 reais, dependendo do tipo (sela – R\$ 5,00; cabeçada R\$ 2,00; luva – R\$ 1,50; rabicho – R\$ 1,00). Devido à baixa remuneração oferecida nessa atividade, somente as mulheres que se dedicam exaustivamente à costura, conseguem faturar no máximo sessenta reais por semana. Mesmo assim, em muitos casos esse trabalho representa a principal fonte financeira responsável pelo sustento da família.

---

<sup>14</sup> Tal fato vem a confirmar mais uma artimanha do sistema do capital, o qual se serve de mão-de-obra barata, como a de mulheres e de crianças de baixa renda.

**Foto 01: Mulher trabalhando na produção de artigos de aço.**



Foto: Rosiane Macêdo, agosto – 2012.

**Foto 02: Mulher trabalhando na produção de artigos de couro**



Foto: Rosiane Macêdo, agosto – 2012.

Foto 03: Mulher cuja principal atividade econômica é a costura de peças de couro

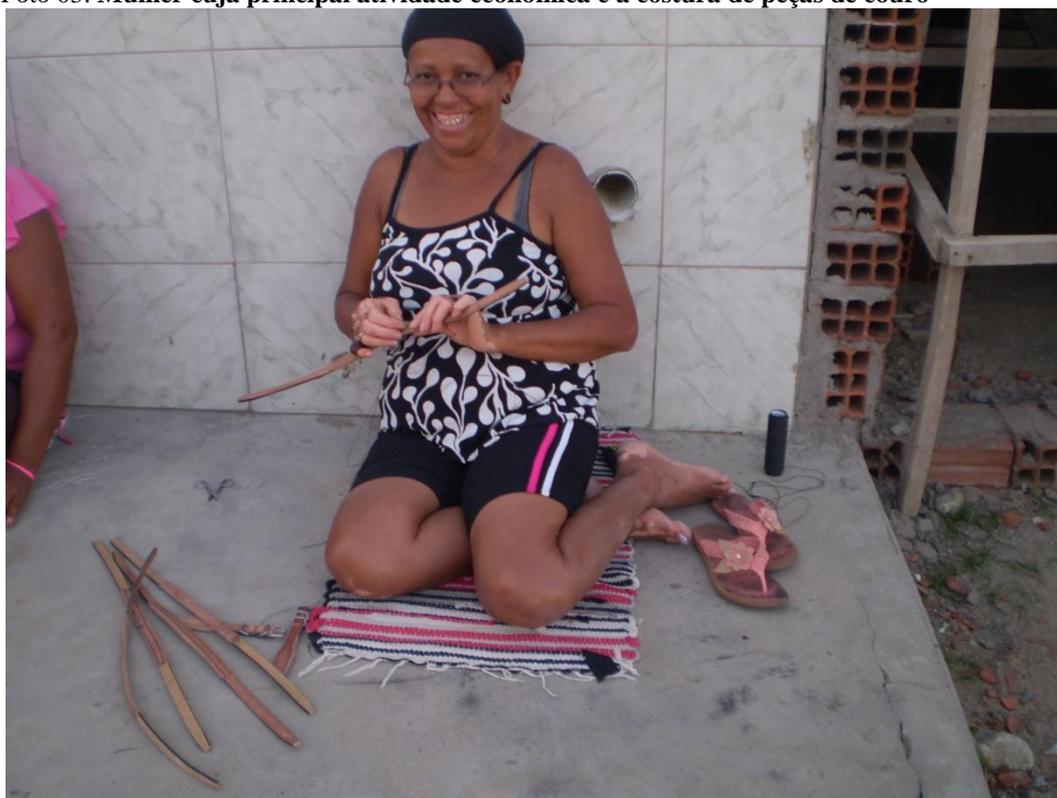


Foto: Rosiane Macêdo, agosto – 2012.

Foto 04: Criança que já tem como atividade econômica a costura de peças de couro



Foto: Rosiane Macêdo, agosto – 2012.

Além disso, outra característica marcante dessa atividade no município em questão são os micronegócios, onde várias pessoas são empreendedoras de seus próprios negócios. Expondo-se aos riscos que a competitividade oferece, principalmente, nos dias atuais, onde há uma abertura cada vez maior do mercado e também devido ao fato de que o produtor/empreendedor não dispõe de um conhecimento sistematizado sobre o mercado, deixando, assim, o seu negócio mais vulnerável.

Contudo, Cachoeirinha é conhecida na região, e até nacionalmente, como a “terra dos arreios em couro e aço”. Os artigos de couro e de aço são comercializados, principalmente, em lojas exclusivas, conhecidas por selarias, localizadas principalmente em uma rua, a Siqueira Campos, também conhecida como “rua das selarias”, à margem da BR 423, além de ganhar destaque em uma feira exclusiva (ver fotos 05, 06 e 07) que acontece toda quinta-feira, composta pela exposição de diferentes artigos em couro e aço de diferentes produtores, na qual a maior parte dos clientes é de outras cidades, de diferentes regiões brasileiras, pois o mercado interno não é capaz de absorver toda a produção.

**Foto 05: Feira exclusiva dos artigos em couro e aço**



Foto: Rosiane Macêdo, setembro – 2012.

Foto 06: **Exposição de artigos de aço na feira**

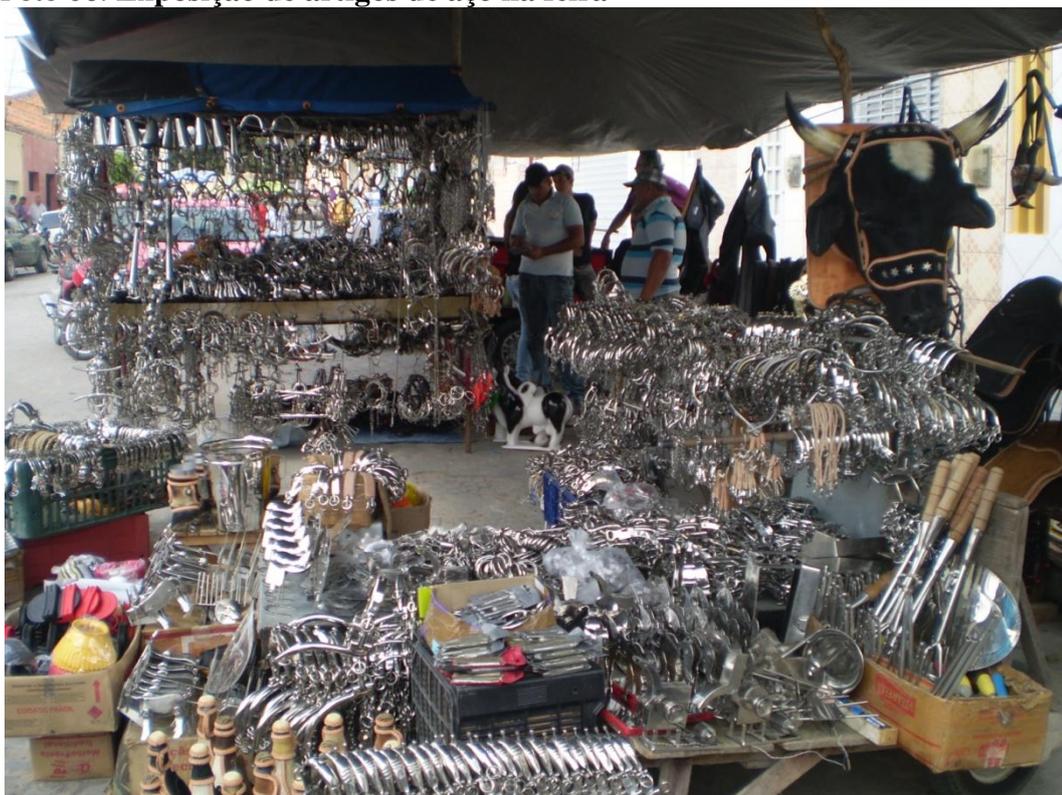


Foto: Rosiane Macêdo, setembro – 2012.

Foto 07: **Exposição de selas na feira**



Foto: Rosiane Macêdo, setembro – 2012.

Nessa feira semanal predomina dois tipos de comercialização: a sob encomenda e principalmente a base da lei da oferta e procura. Essa última forma de comercialização impõem ao pequeno comerciante (geralmente também produtor) uma situação delicada quando a oferta na feira é maior do que a procura, o que leva o comerciante/produtor a oferecer seus produtos aos donos de selarias e a alguns atravessadores (apresentados mais adiante), porém esses aproveitando-se da situação compram a mercadoria por um preço que mal dá para cobrir as despesas da produção.

Ou seja, quando a oferta é maior que a procura isso acaba gerando a “queima de preço”<sup>15</sup>. É o que afirma a comerciante Eduarda Medeiros, exemplificando: “As mesmas brídiás produzidas aqui são comercializadas do mesmo preço em algumas lojas de Minas Gerais, isso mostra a “queima de preço” em Cachoeirinha, desvalorizando o trabalho do município”.

Tal fato está diretamente relacionado ao sistema vigente, mais especificamente com seus períodos de grande retração, assolando principalmente as atividades informais. Vale ressaltar que a atividade em pauta é caracterizada, essencialmente, pelo trabalho informal, onde é marcante a presença das pessoas que trabalham por conta própria, não contribuindo, por exemplo, para a previdência. Além de que, a grande maioria dos trabalhadores não tem carteira assinada, muitos se quer têm uma renda fixa. Vale ressaltar que a informalidade é ainda maior no âmbito da produção, estando relacionada diretamente com a precariedade desse setor.

Tal contexto de informalidade evidencia uma estratégia de sobrevivência tendo em vista a insuficiência do emprego formal, assim como também, embora em menor grau, uma opção para quem quer desenvolver o seu próprio negócio.

Por se tratar de uma atividade, cuja informalidade predomina, a tributação sobre ela é mínima, consistindo apenas em alguns casos, mais especificamente das selarias, no alvará concedido pela prefeitura e nas despesas referentes à abertura de firma. Ademais, em pequenos impostos (em torno de dois reais, semanais) cobrados pela prefeitura do espaço ocupado pelos comerciantes na feira do couro e do aço e também, em alguns casos, o pagamento pela emissão da nota fiscal das mercadorias a serem transportadas, principalmente pelos atravessadores.

Os atravessadores, por sua vez, têm como função transportar e vender os artigos produzidos em Cachoeirinha, em todo território nacional, inclusive já ultrapassam a sua

---

<sup>15</sup> Ou seja, diminui-se o preço da mercadoria, ficando muito abaixo do preço de mercado, atraindo assim, os compradores.

fronteira, assim como também trazem para o município praticamente toda a matéria-prima utilizada (nesse caso os derivados do couro e do aço, as principais matérias-primas).

Associado a isto é importante citar que a grande maioria das selarias, senão todas que tem firma aberta, são cadastradas como pequenas empresas, logo, para não ultrapassar o valor máximo movimentado permitido a uma pequena empresa, recorre-se, então, para emissão de notas fiscais à Cooperativa dos Artesãos do Couro e do Aço de Cachoeirinha (COOACAL)<sup>16</sup>, esta, não tem um valor limite de emissão de notas fiscais, assim como também a Associação dos Artesãos do Couro e do Aço de Cachoeirinha (AACAC)<sup>17</sup>.

Na comercialização dos artigos, deve-se considerar, em especial, também os próprios produtores, que além de comercializar os produtos na feira, seja por encomenda ou não, ainda fornecem os produtos para os donos das selarias e os atravessadores, ainda para os vaqueiros e fazendeiros, comercializando, nesse caso, na própria tenda<sup>18</sup>.

O fato de a produção ser aglomerada geograficamente proporciona algumas vantagens ao desenvolvimento da própria atividade no município, pois proporciona aos compradores uma gama necessária de produtos com grande variedade e com vantagens de preços, atraindo assim cada vez mais compradores de diferentes regiões.

Além disto, na esfera da produção, a eficiência coletiva é de suma importância, tendo em vista que se trata de uma cadeia produtiva, onde há pessoas responsáveis por diversas etapas que atualmente configuram a atividade em questão, como o fornecimento da matéria-prima<sup>19</sup>, a produção de diferentes artigos que exige mão-de-obra especializada e um comércio voltado para essa atividade. Logo a eficiência coletiva e localizada é essencial para a somatória de vantagens responsáveis pelo sucesso da atividade em pauta.

Porém, infelizmente, nem todos os setores envolvidos e, conseqüentemente, nem todas as pessoas envolvidas nessa atividade produtiva aglomerada geograficamente se beneficiam. Pois, como já foi pontuado, de acordo com Mészáros (2002), o sistema do capital é exceção e não regra. Uma vez que a apropriação de vantagens geradas com essa atividade não é simétrica, visto que os setores e as pessoas envolvidas apresentam margem de rentabilidade distinta.

---

<sup>16</sup> A qual será melhor apresenta um pouco mais adiante.

<sup>17</sup> Criada a partir do esforço individual do seu presidente (Narciso Silva) a AACAC, além de emitir notas fiscais das mercadorias da atividade em pauta, ao longo dos últimos anos vem fazendo uma compilação de dados sobre a atividade do couro e do aço em Cachoeirinha.

<sup>18</sup> A oficina (ou lugar de produção) tanto dos artigos de couro como de aço é conhecida popularmente no município como tenda.

<sup>19</sup> Vale ressaltar que a matéria-prima (os derivados do couro, como: a vaqueta, a raspa, o nervo, a sola etc e o aço, sobretudo) é importada de outros estados e não produzida no município.

E, embora atualmente, a atividade em questão constitui-se em uma atividade aglomerada geograficamente e comunga de várias características de um APL, ela ainda não é classificada como tal. Devido, principalmente, a falta de engajamento do próprio poder público local, que não promove sequer a compilação de dados sobre essa atividade, nem muito menos promove o seu desenvolvimento.

Uma das principais vantagens de se tornar um APL, é que o município teria algumas políticas públicas voltadas para atividade em pauta, receberia, assim, apoio de algumas instituições, que promoveriam, um conhecimento sistematizado em vários setores, gerando incentivo à inovação, tanto no processo de produção como na forma de comercialização.

Contudo, em meio ao contexto no qual nos encontramos, a atividade produtora de artigos de couro e aço para montaria, vem se mostrando como fortalecedora do tecido socioeconômico do município de Cachoeirinha. No sentido de que se apresenta como uma prática local que se traduz em uma alternativa de trabalho capaz de absorver a maior parte da PEA do município, promovendo, assim, a sustentabilidade econômica da maioria das famílias cachoeirinhenses, conseqüentemente, contribuindo para o desenvolvimento regional. Pois Cachoeirinha passaria a ser um município com uma economia fortalecida, onde se percebe por exemplo, a diminuição da migração para outros centros urbanos e/ou para outras regiões do país.

Além de ser responsável, em grande parte, pela convivialidade de seus munícipes, favorecendo relacionamentos comunitários, pois tal atividade é tida como um orgulho para o município e proporciona até, em vários momentos, festas exclusivas<sup>20</sup>. Enfim, a atividade artesanal em couro e aço favorece, principalmente no próprio trabalho, cumplicidade e identidade cultural entre a população. Elementos esses cada vez mais necessários na nossa era, capazes de mitigar as conseqüências do capitalismo tão desagregador que tende a tornar as sociedades cada vez mais individualistas e desiguais.

### **2.2.2 Origem e evolução**

A comercialização e produção de selas e arreios em Cachoeirinha - PE ocorrem desde a primeira metade do século passado. Desde então, esse ofício vem sendo repassado de

---

<sup>20</sup> Atualmente as festas em comemoração a atividade em questão, promovidas por uma estação de rádio comunitária, são bem menos expressivas do que já foram alguns anos atrás quando promovidas pela prefeitura municipal.

geração a geração, a partir de observações diárias, sem um conhecimento sistematizado, porém produzindo uma gama significativa de variedades de artigos que atrai várias pessoas de diferentes regiões.

Graças ao pioneirismo do Sr. Júlio Jacinto da Silva a atividade produtora de artigos de couro foi se expandindo, ainda quando Cachoeirinha era uma vila. Com a procura crescente dos artigos em couro o referido senhor passou, além de comercializar e divulgar os produtos, nessa época, essencialmente artesanais, a fornecer a matéria-prima (o couro) e também emprestar dinheiro aos produtores para investimentos na atividade, logo o mercado de trabalho foi-se ampliando, assim como o mercado consumidor. (SILVA, 1999)

Imediatamente, os artigos em couro produzidos em Cachoeirinha ganharam prestígio em praticamente todo território nacional, atraindo compradores de diversas regiões, assim como um ilustríssimo consumidor, Luiz Gonzaga, o qual tinha Cachoeirinha como referência na confecção de seus famosos gibões de couro, usados nas apresentações de seus shows.

Por volta dos anos 70, a atividade produtora de artigos de couro foi ganhando tamanha representatividade que ultrapassou em importância a pecuária leiteira e a produção de derivados do leite, até então, principais atividades econômica do município. Devido, sobretudo, à ampliação do mercado consumidor, que também passou a ser de escala internacional (destacando-se: Argentina, Uruguai, Alemanha e Estados Unidos). Dando jus a uma das identidades culturais da cidade: “Cachoeirinha, cidade da sela”. (SILVA, 1999)

Contudo, durante a sua evolução, sempre em movimento, a atividade produtora de artigos de couro (como também a do aço) também passa por crises, estas são inerentes ao sistema do capital, onde muitos envolvidos na atividade acabam falindo. Como ocorreu no período no qual estava sendo implantado o Plano Real, que de acordo Silva (1999), a produção local foi limitada devido à implantação do real que objetivava estabilizar a moeda nacional com juros altos e recessão, favorecendo apenas o crescimento dos empresários já bem estabilizados, deixando à deriva os demais.

Já a origem da atividade produtora de artigos de aço remete ao pioneirismo do ferreiro Sr. Manoel Leão que na década de 40 foi morar onde atualmente é a Fazenda Cabanas. Segundo Viana (2000), o referido senhor era considerado um artista, vindo do município de Altinho-PE, estabeleceu-se em Cabanas, logo após ter saído da prisão (este foi preso por usar as suas habilidades para criar moedas iguais as oficiais de sua época, tal fato deixa bem evidenciado o tamanho de suas habilidades com o metal). Logo após se estabelecer no município de Cachoeirinha, este continuou trabalhando com metais, dessa vez com a

fabricação de facas e peixeiras, assim como outras ferramentas, ganhando destaque em todo o Nordeste.

Porém, a produção de artigos de aço só veio a se desenvolver, de fato, com o trabalho de seus filhos: Miguel Leão e Duda Leão, considerados pioneiros na atividade do aço. Além dos filhos, destacam-se também netos e parentes próximos do Sr. Manoel Leão nessa atividade de grande importância para os municípios de Cachoeirinha.

Como foi visto, inicialmente os artigos eram feitos a partir do ferro e outros metais, só por volta da metade da década de 60 é que o aço começou a ser utilizado, embora em pequena escala. Nesse contexto, Viana afirma que

Até os anos 70, a atividade desenvolveu-se de modo vagaroso, tendo como suporte a compra do aço em cidade como Caruaru e Nazaré da Mata. No final dessa década e início da década de 80, ocorreu um aumento significativo na compra desses produtos, fazendo com que, nesse período, o aço já fosse encontrado em Cachoeirinha para venda. O que coincide com o período áureo do *boom* da atividade de produção de selas. (VIANA, p.41, 2000)

Contudo, de início, a atividade produtora de artigos de couro e aço, sobretudo, para montaria era carente de capital e tecnologia, porém tal fato não repercutiu na decadência dessa atividade produtora. Vale salientar que o desenvolvimento dessa atividade, inicialmente artesanal, aconteceu em decorrência de vários motivos, entre eles, destaca-se a falta de opção de trabalho aliada à procura dos artigos, devido à sua excelente qualidade.

Em Cachoeirinha, até algumas poucas décadas atrás, fazia parte do cotidiano dos municípios ouvirem que mais pessoas migraram para outras regiões do país, principalmente, para o estado de São Paulo. Porém, de forma muito rápida a atividade em couro e aço em Cachoeirinha passou a ser a principal fonte de renda do município, diminuindo o desemprego e conseqüentemente a migração da população para outras regiões, garantindo assim, a sustentabilidade econômica da maioria da população cachoeirinhense.

De início, a comercialização dos produtos tanto de couro como de aço era realizada na própria tenda, a qual se localizava na própria casa. De acordo com AACAC (2000), a acelerada procura pelos produtos fez com que os artesãos se especializassem na mão-de-obra, seja no acabamento, no polimento das peças, enfim, procurando estruturar suas tendas, melhorando a qualidade dos produtos, passando a ocupar praticamente uma rua inteira para diariamente expor e comercializar os produtos artesanais.

A “feira do couro e do aço”, de acordo com Viana (2000), teve origem na década de 80, a partir de iniciativa individual do Sr. Clóvis Pacheco, na época fabricante, o qual resolveu expor seus produtos em uma carroça, na calçada de uma rua próxima a maioria das selarias, numa quinta-feira, ciente do fluxo de comerciantes que vinha à cidade comprar os artigos nas lojas. Tal estratégia, bem sucedida, sobretudo devido a grande variedade de mercadorias que passou a ser ofertada, foi copiada por outros produtores e a partir daí, em menos de dois anos, surgiu a feira, composta em sua grande maior parte por produtores e compradores de diferentes regiões do Brasil.

### **2.2.3 O papel do Estado na atividade em questão**

O papel do Estado, um importante elemento em meio ao sistema vigente, tem se mostrado extremamente deficiente, quase que inexistente em políticas voltadas para a atividade em pauta, o que na verdade não é novidade, tendo em vista, que isso faz parte do contexto neoliberal. Entretanto, essa característica atual do Estado deixa de influenciar positivamente a produção em pauta, pois, na atualidade, não a auxilia em nenhum âmbito.

Como se pode perceber, na origem da atividade do couro e do aço no município, o Estado não teve nenhuma influência, pois tais atividades surgiram de iniciativas individuais, envolvendo poucos indivíduos. Porém, atualmente a atividade em questão abarca a grande maior parte da PEA do município de Cachoeirinha, e, no entanto, o Estado não tem oportunizado nenhuma chance que venha adequar a atividade às ações globais das forças mundializadoras do mercado, deixando-a vulnerável a perversidade do sistema atual.

É percebido facilmente que a falta de promoção de um conhecimento sistematizado (que independente de ser um APL poderia ser oferecido, principalmente pelo poder público a nível local) implica entre outras coisas no ingresso de pessoas sem mão-de-obra qualificada, o que repercute na qualidade da produção e em um entrave para o avanço de processos inovativos (vale lembrar que a inovação é um elemento importantíssimo no sistema capitalista).

Alguns donos de instalações produtoras chegam a apontar como entrave no processo de modernização da atividade a ausência da atuação de algumas instituições, como do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, na capacitação de pessoas no

processo de produção, pois não adianta apenas adquirir máquinas modernas para o processo de produção e, conseqüentemente, inovação, se não há mão-de-obra qualificada.

Vale reforçar que o Estado não tem a obrigação de promover nenhuma política pública destinada a potencialidades locais, porém o Estado que preza pela vitalidade da sustentabilidade econômica de seu território deveria priorizar tais potencialidades, tendo em vista o desenvolvimento local e, conseqüentemente, o regional. Infelizmente o que se percebe atualmente no município em questão é que a única ação do poder público voltada para a principal atividade do município é a organização da “feira do couro e do aço”, já que é dever do Estado organizar a sua infraestrutura e a circulação de veículos.

Embora atualmente não exista, de fato, uma política que promova o desenvolvimento da atividade em pauta, já houve algum esforço no início da década de 90, por parte do poder público municipal. Com a criação da “Micouraço”, uma festa exclusiva da atividade produtora de artigos de couro e aço, a qual tinha como principal objetivo promover a atividade local, através de exposições dos artigos e de shows, atraindo pessoas de toda a região. Além disso, nessa mesma época, foram colocados em pontos de maiores fluxos (próximos à BR que corta o perímetro urbano) emblemas que propagavam a cidade como a “Terra do couro e do aço” (ver fotos em anexos). Porém muda-se de governo e nem sempre dão continuidade ao que a oposição criou, resultando assim, no fim da festa da “Micouraço” e dos emblemas, ambos de grande significado para os munícipes cachoeirinhenses.

É relevante citar também a criação da Cooperativa dos Artesãos do Couro e do Aço de Cachoeirinha (COOACAL), que de acordo com o atual presidente, foi instituída em 1994, pelo ex-prefeito Delino. Esta tinha como função fornecer a matéria-prima ao produtor, assim como comprar e revender os artigos (ver fotos em anexos).

Para Silva (1999), o objetivo da COOACAL era de melhorar as condições de comércio, visando a extinção da presença dos atravessadores, a partir do fornecimento da matéria-prima com preços melhores para os seus associados. Além disso, assessorava a produção visando o melhoramento da qualidade dos produtos.

Porém, infelizmente, a cooperativa, único órgão, até então, voltado para o auxílio dos trabalhadores da atividade em pauta, logo entrou em decadência, devido, sobretudo, a realização de um empréstimo concedido pelo Banco do Nordeste, o qual foi todo repassado aos trabalhadores associados, ficando a cooperativa sem capital de giro para dar continuidade tanto à compra da matéria-prima como a dos artigos produzidos. Como se não bastasse, os

associados não pagaram a dívida contraída com a cooperativa, que por sua vez, não teve condições de saldar a sua dívida com o banco.

Atualmente, a cooperativa encontra-se com uma alta dívida para com o referido banco, tendo como única função a emissão de notas fiscais<sup>21</sup>. Contando com duas funcionárias e o presidente, além de apenas aproximadamente vinte associados, porém independentemente de ser associado, qualquer produtor ou comerciante pode obter notas fiscais na referida cooperativa, desde que pague uma taxa de 6% do valor da mercadoria, taxa única responsável pela manutenção da cooperativa.

De um modo geral, fica claro, até então que, o Estado se omite em colaborar com o desenvolvimento dessa atividade tão importante para o município, salvo alguns esforços concentrados na década de 90. Inclusive, atualmente, encontra-se desligado de sua própria criação, a cooperativa. Deixando uma incógnita, o que leva o Estado, mais especificamente a nível municipal, a não despertar para importância dessa atividade que absorve a maior parte da PEA do município e, conseqüentemente, a não desenvolver políticas específicas que a favoreça?

---

<sup>21</sup> Tal cooperativa teve suas funções reduzidas e/ou extintas, como o fornecimento de matéria-prima, cujo fornecimento poderia evitar a presença tão marcante dos atravessadores de matéria-prima, diminuindo assim os custos da matéria-prima, dando maiores possibilidades de lucro aos produtores.

## **CAPÍTULO III**

### **3. ANÁLISE E REAVALIAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO DA ATIVIDADE EM COURO E AÇO EM CACHOEIRINHA-PE**

A expressão “Cachoeirinha, terra do artesanato em couro e aço” tornou-se comum e frequente, enquanto evidência de orgulho de seus munícipes pelo exercício dessa atividade artesanal. No processo produtivo estaria agregado um diferencial no seu valor de uso, em função da produção manual responder pela maioria dos produtos gerados.

A despeito do reconhecimento que a maior parte do processo de produção é manual, reside um questionamento que instiga à reflexão: na atual conjuntura e frente ao conjunto da cadeia produtiva relacionada à produção de couro e aço em Cachoeirinha, é correto afirmar que esta atividade produtora de artigos de couro e aço para montaria é artesanato? Ou apenas tal classificação corresponderia a mais uma tática do sistema do capital para o aumento do valor de troca, a partir do argumento que cada peça ganha um toque especial de seu artesão?

É importante recuperar alguns processos produtivos de alta tecnologia que dão base a essa inquietação. Dentre outros, destaca-se um número expressivo de produtos requintados que empregam alta tecnologia, como, por exemplo, algumas lentes de elevada precisão e sofisticação de câmera fotográfica, e que, não obstante, utilizam poucas máquinas no processo de produção, ou seja, a maior parte do processo é manual e, no entanto, não se enquadram na atividade artesanal.

Logo, cabe nesse momento abrir uma discussão sobre a classificação atribuída atualmente à atividade em questão e verificar se de fato ela corresponde a realidade, ou se tal atividade já se enquadra em outra classificação. Paralelamente a isso, no decorrer desse capítulo também é abordada a situação na qual se encontram os principais personagens dessa atividade, os produtores, fazendo o paralelo entre a situação socioeconômica na qual se encontram com a respectiva classificação da sua atividade.

Para tanto, se faz necessário visitar a literatura existente acerca do assunto, com vistas a por em destaque as sutilezas que marcam as divisórias entre a produção por artesanato, manufatura e fábrica.

### **3.1 O método de trabalho artesanal**

Para melhor compreensão do assunto abordado, passa a ser necessário, desde já, discutir as principais características das atividades artesanais. Desde logo é importante esclarecer que, de acordo com o SEBRAE (2010, p. 12), “define-se como artesanato toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade”.

De modo geral, os pesquisadores dessa atividade já entraram em consenso sobre o que vem a ser de fato a atividade artesanal, cujo trabalho é predominantemente manual auxiliado apenas por ferramentas simples. Geralmente, o processo de produção é realizado na própria casa do artesão, ou no máximo em cooperativas de artesãos, englobando um número reduzido de peças, as quais são produzidas pelo artesão, em alguns casos com a ajuda da família ou de um pequeno grupo de pessoas. Além disso, o produto é elaborado sob o regime de não assalariamento. (VAINSENER, 2007)

Na produção artesanal, a atividade manual é considerada como a principal forma de produção; de acordo com o SEBRAE (s/d, p. 7)

Significa dizer que na produção artesanal, individual ou coletiva, a atividade manualizada deve ser predominante. O uso de ferramentas deve ser restrito, admitindo-se a utilização eventual de soldadoras, polidoras, teares ou tornos, desde que não impeçam o contato direto do artesão com a matéria-prima, pois tal contato humaniza o objeto e dá identidade ao produto. Neste sentido, a utilização de formas, como moldes de gesso, para dar escala à produção, pode desqualificar o artesanato.

O artesanato é uma atividade produtiva de objetos, sejam, utilitários, populares, artísticos ou mistos, podem ser classificados como, essencialmente manual ou “industriano” (classificação dada a objetos cuja matéria-prima é industrializada, onde o artesanato é feito em série e no seu processo de produção utiliza-se moldes e máquinas), classificação essa que merece uma atenção especial, tendo em vista que algumas de suas características já se ajustam

a outra atividade (a manufatura). Contudo, os produtos artesanais são feitos tanto a partir da matéria-prima extraída diretamente da natureza quanto daquela que já passou por um processo de transformação.

Vale salientar que o artesanato é uma atividade que se diferencia da arte, no sentido de que o artista cria peças únicas, com originalidade, portanto quem adquire uma peça de arte terá exclusividade, ou seja, não encontrará outra peça igual, logo, o artista é mais bem remunerado. Já o artesanato consiste na reprodução dos objetos, de inúmeros tipos, em pequena escala, porém, mesmo as peças artesanais se constituírem em réplicas, cada peça ganha um toque especial do seu artesão, que, por sua vez

precisa de uma compensação financeira imediata para o seu produto, pois não dispõe de tempo ou recursos para investir em técnicas, estética, qualidade, capacitação e pesquisa ou para esperar que o mercado reconheça o valor, imaterial, do seu trabalho. Por mais que os mecanismos e ferramentas utilizados na produção artesanal limitem a escala de produção, o artesão fabrica em série para sobreviver. (SEBRAE, S/D, p. 6)

Contudo, nessa atividade o próprio produtor possui os meios de produção, como, instalações, ferramentas e matéria-prima, realizando, sozinho ou com a sua família, todas as etapas do processo de produção. Sendo assim, na atividade artesanal o produto final, e não o artesanato<sup>22</sup>, na grande maior parte de seu processo, é elaborado por uma única pessoa, o artesão, essa é uma das principais particularidades que distinguem o artesanato da atividade manufatureira, bem como as ferramentas utilizadas.

### **3.2 A divisão do trabalho e a atividade manufatureira<sup>23</sup>**

A atividade manufatureira surge a partir da atividade artesanal, no momento em que o artesão se especializa, e em consequência, perde a sua independência no processo de produção de uma única mercadoria, tornando-se cada vez mais especialista em apenas operações parciais do processo de produção. E, embora mantenha características semelhantes com o artesanato, como o trabalho manual (origem do termo manufatura), a manufatura tem como

---

<sup>22</sup> Artesanato é o nome da atividade, e não o produto. Porém, no senso comum o produto é considerado artesanato.

<sup>23</sup> Nesse momento, o presente trabalho se apoiará nas reflexões e contribuições teóricas de Marx, em especial na sua obra O Capital, livro I do volume I. Através dessa leitura buscou-se subsídios para compreensão do processo de divisão do trabalho a partir do artesanato e o início da atividade manufatureira, bem como as suas principais características.

principais características o trabalho parcial e a fabricação de grande quantidade de produtos em série e de forma padronizada.

A manufatura tanto introduz e aperfeiçoa a divisão do trabalho no processo de produção como combina ofícios anteriormente distintos, suas forças de trabalho são absorvidas pelos capitalistas, neste caso, os donos dos meios de produção, que passaram a reunir trabalhadores sob o mesmo teto, na oficina, fornecendo-lhes matéria-prima e remuneração pelo serviço, constituindo o ponto de partida da produção capitalista.

Logo, a manufatura surge a partir do momento em que trabalhadores são concentrados em uma oficina, realizando operações (simultâneas) no processo de produção de um mesmo produto, em um sistema de cooperação, sob o comando de um capitalista. Onde, os trabalhadores se especializam cada vez mais em uma única etapa da produção, perdendo, naturalmente, a habilidade de desenvolver, em todas as etapas, o produto final.

Nesse contexto, o produto, de acordo com Marx

[...] deixa de ser o resultado imediato da atividade do produtor individual para tornar-se produto social, comum, de um trabalhador coletivo, isto é, de uma combinação de trabalhadores, podendo ser direta ou indireta a participação de cada um deles na manipulação do objeto sobre o que incide o trabalho. (MARX, 1985, p. 584)

Ainda sobre essa questão, Marx (1990, p. 454) coloca que “a mercadoria transforma-se no produto social de uma união de artífices, cada um dos quais realiza ininterruptamente uma mesma tarefa social”.

Sendo assim, a função do trabalhador como produtor é simplificada, em decorrência da acentuada divisão do trabalho, já que o processo de produção foi decomposto, tal fato resulta em uma desvalorização do trabalho quando se compara a atividade artesanal, por exemplo, tendo em vista que o trabalhador não precisa ter nenhuma habilidade especial para desenvolver uma função específica e nenhum conhecimento sistematizado para o desempenho de tal função simples, além de que, o trabalhador na manufatura não produz nenhuma mercadoria, apenas contribui de forma parcial para a produção desta.

Logo, cai o valor da força de trabalho e diminui o tempo de produção aumentando assim, a mais-valia tão desejada pelas personificações do capital. Pois, “a produção capitalista não é apenas a produção de mercadorias, ela é essencialmente produção de mais valia”. (MARX, 1985, p. 584). A qual é obtida a partir do lucro produzido pelo trabalhador, mas que não fica com ele e sim com as personificações do capital. Então, a busca pela mais-valia

explica o prolongamento da jornada de trabalho e a modernização das técnicas tornando processo de produção mais ágil e, portanto, mais lucrativo.

Por conseguinte, a manufatura passou a ser um modo de produção ágil e, portanto, mais lucrativo quando comparada ao artesanato. Ágil devido ao fato de ter como marcante característica a especialização do trabalhador em determinada área de produção, ou seja, é aplicada a técnica de divisão do trabalho que repercute em uma maior velocidade de produção, já que cada trabalhador está habituado a determinados movimentos específicos, economizando assim, tempo e materiais.

Vale lembrar que, “na manufatura, a execução continua artesanal e portanto dependente da força, habilidade, rapidez e segurança do trabalhador individual no manejo de seu instrumento” (MARX, 1996, p.455).

Além de que, assim como no artesanato, na manufatura o uso de ferramentas é comum, contudo, a partir da divisão do trabalho as ferramentas da atividade manufatureira passaram a ser cada vez mais específicas a determinados fins. Pois, de acordo com Marx (1996, p.457), “a produtividade do trabalho depende não só da virtuosidade do trabalhador mas também da perfeição de suas ferramentas”. Tal especialização das ferramentas oportunizou o desenvolvimento de algumas maquinarias, principalmente com o advento da Revolução Industrial, onde a manufatura ganhou ainda mais agilidade na produção, pois o trabalho passou a adotar (mesmo que de forma esporádica) o emprego das máquinas no processo de produção, representando uma maior produção em menor tempo, porém, o trabalho humano ainda constitui a base dessa atividade.

### **3.3 O emprego das máquinas na produção (Fábrica)**

Além da divisão do trabalho (principal característica da manufatura), as máquinas também entraram em cena na produção, aumentando a tão desejada mais-valia<sup>24</sup>, e não para abrandar a exploração sobre os trabalhadores, estes, por sua vez, passam a servir as máquinas. Aos poucos, os instrumentos de trabalho ganharam novas características e dinamicidade, eliminando, entre outras coisas, a dependência exclusiva da intervenção humana, caracterizando um novo período constituído, sobretudo pelas fábricas.

---

<sup>24</sup> Com o advento da maquinaria os gastos necessários ao aumento da mais-valia diminuem, em consequência a mais-valia aumenta.

As ferramentas de trabalho foram evoluindo de tal forma que se transformaram em máquinas-ferramenta, estas são tidas como uma das principais responsáveis pela Revolução Industrial. As máquinas-ferramenta possibilitaram ao trabalhador operar, diferentes instrumentos ou, vários instrumentos iguais, ao mesmo tempo, além de que, o processo de produção ganhou uma característica de continuidade dos processos parciais (MACHADO, 2010), ou seja, as diferentes etapas de produção foram interligadas pelas máquinas, enquanto na manufatura tais processos de produção são isolados já que são realizados manualmente e, geralmente, por pessoas diferentes.

Contudo, vale citar que a divisão do trabalho permanece, onde cada operário é condicionado a realizar sempre a mesma etapa no processo de produção, porém, nesse caso, sob o ritmo de uma máquina.

### **3.4 Caracterização do processo de produção da atividade em couro e aço de Cachoeirinha-PE**

A partir do exposto depreende-se que as atividades acima abordadas diferenciam-se nitidamente, tanto no que se refere ao modo de produção quanto aos instrumentos e condições de trabalho, como pode ser observado no quadro 03.

Quadro 03: **Resumo das atividades abordadas**

X	ARTESANATO	MANUFATURA	FÁBRICAS
P R O D U Ç Ã O	Todas as etapas do processo de produção são realizadas por apenas uma pessoa (o artesão).	Cada trabalhador é responsável por uma etapa da produção, ou seja, há um regime de colaboração.	Os produtos são feitos a partir das máquinas.
T R A B A L H A D O R	Possui os meios de produção, realizando, sozinho ou com a sua família, todas as etapas do processo de produção, se servindo de alguns instrumentos.	Especializa-se e em consequência perde a sua independência no processo de produção de uma única mercadoria, tornando-se especialista em apenas operações parciais do processo de produção. Servindo-se de ferramentas mais especializadas do que no artesanato.	É condicionado a realizar sempre a mesma etapa no processo de produção, porém, nesse caso, sob o ritmo de uma máquina, ou seja, o trabalhador serve a máquina.
I N S T R U M E N T O S	O uso das ferramentas é comum, porém o artesão dispõe apenas de instrumentos rudimentares.	O uso de ferramentas é intrínseco e as ferramentas da atividade manufatureira passaram a ser cada vez mais específicas a determinados fins.	Predomínio de máquinas.

Fonte: Elaborado por Rosiane Macêdo, 2012.

### 3.4.1 Modo de produção

A configuração da produção da atividade em questão não é imutável, há algumas décadas era possível encontrar facilmente pessoas aptas a realizar todas as etapas do processo

de produção do mesmo produto. Por exemplo, havia trabalhadores que tinham o conhecimento e a habilidade desde a preparação da matéria-prima, a transformação do couro em sola, até o acabamento dos detalhes finais do produto, como mostra o depoimento do Sr. Arlindo Mano da Silva, cedido a AACAC (2000, p. 31-32).

[...] trabalhando com os senhores “João de Cecília”, “Antônio Jacinto”, “Pedro de Zé Pedro”, “Cazuza”, “Miguel Leão” e outros artistas pioneiros, **aprendi os primeiros passos do trabalho com a sola e a importância da perfeição nos detalhes, desde o momento de amolar a faca aos retoques finais de cada peça.** Acreditamos, inclusive, que as raízes históricas dos trabalhos com couro e aço de Cachoeirinha, tem sua origem nos conceituados trabalhos daqueles pioneiros, **cuja precisão desde o preparo da sola à dedicação no acabamento, não foi identificada nos artesãos de outras épocas, inclusive nos dias de hoje [...]** (Grifo nosso).

Logo se depreende que, a medida que o mesmo trabalhador da atividade em questão deixa de ser o responsável por todas as etapas de produção de um artigo (observar figura 05), a atividade que antes era artesanal passa a possuir características de manufatura, embora ambas passam a coexistir<sup>25</sup>, apesar de que existem apenas poucos exemplos que, nos dias atuais, apontam para a primeira opção.

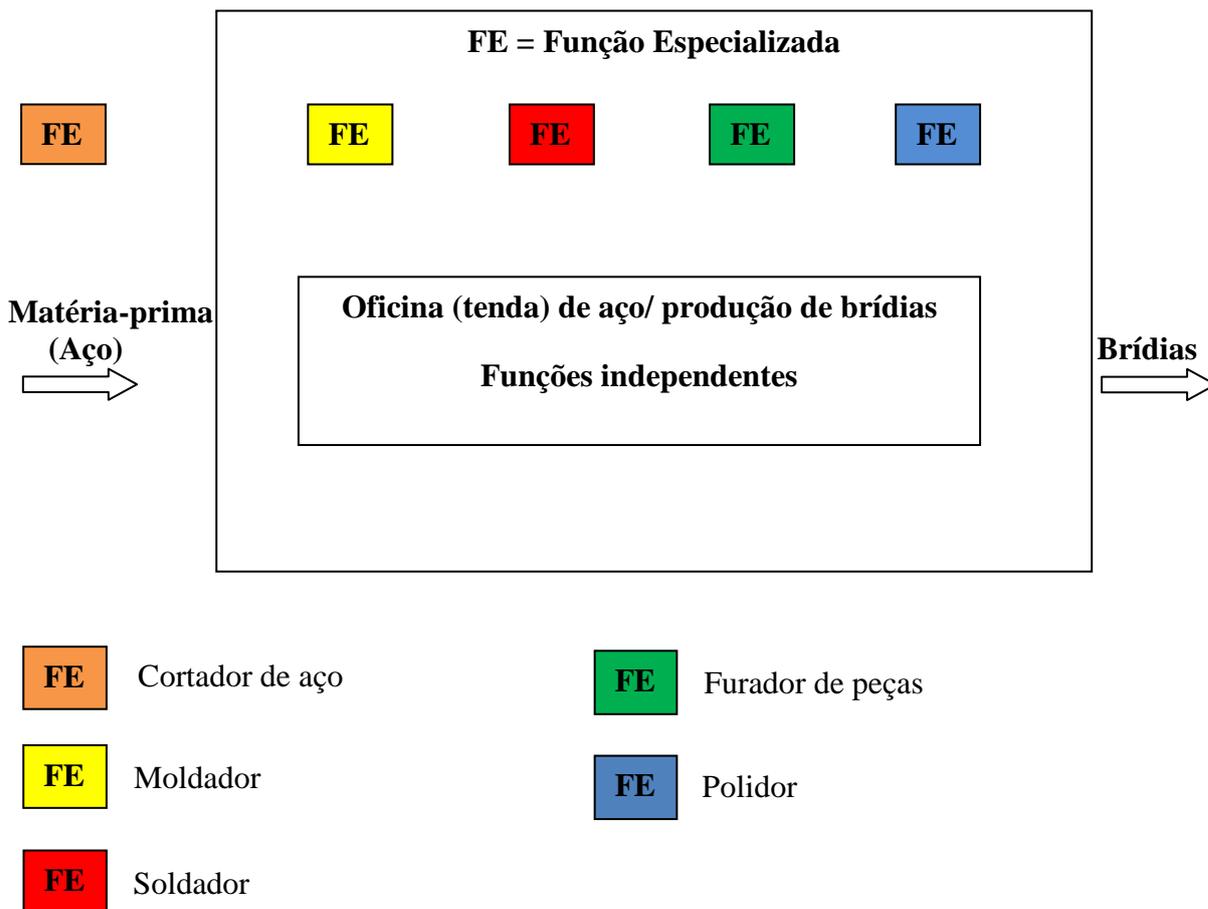
Como é o caso do exemplo do Sr. Manoel Leão (foto 08), trabalhador autônomo, que executa sozinho todas as etapas do processo de produção do artigo, geralmente brídias (artigo de montaria que faz parte do cabeçalho, feito de aço, colocado na boca do equino para ajudar a domá-lo, foto 09), desde o desenho do formato do artigo desejado até o acabamento final. Nesse caso pode-se concluir que de fato este trabalhador é um artesão, pois além de ser o único responsável por todo o processo de produção, é capaz de imprimir em cada peça um toque especial de sua criatividade e originalidade.

Desse modo, atualmente ainda é possível encontrar o mesmo trabalhador realizando todo o processo de produção de um artigo de aço, por exemplo, porém em casos cada vez mais raros, pois, como já foi visto, a divisão do trabalho juntamente com o regime de colaboração agiliza a produção, aumentando assim a mais-valia.

---

<sup>25</sup> Novos modos de produção chegam e se implantam, mas sem exclusão dos restos do modo de produção anterior e, é essa combinação específica de temporalidades diversas que vai distinguir cada lugar dos demais. (SANTOS, 2009)

Figura 05: Produção em regime de colaboração



Fonte: Elaborado por Rosiane Macêdo, 2012.

Em decorrência do sistema do capital, atualmente, nota-se facilmente que no processo de produção de um simples artigo como a bríδια (ver figura 05), por exemplo, há participação de vários trabalhadores (foto 10), cada um com uma função especializada. Normalmente, reunidos na mesma oficina, popularmente conhecidas como tendas, trabalhando para o dono dos meios de produção, este fornece a matéria-prima e os instrumentos de trabalho.

Foto 08: Artesão realiza todas as etapas de produção



Foto: Rosiane Macêdo, abril - 2012.

Foto 09: **Brídia**



Foto: Rosiane Macêdo, abril – 2012.

Ainda tomando como exemplo a produção da brídiã e a figura 05, nota-se que existem diferentes funções, desde a pessoa que corta o aço, geralmente uma pessoa a parte da tenda, que trabalha com um instrumento específico de cortar aço até a pessoa que faz os últimos retoques na peça. E, devido ao fato de que há funções específicas e parciais a produção se dá em regime de colaboração, onde cada trabalhador é responsável por uma etapa da produção. Vale salientar que isso não quer dizer que em todas as tendas de aço exista a mesma divisão do trabalho da figura acima, porém, essa é a forma mais comum de divisão de trabalho para aqueles que trabalham na produção de artigos de aço<sup>26</sup>.

**Foto 10: Trabalhadores em regime de colaboração**



Foto: Rosiane Macêdo, abril – 2012.

E, na produção de um dos artigos mais conhecidos dessa atividade, a sela (ver foto 11), a divisão do trabalho é ainda mais intrínseca. Pois, pode até abranger menos trabalhadores na montagem, contudo um trabalhador apenas não participa sozinho de todo o processo de produção do referido artigo. Já que, além deste artigo conter diferentes tipos de

---

<sup>26</sup> Vale observar que, embora até o presente momento só tenha sido citado a brídiã, são vários os artigos derivados do aço, como: fivelas, estribos, breques, esporas, argolas etc. O fato de até então só ter sido citado a brídiã como artigo de aço é para exemplificar melhor o processo de produção, que também pode servir de exemplo da produção de outros artigos de aço.

matéria-prima, desde os derivados do couro (camurção, vaqueta e sola, por exemplo), da madeira (a armação conhecida como alção) e até artigos de aço (como argolas e outros), entre outras coisas, que requer mão de obra especializada. É comum encontrar ainda uma espécie de serviço terceirizado, que consiste em repassar peças derivadas do couro, que integram o todo de um mesmo produto, a terceiros, para, por exemplo, costurarem manualmente algumas peças.

**Foto 11: Sela para montaria, um dos artigos mais comercializados**



Foto: Rosiane Macêdo, abril – 2012.

Logo o trabalhador que monta a sela não desenvolve mais a atividade de transformar o couro em seus derivados, já compra prontas as armações de madeira e também as ferragens de aço, que, por sua vez, já foram produzidas por trabalhadores que trabalham no aço, e o processo de produção e armação da sela envolve a participação de vários trabalhadores, mesmo que de forma indireta.

A partir do exposto, percebe-se que o processo de produção da atividade em couro e aço em Cachoeirinha – PE, no decorrer dos anos, foi ganhando novas características, impulsionadas pelo sistema do capital, como a divisão acentuada do trabalho, que não permite

mais a classificação usual do processo de produção como artesanal, embora como já mencionado anteriormente ainda existam, de forma residual, trabalhadores que desenvolvem todas as etapas do processo de produção do mesmo artigo. Além do mais, essa coexistência é comum, visto que os processos não acontecem da mesma forma em todos os lugares, levando em consideração as rugosidades apresentadas em cada espaço geográfico.

### 3.4.2 Os instrumentos de trabalho

Consoante à especialização crescente no âmbito das técnicas, tecnologias e ferramentas no processo produtivo, constata-se a demanda por especialização e capacitação crescente da mão-de-obra. Essa é mais uma característica da atividade manufatureira. Desde o início da produção de artigos de couro e/ou aço constata-se a necessidade do uso de instrumentos enquanto meios que permitam a realização do processo produtivo. Apesar desses avanços tecnológicos, ainda é possível verificar instrumentos mais rudimentares de uso comum (ver foto 12).

Foto 12: **Instrumentos simples de uso comum**



Foto: Rosiane Macêdo, abril – 2012.

Atualmente nas tendas produtoras de artigos de couro e/ou de aço, além dos instrumentos simples e rudimentares de uso comum, verifica-se cada vez mais a existência de ferramentas e instrumentos específicos para cada etapa da produção, como mostra o painel 01. À medida que as etapas de produção tornam-se parciais e de responsabilidade de trabalhadores que executam apenas tais etapas parciais, há uma tendência dos instrumentos se tornarem cada vez mais exclusivos a determinados fins, e assim ferramentas que antes eram simples de uso geral evoluem e ganham novas características, por isso a manufatura também tem como característica a diferenciação das ferramentas.

A evolução das ferramentas encontra-se vinculada ao desenvolvimento de formas cada vez mais complexas de facilitação da realização do trabalho através das máquinas, ou seja das máquinas em distintos níveis de sofisticação e contínuo aperfeiçoamento. Logo é possível identificar na atividade manufatureira o uso de algumas máquinas, mesmo que de forma esporádica. Como é o exemplo da atividade em questão que, além de conter pequenas máquinas (como de costura, de furar couro e de furar aço, as mais comuns) também já absorve máquinas de grande porte, principalmente para realizar, por exemplo, atividades que exigem muita força. (ver fotos 13 e 14). Embora que, tais máquinas, acima citadas, estão sob o ritmo do trabalhador que a manuseia, diferentemente do contexto das fábricas, onde o trabalhador está sob o ritmo das máquinas. Contudo, percebe-se que o principal mecanismo da atividade em questão é o trabalhador, mais especificamente o parcial, e não a máquina.

## Painel 01: Instrumentos específicos para cada etapa da produção de artigos de aço



Fotos: Rosiane Macêdo, abril – 2012.

### Instrumentos do painel 01:

**1= Enrolador de arame**, usado como suporte para dar forma de argolas o arame de aço, com auxílio de uma ferramenta auxiliar.

**2= Torno**, usado, sobretudo, para segurar algumas peças a serem trabalhadas, bem como alguns instrumentos, como o enrolador de arame.

**3= Tesoura**, usada para cortar o arame de aço, como por exemplo, aquele que ganhou forma de argola pelas ferramentas anteriormente citadas, movida por força humana.

**4= Máquina de solda**, tem como função soldar as peças de aço, movida a eletricidade.

**5= Motor**, este tem várias funções, mudando a sua peça lateral externa, ele serve para polir, esmerizar e lixar as peças de aço, movido a eletricidade.

**6= Furadeira de bancada**, usada para furar as peças de aço, movida a eletricidade.

Foto 13: **Máquina de grande porte utilizada para cortar aço**



Foto: Rosiane Macêdo, abril – 2012.

Foto 14: Prensa excêntrica, exerce várias funções.



Foto: Rosiane Macêdo, abril – 2012.

Ainda sobre as ferramentas, é interessante observar a evolução destas. Tomando como exemplo os instrumentos usados para furar as peças derivadas do couro, para poder então costurá-la, a ferramenta inicialmente usada era a sovela (painel 02 – foto 1), atualmente a ferramenta mais propícia e atualizada no município para essa função é uma máquina que se parece com uma de costura (painel 02 – foto 2). Assim como também existem outros diferentes instrumentos que exercem a mesma função, porém com técnicas diferentes, é o caso de instrumentos usados na produção de argolas de aço, por exemplo. Que emprega desde instrumentos mais rudimentares (embora específicos) a instrumentos com mais tecnologia. Vale observar que os últimos são mais escassos no município, pois representam um alto valor para a maioria dos produtores.

**Painel 02: A evolução das ferramentas: Instrumentos com a mesma função mas com diferentes técnicas**

**Instrumentos com menos técnica**



**Instrumentos com mais técnica**



Fotos: Rosiane Macêdo, abril – 2012.

**Instrumentos do painel 02**

1= **Sovela**, instrumento usado para perfurar os derivados do couro para então costurar as peças, movido por força humana.

**2= Máquina de Furo**, instrumento usado para perfurar, com maior velocidade do que sovela, os derivados do couro para então costurar as peças, movida pela força humana.

**3= Máquina de solda**, já citada no painel anterior.

**4= Máquina de Injunção**, utilizada para soldar com melhor qualidade e de forma mais rápida, utilizando ar comprimido e movida a eletricidade.

**5= Torno e enrolador de arame**, já citados no painel anterior.

**6= Máquina Calandra de Argola**= utilizada para dar ao arame (aço) a forma de argolas, em diferentes tamanhos, movida a eletricidade.

Contudo, pode-se inferir que as ferramentas envolvidas na atividade em questão se diferenciam de acordo com cada etapa parcial da produção, a medida que se acentua a divisão do trabalho, havendo uma significativa evolução. Porém, ao contrário das atividades comandadas por máquinas, o trabalhador continua sendo o principal ator no processo de produção.

### **3.5 Remuneração e condições de trabalho**

O fato de que uma considerável parte dos produtores da atividade em questão deixou de ser autônoma, passando a trabalhar para os pequenos proprietários dos meios de produção, que, por sua vez, a maioria, está submetida aos grandes comerciantes, explica o enriquecimento dos grandes comerciantes às custas do empobrecimento da maioria dos produtores, os quais têm um nível de vida muito inferior comparado aos grandes comerciantes dessa atividade, a maioria destes compõe a elite da sociedade cachoeirinhense, chegam a ocupar altos cargos políticos, desfrutam das melhores residências e dos melhores carros encontrados no município (e até de helicóptero). Nesse contexto, Marx (1996, p.475) coloca que, “na manufatura, o enriquecimento do trabalhador coletivo e, portanto, do capital em força produtiva social é condicionado pelo empobrecimento do trabalhador em forças produtivas individuais”.

A submissão aos grandes comerciantes é tão significativa, que muitos dos pequenos produtores (que se denominam autônomos), quando não conseguem vender os seus artigos na feira, se veem obrigados a oferecer a sua mercadoria aos grandes comerciantes, que a compra por um preço muito inferior.

É importante frisar, ainda na esfera da remuneração, que, quando o próprio produtor é autônomo e responsável, no mínimo, pela maior parte do processo de produção, e quando, além disso, comercializa diretamente com os clientes, a renda mensal é mais significativa, como é caso dos artesãos propriamente ditos. A renda mensal desses pode atingir em torno de dois a três salários mínimos mensais, enquanto a renda mensal dos trabalhadores parciais que trabalham para os donos dos meios de produção gira em torno de no máximo, um salário mínimo.

Ainda tomando como exemplo a brídiá, quando esta é produzida a partir da colaboração de vários trabalhadores, geralmente em uma significativa escala, e quando a produção é repassada a um grande comerciante, o preço varia entre oito a dezenove reais. Mas, quando é produzida apenas por uma pessoa, na maioria das vezes por encomenda direta do consumidor, onde o artesão imprime peculiaridades e sua criatividade, a referida peça pode chegar a atingir até cento e setenta reais.

Depreende-se então que o trabalhador que participa apenas de uma etapa parcial da produção é menos remunerado do que aquele que participa de todas as etapas. Tal fato é explicado pelo motivo de que a função do trabalhador parcial foi tão simplificada que o valor da força de trabalho caiu. Além disso, ele torna-se cada vez mais incapaz de produzir uma mercadoria, esta passando a ser um produto coletivo. E o fato de a mercadoria passar por terceiros até chegar ao consumidor final constitui também em um grande entrave para a remuneração dos produtores dessa atividade.

Além da baixa remuneração, a maioria dos trabalhadores está exposta a uma longa jornada de trabalho, pois em muitos casos a renda depende de sua produtividade, que por sua vez depende do tempo dedicado ao trabalho. Já em outros casos, a renda é determinada por diárias, mais horas extras. Logo, é comum encontrar trabalhadores com uma carga horária de trabalho superior a dez horas por dias seis dias por semana.

Vale também salientar que as instalações de trabalho da maioria dos trabalhadores são desprovidas de um espaço adequado para circulação e trabalho, além de terem uma péssima aparência, principalmente as tendas onde se trabalha com aço (ver foto 15).

Ao mesmo tempo, os equipamentos de proteção são precários, isto é, quando existem, consistindo, geralmente, em improvisos feitos pelos próprios trabalhadores (ver foto 03 do painel 01). Em decorrência, tornam-se comum os acidentes de trabalho, inclusive acidentes graves, como a perfuração do globo ocular, entre outros. Além disso, também são comuns

entre os produtores dessa atividade as doenças causadas por movimentos repetitivos (informações extraídas a partir de entrevistas realizadas com produtores).

**Foto: 15: Precária instalação de trabalho**



Foto: Rosiane Macêdo, abril – 2012.

Em suma, de acordo com esse tópico apresentado, a atividade em couro e aço apresenta vários entraves, como más condições de trabalho e baixa remuneração, além de riscos para a saúde dos produtores. Contudo, quando os produtores são questionados acerca do nível de satisfação com a sua profissão, prontamente, afirmam que sim, porém em seguida retrucam: “não temos outra opção”.

## **CAPÍTULO IV**

### **4. A ESPACIALIZAÇÃO DA REDE FORMADA PELA ATIVIDADE EM COURO E AÇO DE CACHOEIRINHA – PE**

Partindo da premissa que mesmo as atividades mais locais estão inseridas em um contexto mais amplo, o presente estudo considera importante a identificação dos nós da rede formada pela atividade, em diferentes escalas espaciais<sup>27</sup> desde a local a mais global, abrangendo a identificação e espacialização dos lugares que se relaciona com a atividade em pauta, desde o que se refere à origem das principais matérias-primas (os derivados do couro e do aço), à produção dos artigos, até a comercialização final dos mesmos. Contudo, faz-se necessário, além da identificação e espacialização dos pontos que compõem essa atividade, paralelamente, a sua análise, para poder então entender, a partir de uma visão mais ampla, como é formada a rede que compõe essa atividade tão importante para a sustentabilidade socioeconômica do município de Cachoeirinha-PE.

#### **4.1 Espacialização da atividade e produção do espaço urbano no município de Cachoeirinha-PE**

##### **4.1.1 A atividade e a produção do espaço urbano de Cachoeirinha-PE**

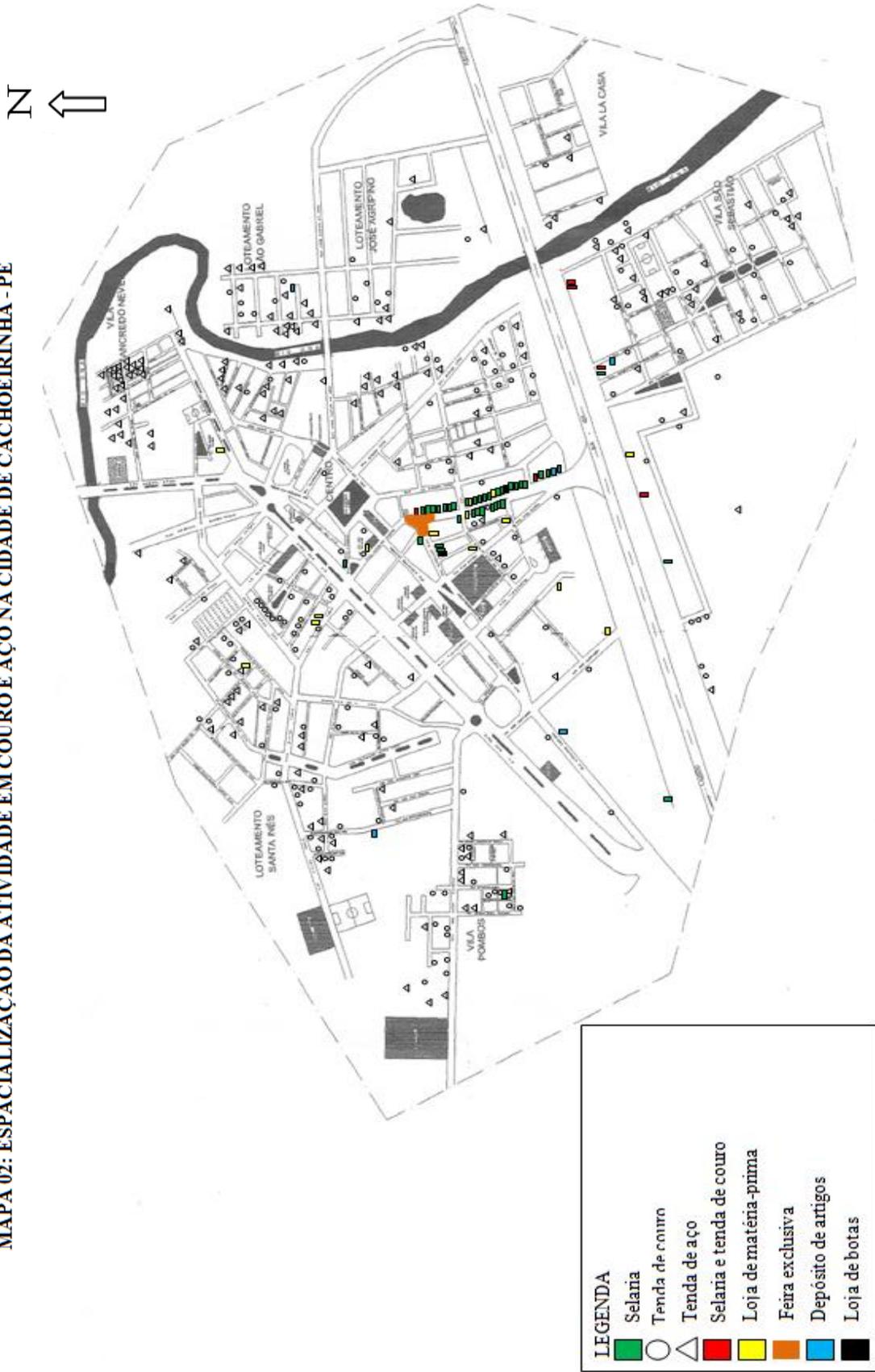
A partir da espacialização da atividade em couro e aço no perímetro urbano de Cachoeirinha, percebe-se que, em todo o solo urbano, é possível encontrar pontos de produção dos artigos de couro e aço e, apenas em algumas áreas, pontos de comercialização. As áreas mais periféricas se configuram, sobretudo, como áreas produtoras dos artigos, enquanto as áreas com maiores fluxos de pessoas se configuram, essencialmente, como de comercialização. As áreas periféricas permitem uma produção com menores despesas, tendo em vista o baixo valor dos imóveis e de seus alugueis, assim como as áreas de maiores fluxos permitem um maior escoamento dos produtos. Sendo assim, a organização sócio-espacial contribui

---

<sup>27</sup> “A escala espacial deve ser vista como um recorte para a apreensão das determinações e condicionantes dos fenômenos sociais referidos no território”. (BRANDÃO, 2010, p. 5).

significativamente para o desenvolvimento da atividade em questão, esta por sua vez, é um importante agente produtor do espaço urbano. (Ver mapa 02).

MAPA 02: ESPACIALIZAÇÃO DA ATIVIDADE EM COURO E AÇO NA CIDADE DE CACHOEIRINHA - PE



Fonte: Prefeitura Municipal de Cachoeirinha, 2005. Escala aprox.: 1/1.200.  
Elaboração: Rosiane Macêdo, 2011.

A divisão espacial do trabalho é marcante nessa atividade em Cachoeirinha, tendo em vista que a comercialização dos artigos na cidade se realiza em uma das principais ruas e as margens da BR 423 de grande fluxo, enquanto que a produção desses artigos ocorre em oficinas que se localizam, sobretudo, em áreas afastadas do centro, cuja infraestrutura é pouco valorizada e em fundo de quintais. Uma das justificativas para tanto reside no fato que a produção dos referidos artigos em Cachoeirinha ocupa uma grande parte da população menos favorecida economicamente, o que não deixa de ser uma característica do sistema capitalista, o qual busca mão-de-obra barata, influenciando assim na organização espacial do espaço urbano. (Observar mapa 02)

Como essa atividade em Cachoeirinha passa a influenciar na organização espacial, alguns bairros se destacam mais por produzirem utilitários de aço, como é o caso do Bairro Tancredo Neves e do loteamento São Gabriel. Porém no centro, percebe-se que a maior parte das tendas é produtora de artigos de couro, ao mesmo tempo em que é possível constatar que essa atividade produtora de artigos de couro e aço se encontra pulverizada por todo o tecido urbano, conforme pode ser observado no mapa 02.

Vale destacar, ainda, a presença (não cartografada) das “tendas de fundo de quintal”, estas, por sua vez, são mais difíceis de identificar e enumerar já que uma grande parte dos produtores desenvolve essa atividade dentro de sua própria residência.

O esforço de espacialização dessa atividade no tecido urbano de Cachoeirinha culminou na identificação de um número aproximado de tendas de couro e aço (não incluindo as tendas localizadas em fundos de quintais), bem como de depósitos desses artigos ou da matéria-prima, de selarias e de lojas de matéria-prima (observar quadro 04).

**Quadro 04: Pontos ligados a atividade do couro e do aço**

<b>Pontos relacionados a atividade do couro e do aço</b>	<b>Quantidade</b>
Tendas de aço	165
Tendas de couro	162
Selarias	42
Depósitos	05
Lojas de matéria-prima	14
<b>Total</b>	<b>388</b>

Fonte: Rosiane Macêdo – 2011.

A partir da análise do quadro 04, percebe-se que há certo equilíbrio entre o número de unidades produtivas de artigos de couro e de aço na cidade. Evidenciando que não há supremacia de uma atividade sobre a outra. Embora que, como foi visto, na origem dessas duas atividades, não houve nenhum vínculo entre si, porém, atualmente essas atividades se complementam de forma a ter a mesma representatividade para a população.

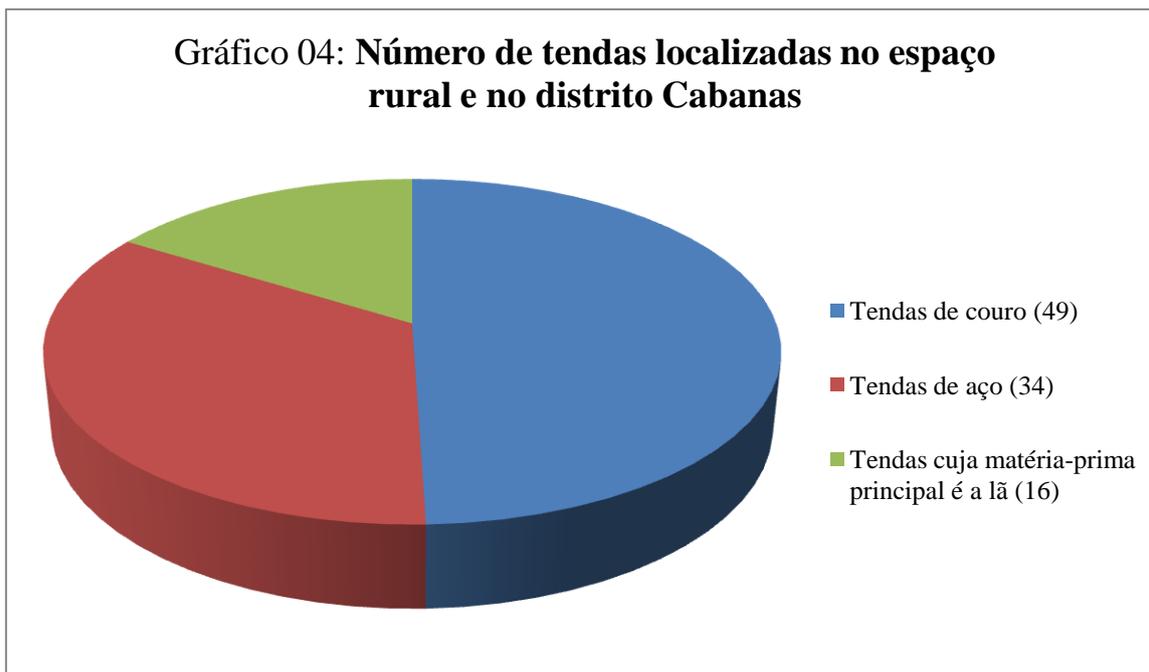
É importante ainda citar que esse número de pontos ligados à atividade do couro e do aço na cidade em apreço é muito maior, se levar em consideração a quantidade de “tendas de fundo de quintal”.

#### **4.1.2 A atividade no espaço rural e no distrito Cabanas**

Como já foi visto, a atividade em couro e aço teve origem no distrito sede de Cachoeirinha, quando esta ainda era pertencente ao município de São Bento do Una. Essa atividade se desenvolveu apenas no tecido urbano por um longo tempo. Porém, atualmente essa atividade, além de absorver uma parcela significativa da PEA urbana, ainda abre espaço para a absorção da PEA rural.

Já na década de 30, têm-se registros que a atividade em couro já era praticada no espaço rural, mais especificamente no sítio Conceição de Baixo com os Srs. Leonildo Martins e José de Pedro. Contudo, nas duas últimas décadas, de um modo muito rápido e significativo, a atividade em couro e aço, se expandiu de forma que já representa uma das principais fontes de renda para a população de alguns sítios (observar o gráfico 04 e o mapa 03).

**Gráfico 04: Número de tendas localizadas no espaço rural e no distrito Cabanas**

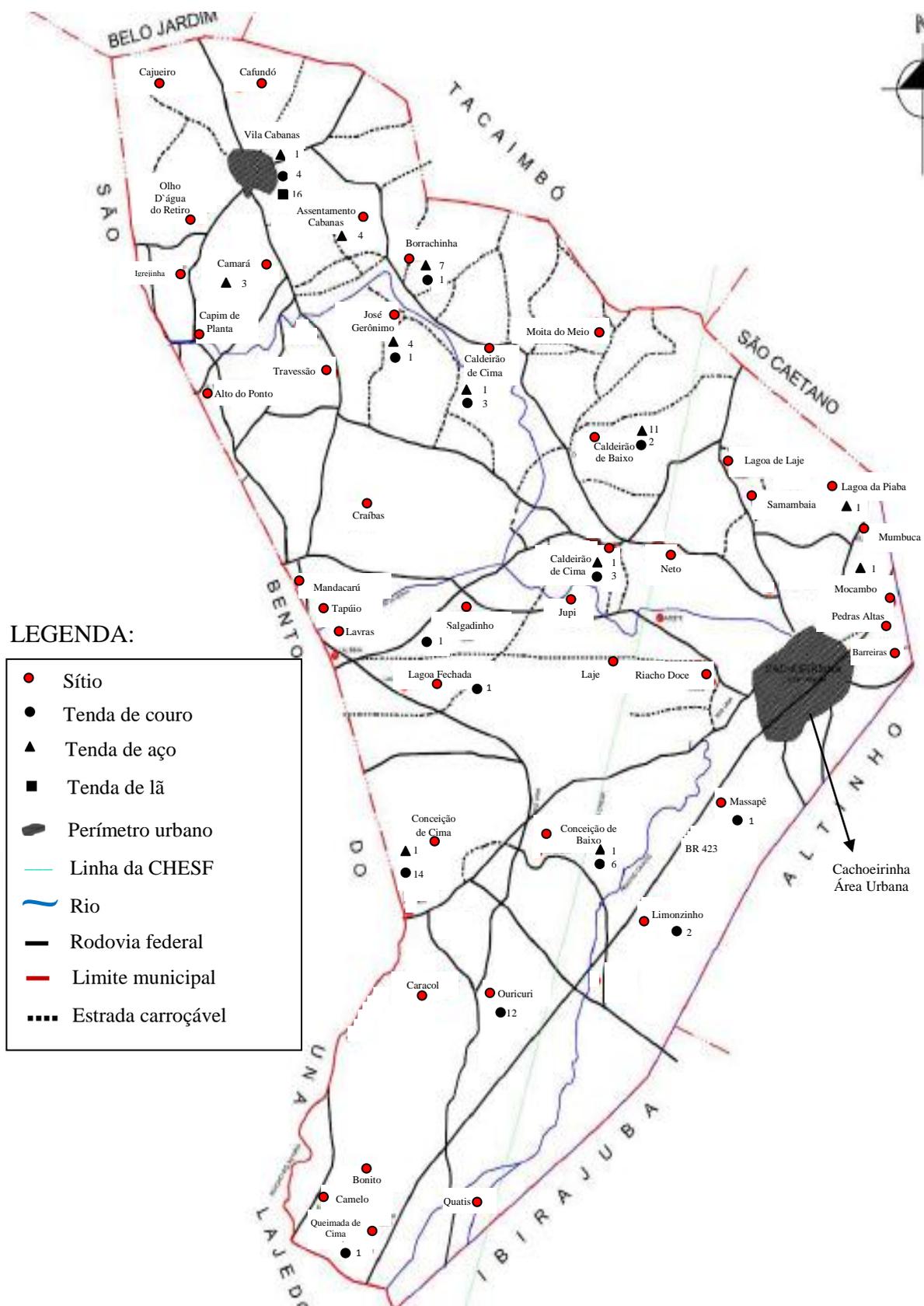


Fonte: Rosiane Macêdo – 2012.

Vale salientar que a atividade em couro e aço é mais presente, conseqüentemente mais importante, no sítio Caldeirão de Baixo, embora que, no sítio Conceição de Cima e no sítio Ouricuri, haja um maior número de tendas. Porém, essas são constituídas basicamente por uma única pessoa, e, de modo interessante e até curioso, toda a produção de artigos de couro é voltada, sobretudo, para arreios, mais especificamente rédeas.

Já no sítio Caldeirão de Baixo, apesar de ainda existirem tendas compostas por apenas uma pessoa, a maioria delas já está sob o regime de divisão de trabalho, onde há o emprego de várias pessoas numa mesma tenda. Contrariamente aos sítios citados anteriormente, a produção é voltada principalmente para os artigos de aço, mais especificamente brídias, observar o mapa 03. Enfim, há um equilíbrio entre a produção de artigos de couro e de aço, assim como entre o número de pessoas envolvidas nessa atividade produtiva.

## MAPA 03: LOCALIZAÇÃO DA ATIVIDADE EM COURO E AÇO NO MUNICÍPIO DE CACHOEIRINHA – PE



Quanto ao distrito Cabanas, merece maior atenção o fato de que a principal matéria-prima utilizada na produção dos artigos para montaria não é o couro e nem o aço, mas a lã. Porém, mesmo se tratando de outra matéria-prima na base da produção, essa atividade ainda se enquadra na atividade do couro e do aço. Pois, além de produzir artigos para montaria (cia e peitoral, arreios que têm como função fixar a sela no equino), estes (após o término da produção com a lã) também levam peças de couro e também de aço, como pode ser observado na foto 16.

Essa atividade, no que diz respeito a produção com a lã, é essencialmente artesanal, pois no seu processo de produção é utilizado apenas um instrumento simples e rudimentar, além de que todo o processo de produção é feito apenas por uma pessoa. Porém, não se pode dizer o mesmo com as peças do couro (peças que fazem a conexão entre as peças do aço e a de lã) e do aço (fivelas e argolas).

Foto 16: **Peitoral**

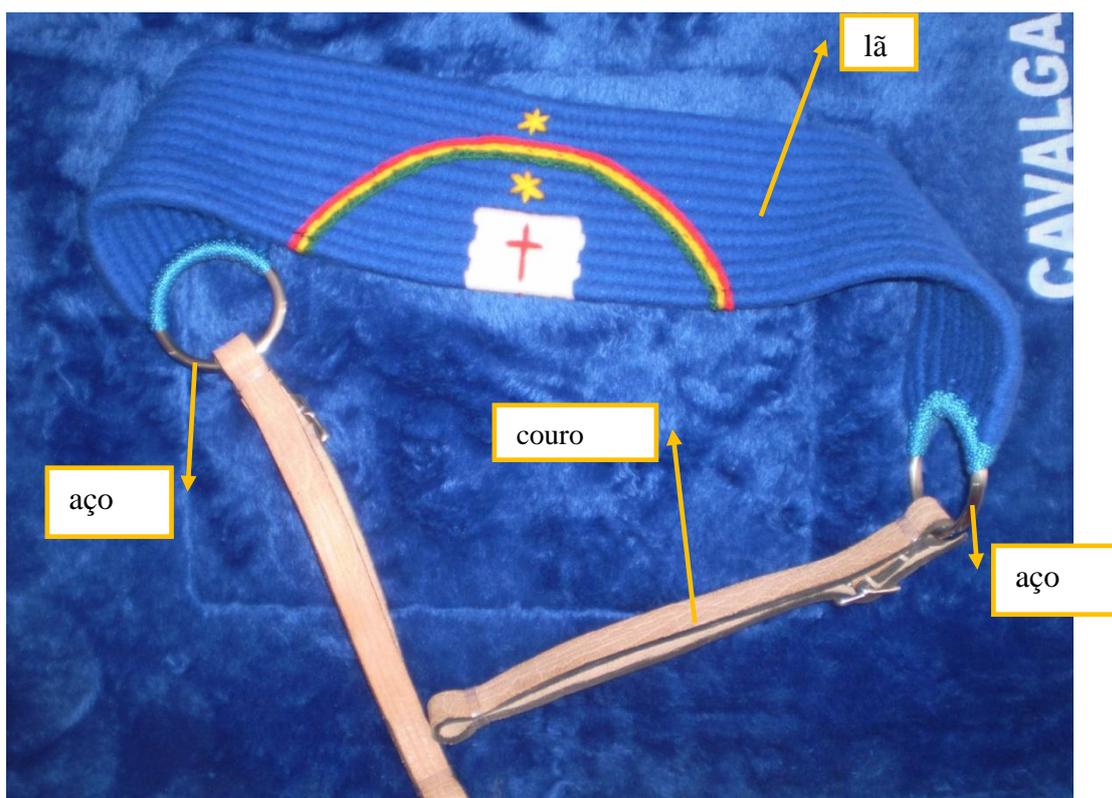


Foto: Rosiane Macêdo – 2012.

Enfim, a atividade do couro e do aço não se constitui ainda como a principal atividade econômica para a PEA dos sítios e distrito do município de Cachoeirinha, ao contrário do que acontece no distrito sede, contudo levando em consideração algumas especificidades, tanto

naturais como culturais do município em apreço, não seria nenhuma surpresa caso em um futuro breve essa atividade passasse a ser a principal fonte econômica de vários setores do espaço rural e até mesmo do distrito Cabanas.

#### **4.2 Espacializações da atividade na escala estadual e regional**

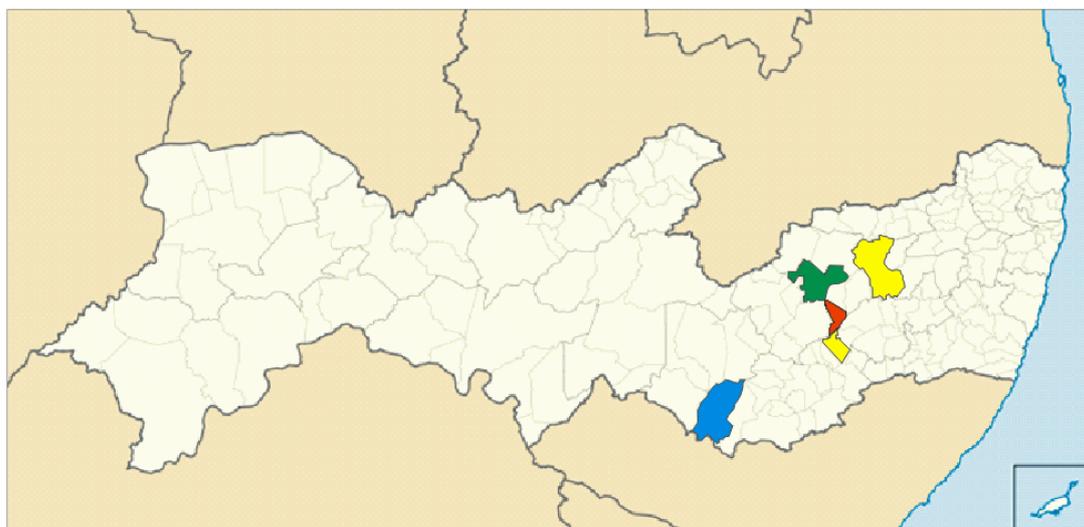
De acordo com os principais atores (produtores e comerciantes) envolvidos na atividade em couro e aço do município em apreço, Cachoeirinha atualmente é o maior centro produtor de artigos para montaria não só da Região Nordeste como também do Brasil. No entanto, isso não significa que o município seja o único produtor da região; pelo contrário, a Região Nordeste é famosa pela produção de vários artigos confeccionados a partir do couro, entre eles também os voltados para montaria.

Vale salientar que o comércio dos artigos em couro e aço em Cachoeirinha já é tão significativo, que passa também a abranger artigos (principalmente de couro) de outras cidades, assim como de outras regiões, que não são produzidos no município, formando assim, um fluxo de mão dupla, intrarregional, pois tanto fornece as mercadorias produzidas no próprio município, como em contrapartida adquire mercadorias de outros municípios que não são confeccionadas localmente, principalmente para revenda, inclusive para clientes de outras regiões do país. (Observar figuras 06, 07 e 08)

Passando, muitas vezes, a impressão para os consumidores e turistas de outros estados que todos os produtos de couro e aço, adquiridos em Cachoeirinha, são produzidos localmente. No entanto, o forte do município é a produção de artigos (de couro e de aço) para montaria, principalmente aqueles voltados para a modalidade vaquejada, esporte este muito apreciado na região, assim como em outras regiões do país.

Os quadros 05 e 07 elencam alguns produtos que são encontrados na maioria das selarias de Cachoeirinha, e, no entanto, praticamente não são produzidos no município. São produtos que exemplificam a conexão do comércio local com outros municípios pernambucano, assim como com outros estados da Região Nordeste (observar figuras 06 e 07). Tais lugares são duplamente importantes no comércio em pauta de Cachoeirinha, pois além de serem consumidores dos artigos produzidos em Cachoeirinha, são também fornecedores.

Figura 06: **Espacialização da atividade do couro e aço de Cachoeirinha em Pernambuco\***



Elaboração: Rosiane Macêdo – 2012.

\* Dados extraídos a partir de entrevistas e conversas informais com os produtores e comerciantes da atividade em pauta.

**Legenda:**

■ Cachoeirinha.

■ Caruaru (a leste) e Lajedo, destacam-se porque além de consumidores são também fornecedores de artigos e matéria-prima para a atividade em pauta de Cachoeirinha.

■ Belo Jardim, município consumidor dos artigos de Cachoeirinha e fornecedor de matéria-prima.

■ Águas Belas, além de consumidor é também fornecedor de artigos.

■ Municípios pernambucanos que se destacam por serem, basicamente, apenas consumidores.

**Quadro 05: Municípios pernambucanos fornecedores de mercadorias ao comércio ligado a atividade do couro e do aço em Cachoeirinha-PE\***

<b>PRODUTOS</b>	<b>ORIGEM</b>
Botas**	Caruaru
Sandálias**	Caruaru
Chapéus	Caruaru
Lembrancinhas da cidade**	Caruaru e Lajedo
Peitorais ***	Águas Belas

Fonte: Rosiane Macêdo, 2012.

\* Dados extraídos a partir de entrevistas e conversas informais com os produtores e comerciantes da atividade em pauta.

\*\* Também são produzidos em Cachoeirinha, porém a maior parte vem de outros centros produtores.

\*\*\* Cachoeirinha é um grande centro produtor de peitorais, porém, os peitorais do município de Águas Belas encontrados na feira do couro e do aço de Cachoeirinha são de uma modalidade diferente, para animais de carroça.

A partir da observação do quadro 05, percebe-se que Caruaru tem uma participação acentuada no fornecimento de artigos para o comércio em pauta de Cachoeirinha, além de ser um grande consumidor, fornecendo ainda parte de alguns tipos de matérias-primas, como a vaqueta e a raspa, vale salientar que os municípios citados no quadro 06 não são os únicos fornecedores da matéria-prima elencada, como pode ser observado nos quadros 08 e 09.

Contudo percebe-se que a conexão da atividade em questão é ainda maior, em uma escala mais abrangente, tanto no que concerne ao consumo dos artigos, à compra de outros produtos a serem revendidos, sobretudo pelas selarias, e também à obtenção da matéria-prima. (Observar figura 07 e quadros 07 e 08)

**Quadros 06: Municípios pernambucanos fornecedores de matéria-prima à atividade do couro e do aço em Cachoeirinha-PE\***

<b>MATÉRIA-PRIMA</b>	<b>ORIGEM</b>
Sola	Belo Jardim
Celote	Belo Jardim
Vaqueta	Caruaru
Raspa	Caruaru
Armação para sela	Lajedo

Fonte: Rosiane Macêdo, 2012.

\* Dados extraídos a partir de entrevistas e conversas informais com os produtores e comerciantes da atividade em pauta.

Figura 07: Espacialização da atividade do couro e aço de Cachoeirinha-PE na Região Nordeste



Elaboração: Rosiane Macêdo – 2012.

\* Dados extraídos a partir de entrevistas e conversas informais com os produtores e comerciantes da atividade em pauta.

Quadro 07: Estados nordestinos fornecedores de artigos ao comércio ligado a atividade do couro e do aço em Cachoeirinha-PE\*

PRODUTOS	ORIGEM
Botas	Paraíba
Selas**	Bahia
Chicotes***	Paraíba
Sandálias	Ceará
Bolsas	Paraíba
Chapéus	Paraíba
Carteira masculina	Bahia

Fonte: Rosiane Macêdo, 2012

\* Dados extraídos a partir de entrevistas e conversas informais com os produtores e comerciantes da atividade em pauta.

\*\*Cachoeirinha é um grande centro produtor de selas, produz centenas de selas por semana, porém todas elas são apenas de um estilo, ou seja, voltadas para modalidade vaquejada. As selas encontradas de outros estados em Cachoeirinha são de estilos diferentes, sobretudo, voltadas para passeio.

\*\*\* Também são produzidos em Cachoeirinha, porém são de menor qualidade, a maior parte dos chicotes comercializados em Cachoeirinha vem de outros centros produtores, principalmente da Paraíba.

**Quadro 08: Estados nordestinos fornecedores de matéria-prima à atividade do couro e do aço em Cachoeirinha-PE\***

<b>MATÉRIA-PRIMA</b>	<b>ORIGEM</b>
Sola	Bahia, Paraíba e Alagoas
Vaqueta	Bahia

Fonte: Rosiane Macêdo, 2012.

\* Dados extraídos a partir de entrevistas e conversas informais com os produtores e comerciantes da atividade em pauta.

Toda a matéria-prima citada no quadro 08 é derivada do couro, o qual é submetido a um processo industrial e então, é transformado nos produtos acima citados, que são utilizados na produção de artigos cuja matéria-prima principal é o couro, mas não o couro “cru” e sim seus derivados.

A matéria-prima, tanto os derivados do couro como do aço, vem de outros municípios e principalmente de outros estados. O município de Cachoeirinha conta apenas com um curtume que abastece basicamente apenas a produção de seu proprietário.

Nesse contexto, é importante citar o papel dos atravessadores, que têm como função o transporte e a comercialização tanto da matéria-prima para Cachoeirinha, de diferentes estados, como dos artigos de couro e aço de Cachoeirinha para todas as regiões brasileiras. Constituindo, assim, em mais uma opção de trabalho proporcionada pela atividade do couro e do aço, além dos trabalhos de produção e comercialização no âmbito local. Porém, isso não significa que um atravessador não possa ser um produtor e também um comerciante local.

Vale salientar que, infelizmente, é comum ter-se notícias de que um atravessador faliu, especialmente, aqueles que transportam os artigos de Cachoeirinha para outros estados, devido, sobretudo, à concorrência com os próprios conterrâneos e ao grande número de cheques sem fundo recebidos.

Já em relação aos atravessadores de matéria-prima, estes têm uma vida econômica visivelmente mais estável (principalmente os que negociam com o aço) do que a dos atravessadores de artigos, que, por sua vez, a vida econômica destes já é mais estável do que a do produtor.

Contudo, o que se percebe de imediato é que a matéria-prima, até chegar às mãos dos produtores, passa por terceiros, encarecendo, conseqüentemente, o custo de produção. Logo, observa-se a necessidade da retomada de ações, como a da COOACAL que repassava a matéria-prima aos associados com um preço mais acessível. E até mesmo a implantação de curtumes no próprio município, os quais gerariam uma maior oferta no mercado, caindo assim o preço dos derivados do couro, e, entre outras coisas, geraria mais empregos.

#### **4.3 Espacialização da atividade em escala nacional**

Atualmente, a atividade em couro e aço de Cachoeirinha-PE articula-se a todas as regiões brasileiras a partir da compra da matéria-prima e principalmente da comercialização dos artigos para montaria, sendo que algumas regiões têm uma maior conexão com a atividade em questão, pois além de serem consumidoras dos artigos são também fornecedoras de matéria-prima, como a própria Região Nordeste e a Sudeste (Observar quadro 09 e figura 08).

**Quadro 09: Estados brasileiros fornecedores de matéria-prima à atividade do couro e do aço em Cachoeirinha-PE\***

<b>MATÉRIA-PRIMA</b>	<b>ORIGEM</b>
Aço	São Paulo
Sola	Minas Gerais
Camurção	São Paulo
Raspa	São Paulo

Fonte: Rosiane Macêdo, 2012. (Dados extraídos a partir de entrevistas e conversas informais com os produtores e comerciantes da atividade em pauta).

\*Exceto os pertencentes à Região Nordeste, pois esses já foram abordados.

Nesse momento merece maior destaque o aço, pois este é uma das principais matérias-primas que compõem a atividade em questão. Derivado do ferro<sup>28</sup>, o aço representa uma maior resistência inclusive à ferrugem.

O aço usado na produção de artigos para montaria em Cachoeirinha vem exclusivamente do estado de São Paulo, de cidades como Santo Amaro e Santo André. De empresas que compram e revendem aço e metais, materiais estes reciclados, a grande maior parte, procedente de sucatas e sobras industriais. Evidenciando a relação com a teoria do circuito inferior e superior<sup>29</sup>, conforme Milton Santos, pois a atividade passa a ser absorvedora de excedentes do circuito superior.

O aço é comercializado, inclusive chega ao produtor, em forma de arames, barras, fitas e chapas. O quilo do aço custa cerca de seis reais, sendo repassado ao produtor a oito. Já o arame é comprado a treze reais e repassado a quinze. No município em pauta, são vendidas mais de sessenta toneladas mensalmente<sup>30</sup>.

Nota-se então, a expressividade da relação entre a Região sudeste e a atividade de couro e aço em Cachoeirinha, especialmente do estado São Paulo em relação à produção de artigos de aço. Porém, outro estado dessa região também se destaca na relação com a atividade em apreço, Minas Gerais (quadro tabelas 09 e 10).

**Quadro 10: Estados brasileiros fornecedores de mercadorias ao comércio ligado a atividade do couro e do aço em Cachoeirinha-PE\***

<b>PRODUTOS</b>	<b>ORIGEM</b>
Botas	Minas Gerais
Selas	Minas Gerais
Cintos	São Paulo
Bonés	São Paulo

Fonte: Rosiane Macêdo, 2012. (Dados extraídos a partir de entrevistas e conversas informais com os produtores e comerciantes da atividade em pauta).

\*Exceto os pertencentes à Região Nordeste, pois esses já foram abordados.

<sup>28</sup> O Brasil é um dos maiores produtores de minério de ferro do mundo. De acordo com o BNDES (s/d) “o minério de ferro apresenta grande importância para a balança comercial brasileira, visto ser o maior item da pauta de exportações do país, após os produtos siderúrgicos”.

<sup>29</sup> O circuito superior seria definido por características modernas, como, grande acúmulo de capital, tecnologia avançada e alto grau de burocratização. Já o circuito inferior é marcado, sobretudo, pela precariedade do trabalho, compreendendo, inclusive, produções de dimensões e estoques reduzidos.

<sup>30</sup> Informações cedidas pelo comerciante atravessador de aço, conhecido por Padre Cícero, a partir de entrevista aberta, realizada em maio de 2012.

Figura 08: Fluxo da atividade do couro e aço de Cachoeirinha-PE no Brasil



Elaboração: Rosiane Macêdo – 2012. (Dados extraídos a partir de entrevistas e conversas informais com os produtores e comerciantes da atividade em pauta).

Assim como São Paulo, Minas Gerais se destaca nesse cenário de três formas diferentes, primeiramente vale citar que esse estado fornece a Cachoeirinha parte da matéria-prima derivada do couro (sola, a de melhor qualidade), em seguida trata-se de um estado que é um importantíssimo consumidor dos artigos de Cachoeirinha e por último, de forma até curiosa, abastece o comércio de Cachoeirinha com selas, porém são selas diferentes das produzidas em Cachoeirinha, observar fotos 17 e 18.

Foto 17: Modelo de sela produzida em Dores de Campo MG



Foto: Rosiane Macêdo, setembro – 2012.

Foto 18: Modelo de sela produzida em Cachoeirinha PE



Foto: Rosiane Macêdo, setembro – 2012.

Observa-se, então, que as selas produzidas em Minas Gerais são de um modelo diferente das produzidas em Cachoeirinha, voltadas principalmente para passeios. Já as produzidas em Cachoeirinha, embora também usadas para passeios, são voltadas principalmente para a modalidade vaquejada.

Dores de Campo – MG é considerada um polo tradicional de produção de couro, entre os vários artigos destacam-se as selas. Contudo, segundo os comerciantes cachoeirinhenses que tanto compram como vedem artigos em Dores de Campo, a produção de artigos para montaria em Cachoeirinha é maior.

Então, a produção de Dores de Campo – MG embora já se caracterize essencialmente como um sistema fabril (enquanto em Cachoeirinha predomina a manufatura), esta ainda não superou a de Cachoeirinha, devido ao fato de que em Cachoeirinha uma considerável parte da PEA está empenhada na produção dos artigos de couro para montaria, além de que a produção de Dores de Campo é diversificada e não apenas voltada para a produção de artigos para montaria.

Associado a isso, percebe-se a necessidade de inovação, nesse caso especificamente, de inovação de artigos, sejam eles de montaria, sejam de outra utilidade, não só para ampliar e diversificar o mercado consumidor, como até mesmo, para não saturar a atividade tradicional produtora de artigos para montaria em Cachoeirinha. Para tanto, é necessário o desenvolvimento de ações (principalmente por parte do Estado) voltadas para essa questão.

#### **4.4 Espacialização da atividade na escala internacional**

Embora com menores fluxos comparados com os do território nacional, a atividade produtora de artigos para montaria em Cachoeirinha já ampliou a escala de comércio de forma a atingir o mercado mundial.

Porém, apenas casualmente encontra-se estrangeiros conhecendo e comprando artigos em couro e aço nas selarias e na feira. É mais comum os comerciantes receberem encomendas estrangeiras por email e/ou até mesmo por telefone, cujo transporte é feito geralmente por transportadora.

Os atravessadores também tem um papel importante para escoar a produção, pois, muitas vezes, a partir das vendas de seus artigos, estes chegam a outros países, porém é mais difícil de rastrear essa circulação tendo em vista que envolve muitas pessoas, inclusive de diferentes regiões. No entanto, os países que mais frequentemente importam os artigos em couro e aço produzidos em Cachoeirinha são: a Bolívia e o Paraguai, (Observar figura 09). Atualmente, por intermédio de apenas um atravessador, este, leva os artigos até o território (próximo à fronteira com o Brasil) dos referidos países.

Depreende-se, então, que os nós da rede dessa atividade em um nível global são os que menos interferem no funcionamento da mesma (pelo menos, por enquanto), pois a matéria-prima é adquirida, sobretudo, das Regiões Nordeste e Sudeste e seu mercado consumidor situa-se essencialmente em território brasileiro. Porém, isso não significa que essa

atividade esteja alheia aos acontecimentos globais, pelo contrário, uma crise que ocorra em qualquer país pode naturalmente afetar a referida produção, devido ao grau de conexão que o sistema atual impõe a todos os lugares do globo.

**Figura 09: Fluxo de vendas de mercadorias da atividade em couro e aço de Cachoeirinha-PE em escala internacional**



Elaboração: Rosiane Macêdo – 2012. (Dados extraídos a partir de entrevistas e conversas informais com os produtores e comerciantes da atividade em pauta).

De um modo geral, a produção e a comercialização da atividade em pauta de Cachoeirinha encontram-se atreladas e dependentes de fatores externos, estando submetida a problemáticas e possibilidades que esses fatores oferecem. Logo o que sustenta o funcionamento dessa atividade não é apenas o município de Cachoeirinha, mas também os pontos descontínuos, porém interligados e espalhados em diferentes escalas espaciais, principalmente nas escalas regional e nacional.

## CONCLUSÕES

A estrutura do sistema do sociometabolismo do capital (composta pelo tripé: capital, Estado e trabalho), colocada por Mészáros (2002), mostra-se como o maior obstáculo na superação da lógica contemporânea do capital. Nesse sistema, como já apontado desde Marx (1996), passando por Haug (1997), o valor de uso de uma mercadoria é subordinado ao seu valor de troca, criando assim, um fetiche da mercadoria, que resulta na criação de uma necessidade que ultrapassa o valor de uso, atribuindo, dessa forma, dinamicidade ao sistema atual, a partir do crescimento do ciclo reprodutivo do capital.

Além da dinamicidade do sistema do capital deve-se destacar o seu caráter totalizador. Esse interfere cada vez mais na vida das pessoas, de forma que chega a ditar o funcionamento de vários setores, principalmente no que se refere ao âmbito econômico. Nesse contexto, o trabalho, principal elemento estruturador do sociometabolismo do capital, embora considerado como único elemento capaz de deter a perversidade da globalização, no sentido mencionado pelo Milton Santos, encontra-se submisso a tal sistema, pois este ratifica a condição de alienação na qual está emergido o trabalho.

Além disso, o trabalho formal passa por uma grande crise, marcada pela instabilidade, fruto do sistema vigente, a qual é refletida no aumento de pessoas ingressas no mercado informal, pois na busca da tão desejada mais-valia, passam a aderir táticas que resultam principalmente em desempregos, além de péssimas condições de trabalho. Logo, tal inserção da informalidade faz parte do próprio sociometabolismo do capital.

É nessa ótica de insuficiência do trabalho formal, onde entra em cena a atividade que absorve a maior parte PEA do município de Cachoeirinha, a atividade produtora de artigos em couro e aço para montaria, um processo produtivo localizado, que se caracteriza, sobretudo, como uma atividade informal que abarca uma gama significativa e diversa de trabalhadores, apresentando-se como a melhor opção diante da falta de postos de trabalho no município.

Produções localizadas, por sua vez, vêm se apresentando como um importante elemento na economia brasileira, reagindo de forma menos dramática às crises do sistema atual, além de que as produções localizadas promovem, de fato, o desenvolvimento local.

Nesse sentido, a referida produção localizada eleva o município em apreço a constituir-se em uma potencialidade local na produção de artigos para montaria, de importância nacional, fato este muito relevante diante da acentuada desigualdade regional, fruto do caráter concentrador do sistema capitalista. Onde as potencialidades locais são tidas,

por vários estudiosos, como uma das mais importantes alternativas para diminuição das discrepâncias regionais.

Entretanto, mesmo ciente de tamanha importância e representatividade da atividade em couro e aço não só para o desenvolvimento do município como em consequência da região, o Estado (em todos os níveis) pouco tem auxiliado a referida atividade, deixando-a a margem de políticas que venham a contemplar o seu aperfeiçoamento e desenvolvimento.

Porém, mesmo carente de efetivas políticas por parte do Estado voltadas para o seu desenvolvimento, a atividade produtora de artigos de couro e aço tornou-se, além da principal fonte de renda da população do município de Cachoeirinha – PE, um motivo de orgulho para os munícipes, que para se referirem ao município usam como slogan “Cachoeirinha terra do artesanato em couro e aço”.

Contudo, quando se analisa de fato o que é artesanato percebe-se que muitas características da atividade em questão não comungam com as da atividade artesanal, sendo que as principais delas são: a divisão do trabalho e a especificidade das ferramentas, características estas típicas da atividade manufatureira.

No entanto, seria exagero classificá-la puramente como manufatura, pois ainda é possível encontrar profissionais que realizam todas as etapas de produção de um mesmo produto, embora seja cada vez mais difícil. Logo, depreende-se que as duas atividades coexistem, contudo há predomínio da atividade manufatureira. Externando, assim, um conflito, pois há uma dualidade no processo de produção, como também há diferenciação de remuneração entre os produtores artesãos daqueles que estão ingressos na atividade manufatureira.

Assim como, pode-se afirmar que se as ferramentas continuarem a evoluir de forma significativa, juntamente com a divisão do processo de produção, a atividade em questão, que atualmente ainda é tida por muitos como essencialmente artesanal, pode vir a se transformar em um sistema fabril.

O próprio sistema atual explica o fato dessa atividade não ser mais classificada como essencialmente artesanato, pois para o alcance do seu principal objetivo é exigido o aumento da produção, logo o artesanato aos poucos passa a ser substituído pela manufatura. Além de que, comungando da mesma ideia de Santos (2009, p.140), “o processo social está sempre deixando heranças que acabam constituindo uma condição para as novas etapas”.

É nesse contexto que entra cena a divisão do trabalho aumentando, assim, a produção, onde a função do trabalhador torna-se cada vez mais parcial, tendo em vista que o homem não

tem a mesma habilidade e velocidade, exercendo diferentes funções. E, também, surge como resultado da necessidade de uma maior produção, as ferramentas específicas, que passam a ser manuseadas também por trabalhadores específicos. Tal combinação (trabalhador parcial e ferramentas específicas) passa a aumentar consideravelmente a produção. Mesmo que seja em detrimento da criatividade, da remuneração e das condições de trabalho, estas, por sua vez, enquanto a estrutura do sistema vigente permanecer, sempre ficarão em segundo plano, independente da classificação em que a atividade esteja inserida.

De um modo geral, percebe-se que as condições de vida dos trabalhadores não melhoram com a mudança da atividade artesanal para a manufatureira. Pelo contrário, observa-se que aquele que desenvolve todas as etapas do processo de produção, que, por conseguinte, dispõe de maiores habilidades são mais remunerados do que aqueles que estão sob o regime da divisão do trabalho.

A partir do presente estudo, destaca-se também que a atividade em couro e aço no município em questão é tão dependente em nível de escala local quanto de escalas mais amplas. Pois, atualmente, os nós de suas redes, tanto no que se refere à aquisição da matéria-prima como ao consumo de seus artigos encontram-se espalhados em diferentes regiões brasileiras, e, em menor grau, até em escala internacional (no que tange ao consumo dos artigos).

A nível mais local, vê-se que é tão intensa a produção e a comercialização da referida atividade que, além de se tornar a principal atividade que absorve a PEA do distrito sede, passa também a influenciar significativamente na organização espacial da área urbana. Quanto ao nível municipal, nesse caso mais especificamente, sítios e o distrito Cabanas, nota-se um crescimento vertiginoso de tendas, que passam a suprir a carência de oferta de trabalho.

Já na escala estadual e regional, pode-se destacar dois fatores que submetem a atividade do couro e aço de Cachoeirinha, o fornecimento de grande parte dos derivados do couro, assim como o fato de que a Região Nordeste destaca-se como o maior centro consumidor dos produtos de Cachoeirinha. Associado a isso, em nível estadual, vale destacar o município de Caruaru e em nível regional o Estado da Bahia, ambos destacam-se por serem fornecedores de matéria-prima (os derivados do couro), diversos artigos de couro (decorativos e utilitários) e, sobretudo, como excelentes consumidores dos artigos da atividade em pauta.

A nível nacional foi constatado que todos os estados brasileiros são consumidores dos artigos da atividade em questão, porém em diferentes graus. Merecendo um maior destaque a Região Sudeste, mais especificamente os estados São Paulo e Minas Gerais. O primeiro além

de ser um importante consumidor dos artigos produzidos em Cachoeirinha, destaca-se como o único fornecedor de aço para a atividade em pauta. Já o segundo, além de ser um importante consumidor, destaca-se como um importante fornecedor de matéria-prima (derivado do couro), assim como um importante fornecedor de selas, porém de modalidade diferente das produzidas em Cachoeirinha.

Quanto ao nível internacional, a atividade em questão ainda se encontra dando os primeiros passos, no sentido de que, de forma modesta, só alguns poucos países são consumidores frequentes dos referidos artigos, neste caso, Bolívia e Paraguai.

Seguindo uma tendência geral, a atividade produtora de artigos em couro e aço para montaria em Cachoeirinha-PE encontra-se atrelada, e por conseguinte, dependente de diferentes pontos que constituem os nós de sua rede, situados em diferentes níveis de escalas espaciais. Tal característica é mais um reflexo do sistema vigente impulsionado pela globalização associada às técnicas que permitem uma maior fluidez tanto de elementos materiais quanto imateriais.

Então, quanto à hipótese inicial, ela é negada em partes, pois na verdade o artesanato e a manufatura coexistem, havendo, porém, predomínio da manufatura, implicando de fato nas condições de vida dos trabalhadores. Além de que a referida atividade não é dependente, no âmbito da produção, do município como um todo, ou seja, os sítios e o distrito Cabanas aumentam a oferta dos artigos, porém a atividade conseguiria manter seu equilíbrio apenas com a produção na cidade, tendo em vista a acentuada “queima de preço”. Contudo, a atividade produtora de artigos para montaria de Cachoeirinha-PE passa a ser cada vez mais dependente de diferentes escalas espaciais, principalmente no que tange ao escoamento da produção.

De um modo geral, considerando o contexto atual, o que pode vir a acontecer futuramente, de forma acentuada, é o atrofiamento generalizado da economia do município, tendo em vista que a maior parte da renda fica concentrada nas mãos de poucas pessoas, neste caso nas dos comerciantes. Estes, por mais acumulação de capital que tenham, não são capazes de fazer girar dinheiro suficiente para fortalecer o comércio local, pois quem tem o poder de fazer isso é a grande massa populacional, que é composta, sobretudo, pelos produtores, porém estes são os menos beneficiados com essa atividade.

Além de que a tendência da atividade em foco é ficar saturada, devido à absorção cada vez maior de pessoas, pois, como foi visto anteriormente, a pirâmide etária do município é composta sobretudo por jovens, que em um futuro breve estarão ingressos no mercado de

trabalho. Há aumento da concentração da população no centro urbano e também devido à falta de inovação no processo de produção, na forma de comercialização e nos próprios produtos.

Enfim, não se pretende em nenhum momento esgotar o assunto abordado, até porque os fenômenos sociais são mutáveis. Entretanto, o presente estudo espera servir de auxílio para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a atividade em pauta e também para a elucidação de questões inerentes a tal atividade, a partir de uma visão que contemple acima de tudo a classe dos protagonistas da atividade em pauta, nesse caso, a dos produtores, assim como também, o máximo possível da totalidade em que a realidade do fenômeno abordado está efetivamente articulada.

## REFERÊNCIAS

AACAC. Associação dos Artesãos do Couro e do Aço de Cachoeirinha. **Artesanato do Couro e do Aço: Tradição e Talento do Povo Humilde de Cachoeirinha**. Cachoeirinha, 2000.

CONDEPE/FIDEM. Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco. Pernambuco PIB Municipal 2010 - Ano Base: 2002. Disponível em: <[http://www2.condepefidem.pe.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?p\\_1\\_id=20012&folderId=1167150&name=DLFE-33160.pdf](http://www2.condepefidem.pe.gov.br/c/document_library/get_file?p_1_id=20012&folderId=1167150&name=DLFE-33160.pdf)>. Acesso em: 14 de março de 2012.

ALBUQUERQUE, M. J. C.; JATOBÁ, L. Solos. IN: ANDRADE, M. C (org.) **Atlas Escolar de Pernambuco**. João Pessoa, GRAFSET, 2003.

AMIN, Ash. **Uma Perspectiva Institucionalista Sobre o Desenvolvimento Econômico Regional** – Universidade de Durham, 1998.

AMUPE. Associação Municipalista de Pernambuco. **Anuário dos Municípios de Pernambuco**. Recife, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO (BNDES). **Mineração e Metalurgia**. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/setorial/ferro.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/setorial/ferro.pdf)>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Projeto: Análise do Mapeamento e das Políticas para Arranjos Produtivos Locais no Norte, Nordeste e Mato Grosso e dos Impactos dos Grandes Projetos Federais no Nordeste**. Nota Técnica 02: Arranjos produtivos locais no estado de Pernambuco: mapeamento, metodologia de identificação e critérios de seleção para políticas de apoio. BNDES/RedeSist. Pernambuco, S/D. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/empresa/pesquisa/Mapeamento\\_PE.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Galerias/Arquivos/empresa/pesquisa/Mapeamento_PE.pdf)>. Acesso em: 17 de julho de 2012.

BRANDÃO, Carlos. **Produção Social do Ambiente Construído e suas Escalas Espaciais: apontamentos para uma teorização sobre ações e decisões de sujeitos concretos**. In: FERNÁNDEZ, Víctor Ramiro; BRANDÃO, Carlos. Escalas y políticas Del desarrollo regional: desafios para América Latina. Buenos Aires/ Madrid, Miño y Dávila Editores/FCE-UNL, 2010.

BRASIL. MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. **Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR): Sumário Executivo**. Disponível em: <<http://www.integracao.gov.br/>>. Acesso em: 28/01/2012.

CARLEIAL, Liana. **A contribuição Neoschumpeteriana e o desenvolvimento Regional**. S/D.

CASSIOLATO, José; LASTRES, Helena. **Arranjos e Sistemas Produtivos Locais na Indústria Brasileira**. S/D. Disponível em: <[http://www.fiepr.org.br/sindicatos/sindimadmov/uploadAddress/Arranjo%20produtivo%20local%20Industria%20brasileira\[12799\].PDF](http://www.fiepr.org.br/sindicatos/sindimadmov/uploadAddress/Arranjo%20produtivo%20local%20Industria%20brasileira[12799].PDF)> Acesso em: 23 de outubro de 2012.

CORRÊA, Roberto. Espaço, um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, Iná de.; GOMES, Paulo César da C.; e CORRÊA, Roberto L. **Geografia: conceitos e temas**. 12<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. P. 15 - 47.

CRITCHLEY, Robert K. **Reavaliando sua Carreira: Redirecionar, Recomeçar ou Parar?** Tradução de Isabel de Paula e Silva Corrêa. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

DIAS, Leila C. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, Iná de.; GOMES, Paulo César da C.; e CORRÊA, Roberto L. **Geografia: conceitos e temas**. 12<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. P. 141-162.

GUEDES, Enildo Marinho. **Curso de Metodologia Científica**. 2<sup>a</sup> Ed. Curitiba: HD Livros Editora, 2000.

HAUG, W. F. **Crítica da Estética da Mercadoria**. Rio Claro: Editora UNESP, 1997.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <[http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm\\_hom\\_mul.php?codigo=26030A](http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_hom_mul.php?codigo=26030A)> Acesso em: 06 de agosto de 2012.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Arranjos Produtivos Locais (APLs). Sistema de Informação, Identificação e Mapeamento**. Diretorias de Estudos Setoriais – DISET, S/D.

\_\_\_\_\_. **Dinâmica Urbano-Regional: Rede Urbana e suas Interfaces**. Brasília, 2011.

JATOBÁ, L. Vegetação. IN: ANDRADE, M. C (org.) **Atlas Escolar de Pernambuco**. João Pessoa, GRAFSET, 2003.

KONDER, Leandro. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiro Passos; 23).

LUZ, Ricardo. **Trabalho alienado: por trás da estrutura do Capitalismo**. III Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – PUCRS, 2008. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IIImostra/Filosofia/62212%20-%20RICARDO%20SANTOS%20DA%20LUZ.pdf>> Acesso em: 22 de outubro de 2012.

MACHADO, Evandro. **REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: Artesanato, Manufatura, Fábrica e Indústria**. 2010. Disponível em: <[www.mortalcombate.net/artesanatomanufaturafabricaindustria.pdf](http://www.mortalcombate.net/artesanatomanufaturafabricaindustria.pdf)>. Acesso em: 20 de maio de 2012.

MARX, Karl. **O CAPITAL, Crítica da Economia Política**. Tradução de R. Barbosa e F. Kothe. Livro I, Vol. I. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. **O CAPITAL, Crítica da Economia Política.** Tradução de Sant'Anna. Livro I, Vol. II. 10ª Ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

MENDONÇA, Marcelo R.; THOMAZ JR, Antônio. **GEOGRAFIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA DO TRABALHO: o exemplo dos Povos Cerradeiros - Goiás – Brasil.** Adaptado de Tese de Doutorado – A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano. UNESP – Presidente Prudente/SP. S/D. Disponível em <[www.alasru.org/.../10-GT-Marcelo-Rodrigues-Mendonça-Antônio-T...](http://www.alasru.org/.../10-GT-Marcelo-Rodrigues-Mendonça-Antônio-T...)> Acesso em: 07 de junho de 2012.

MÉSZÁROS, István. **As contradições dos nossos tempos.** (Entrevista). 2011. Disponível em: <<http://www.diarioliberalidade.org/>>. Acesso em: 27 de maio de 2012.

MÉSZÁROS, István. **PARA ALÉM DO CAPITAL: Rumo a uma teoria da transição.** Tradução de P. C. Castanheira & S. Lessa. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MOREIRA, Ruy. **Trabalho e movimentos sociais no Brasil: um diálogo no âmbito da luta emancipatória?** Revista Pegada, Presidente Prudente, vol. 04, n. 01, jun. 2003. Disponível também em: <<http://www2.prudente.unesp.br/ceget/pegada/>>. Acesso em: 09 de junho de 2012.

MOTTA, Flávia Gutierrez. **Sistemas locais de produção e cadeias produtivas globais: estudo das diversas formas de inserção da indústria de móveis nos mercados e os impactos nas estruturas produtivas locais.** São Paulo: USP. Tese de doutorado, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3136/tde-19042007-152159/pt-br.php>>. Acesso em: 17 de julho de 2012.

SÁBATO, Ernesto. **Homens e Engrenagens: reflexões sobre o dinheiro, a razão e a derrocada de nosso tempo.** Campinas-SP: Papirus, 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **TÉCNICA, ESPAÇO, TEMPO: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional.** São Paulo: HUCITEC, 1994.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Artesanato: tendências do segmento e oportunidades de negócios.** Brasília: SEBRAE, s/d. 21p.

\_\_\_\_\_. **Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato.** Brasília: SEBRAE, 2010. 64p.

SILVA, Nelie Maria de Moraes. **A produção artesanal de mercadorias derivadas do couro e a organização do espaço geográfico em Cachoeirinha/PE.** Recife: Monografia de especialização, UFPE/PPGEO, 1999.

THOMAZ, Jr. **“LEITURA” GEOGRÁFICA DA PRÁXIS SOCIAL DO TRABALHO.** Revista Pegada, Presidente Prudente, vol. 06, n. 01, julho 2005. Disponível também em: <<http://www2.prudente.unesp.br/ceget/pegada/>>. Acesso em: 11 de junho de 2012.

VAINSENER, Semira Adler. **Artesanato do Nordeste do Brasil**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 11 maio de 2012.

VIANA, Lúcia de Fátima Espíndola e Silva. **O papel da produção artesanal de peças derivadas do aço e a organização espacial em Cachoeirinha: uma atividade complementar à produção de artigo para montaria**. 2000, Monografia (Especialização em geografia). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2000.

\_\_\_\_\_. **A pequena produção e comercialização do queijo em Cachoeirinha/PE: organização sócio-espacial, evolução e perspectivas**. Recife: Dissertação de Mestrado, UFPE/PPGEO, 2008.

## **APÊNDICES**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Pesquisa: **A ATIVIDADE PRODUTORA DE ARTIGOS EM COURO E AÇO DE CACHOEIRINHA-PE: Classificação, condições de trabalho e dimensionamento.**

Autora: Rosiane Elias de Macêdo

**Apêndice A: Entrevista feita as costureiras de peças de couro**

1. Nome:

\_\_\_\_\_

2. Idade: \_\_\_\_\_

3. N° de filhos: \_\_\_\_\_

4. Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_

5. Tempo que trabalha nessa atividade: \_\_\_\_\_

6. Realiza alguma atividade econômica paralela? ( ) Sim ( ) Não

7. A costura de peças é a sua principal fonte de renda? ( ) Sim ( ) Não

8. Consegue manter a família somente com essa atividade? ( ) Sim ( ) Não

9. Qual o nome da(s) peça(s) costurada (s)? \_\_\_\_\_

10. Quanto ganha por peça? \_\_\_\_\_

11. Quantas peças costura por semana? \_\_\_\_\_

12. Está satisfeita com a atividade desenvolvida?  Sim  Não  
Por que? \_\_\_\_\_

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Pesquisa: **A ATIVIDADE PRODUTORA DE ARTIGOS EM COURO E AÇO DE CACHOEIRINHA-PE: Classificação, condições de trabalho e dimensionamento.**

Autora: Rosiane Elias de Macêdo

**APÊNDICE B: Entrevista feita aos atravessadores**

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_
4. Há quanto tempo exerce essa atividade: \_\_\_\_\_
5. Realiza alguma atividade econômica paralela?     Sim     Não
6. Essa atividade é a sua principal fonte de renda?  Sim     Não
7. Com quais mercadorias você trabalha?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
8. Como adquire a mercadoria?  
 Diretamente dos produtores  
 Da “feira do couro e aço”  
 Das selarias  
 Outros. Quais? \_\_\_\_\_
9. Qual a forma de pagamento?  á vista     a prazo     outras formas, quais? \_\_\_\_\_

**10.** Qual é o seu principal público consumidor? ( ) Vaqueiros ( ) Fazendeiros  
( ) Revendedores ( ) Outros, quais? \_\_\_\_\_

**11.** Em média, quantos por cento se acrescenta no preço das mercadorias a serem vendidas?

\_\_\_\_\_

**12.** Paga impostos? ( ) Não

( ) Sim – Quais e quanto? \_\_\_\_\_

**13.** Quais os lugares de destino das mercadorias? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**14.** Quais pontos negativos você destaca no exercício dessa atividade? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**15.** Você está satisfeito com essa profissão? ( ) Sim ( ) Não. Por que?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Pesquisa: **A ATIVIDADE PRODUTORA DE ARTIGOS EM COURO E AÇO DE CACHOEIRINHA-PE: Classificação, condições de trabalho e dimensionamento.**

Autora: Rosiane Elias de Macêdo

**APÊNDICE C: Entrevista feita aos donos de selarias**

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_
4. Há quanto tempo exerce essa atividade? \_\_\_\_\_
5. Que atividade realizava anteriormente? \_\_\_\_\_
16. Como adquire a mercadoria?  
 Diretamente dos produtores  
 Da “feira do couro e aço”  
 Outros. Quais? \_\_\_\_\_
6. Qual a forma de pagamento da mercadoria adquirida?  á vista  a prazo  outra forma, qual? \_\_\_\_\_
7. Qual é o principal público consumidor?  
 vaqueiros  fazendeiros  revendedores  
 Outros -Quais? \_\_\_\_\_
8. Em média, quantos por cento se acrescenta no preço das mercadorias a serem vendidas?  
\_\_\_\_\_
9. Paga impostos?  Não  Sim – Quais e quanto? \_\_\_\_\_

10. O prédio onde funciona a selaria é: ( )alugado ( )próprio ( ) outro, qual?

11. Quantas pessoas trabalham com o (a) senhor (a)?

---

12. Quais produtos são comercializados?

---

---

---

13. Quais são os principais lugares de destino dos produtos comercializados? \_\_\_\_\_

---

---

14. Quais são as principais dificuldades encontradas na comercialização dos artigos?

---

---

---

15. Você está satisfeito com a atividade que exerce? ( ) Sim ( )Não, por que?

---

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Pesquisa: **A ATIVIDADE PRODUTORA DE ARTIGOS EM COURO E AÇO DE CACHOEIRINHA-PE: Classificação, condições de trabalho e dimensionamento.**

Autora: Rosiane Elias de Macêdo

**APÊNDICE D: Entrevista feita aos fornecedores de matéria-prima**

1. Nome: \_\_\_\_\_

2. Idade: \_\_\_\_\_

3. Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_

4. Há quanto tempo exerce essa atividade? \_\_\_\_\_

5. Que atividade realizava anteriormente?  
\_\_\_\_\_

6. Que tipo de matéria-prima fornece? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7. Como adquire a mercadoria? E onde? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

8. Qual a forma de pagamento? ( ) á vista ( ) a prazo ( ) outra forma qual? \_\_\_\_\_

9. Por quanto o produto é comprado na fonte? E por quanto é revendido?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

10. Em média, qual valor (ou peso) total de mercadorias vendidas na semana? \_\_\_\_\_

11. Paga impostos?  Não  Sim – Quais e quanto? \_\_\_\_\_

12. O prédio onde funciona o ponto comercial, é:  alugado  próprio  
 outro, qual? \_\_\_\_\_

13. Quantas pessoas trabalham com o (a) senhor (a)? \_\_\_\_\_

14. Quais são as principais dificuldades encontradas na comercialização da matéria-prima? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

15. Você está satisfeito com a atividade que exerce?  Sim  
 Não, Por que? \_\_\_\_\_

## **ANEXOS**

**Anexo A: Festa de exposição dos artigos de e aço**



Fonte: acervo pessoal do Sr. Jonas Costa.

**Anexo B: V festa de exposição dos artigos em couro e aço**



Fonte: acervo pessoal do Sr. Jonas Costa.

**Anexo C: Barraca de exposição representando o município de Cachoeirinha-PE**



Fonte: acervo pessoal do Sr. Jonas Costa.

**Anexo D: Desfile na festa de exposição do couro e do aço**



Fonte: acervo pessoal do Sr. Jonas Costa.

**Anexo D: Missa do “artesão”**



Fonte: acervo pessoal do Sr. Jonas Costa.

**Anexo E: Antigo arco de entrega da cidade de Cachoeirinha - PE**



Acervo da biblioteca municipal de Cachoeirinha - PE

**Anexo F: Estribo que era exposto na praça próxima a entrada da cidade**



Fonte: Acervo da biblioteca municipal de Cachoeirinha.

**Anexo G: Inauguração da COOACAL**



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Jonas Costa.